

**UNIVERSIDAD FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**MÍDIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL JUVENIL:  
RECEPÇÃO DO PROGRAMA MALHAÇÃO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Solange Prediger**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2011**

# **MÍDIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL JUVENIL: RECEPÇÃO DO PROGRAMA MALHAÇÃO**

**Solange Prediger**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação**.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Veneza Mayora Ronsini**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2011**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Mestrado em Comunicação Midiática**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação de Mestrado

**MÍDIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL JUVENIL: RECEPÇÃO DO  
PROGRAMA MALHAÇÃO**

Elaborada por  
**Solange Prediger**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Comunicação**

**Comissão examinadora**

---

**Veneza Mayora Ronsini, Dra. (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)**

---

**Ada Cristina Machado Silveira, Dra. (UFSM)  
Primeiro membro**

---

**Alberto Efendy Maldonado, Dr. (Unisinós)  
Segundo membro**

Santa Maria, dezembro de 2011.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, em especial, aos meus pais (Ricardo e Eladir), ao meu irmão (Sandro) e à minha cunhada (Anibel), que me incentivam a seguir nos estudos e, apesar da distância, estão sempre comigo!

À minha orientadora, professora Veneza Ronsini, que traçou comigo o rumo deste trabalho, me ensinou o norte da pesquisa e teve muita paciência com esta pesquisadora de primeira viagem!

Aos professores Ada Cristina Machado Silveira e Alberto Efendy Maldonado, por participarem da banca de qualificação e da banca de defesa desta dissertação.

Às jovens entrevistadas, que compartilharam comigo suas histórias, sua vida e o gosto pela 18ª temporada de Malhação.

À UFSM, por me acolher como acadêmica e moradora da Casa do Estudante. O ensino gratuito e de qualidade foi de suma importância para minha formação profissional!

Aos professores do POSCOM, que deram o suporte necessário para que eu pudesse entrar no mundo da pesquisa!

Aos colegas de mestrado que além de dividirem momentos de debate acerca da pesquisa, dividiram angústias, medos, lágrimas e sorrisos, típicos da vida e muito comuns nessa fase de estudos!

Aos amigos de Santa Maria, em especial, às colegas de apartamento, que estiveram ao meu lado nos momentos de alegria, tristeza e desabafo. Agradeço pelas conversas confortantes, pela ajuda e pela paciência de ouvirem a cada dia uma nova e longa história!

Aos familiares e amigos de Colinas, para onde eu “fugia” para recuperar o fôlego e buscar forças para novas etapas da pesquisa. Apesar da minha ausência, todos me recebiam de braços abertos a cada retorno!

A todos aqueles que, por algum motivo especial, entraram na minha vida e compartilharam comigo estes dois anos de pesquisa. Foi um tempo de estudo, dedicação, de vitórias e derrotas. Vitórias que serviram de motivação e derrotas que possibilitaram a abertura de novos horizontes, talvez mais prósperos, talvez mais difíceis, mas, sempre, importantes!

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **MÍDIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL JUVENIL: RECEPÇÃO DO PROGRAMA MALHAÇÃO**

AUTORA: SOLANGE PREDIGER

ORIENTADORA: VENEZA MAYORA RONSINI

Santa Maria, dezembro de 2011.

Este estudo centra-se no entendimento de jovens de classe popular e de sua relação com o meio de comunicação televisão. Investigamos a representação social juvenil e, por isso, temos em Malhação um exemplo rico cuja narrativa se pauta especificamente neste público. O objetivo da dissertação é compreender quais são as representações de juventude e de classe social construídas por Malhação e de que modo elas colaboram na construção da representação social do jovem. Os objetivos específicos do trabalho consistem em verificar como é construída a representação de juventude e de classe em Malhação; demonstrar como o programa representa a relação do jovem com as categorias empíricas família e relações afetivas, consumo e escola; verificar como se dá a recepção do programa, a partir da televisão, por jovens de classe popular, enfatizando o papel da classe social; verificar como o jovem se vê representado no programa e como constrói representações juvenis a partir disso, no que diz respeito à sua relação com cada uma das categorias empíricas citadas acima. A pesquisa será desenvolvida através de um estudo de recepção com base na metodologia da etnografia. As técnicas adotadas são a entrevista em profundidade, a observação participante, o diário de campo, as conversas informais, o registro visual e a assistência ao programa junto das entrevistadas. Como base teórica, utilizamos a abordagem dos estudos culturais e o modelo das Mediações Comunicativas da Cultura de Jesus Martín-Barbero. O estudo é desenvolvido com 6 jovens de classe popular da cidade de Santa Maria. Percebemos que a 18ª temporada foca nas relações entre diferentes classes sociais. Apesar disso, a temporada não utiliza o termo classe para se referir à posição social dos personagens. Assim, continua mascarando os reais conflitos de classe, amenizando a discussão acerca destas diferenças e mostrando que elas não importam, já que todos os jovens representados no programa têm acesso igualitário aos bens de consumo e às atividades de lazer. Portanto, Malhação não faz uma crítica à desigualdade e as jovens aceitam esta visão apresentada no programa, pois se veem representadas nele. Assim, apesar da realidade da classe média e alta ser representada majoritariamente, as entrevistadas veem-se representadas no programa principalmente no que se refere ao consumo, à família e à relação com os amigos. A discordância ocorre no que se refere à escola (elas não se veem representados na relação de união entre professores e alunos apresentada em Malhação), às relações amorosas (algumas jovens não assimilam a relação de amor entre os protagonistas com situações de sua realidade) e ao lazer (algumas jovens não se veem representadas em Malhação no que se refere aos hábitos de lazer). Mas esta discordância não está relacionada, em geral, com a questão da classe social e, quando se veem representadas no programa, esta identificação com personagens, famílias e ídolos da TV se dá preferencialmente por questões subjetivas, que não se relacionam com a cultura popular.

**Palavras-chave:** Programa Malhação. Mediações. Representação Juvenil. Classe Social. Recepção.

## ABSTRACT

Master's Dissertation  
Graduate TV show in Communication  
The Federal University of Santa Maria (UFSM)

### **MEDIA AND SOCIAL YOUTH REPRESENTATION: RECEPTION OF THE TV show "MALHAÇÃO"**

AUTHOR: PREDIGER, Solange  
GUIDANCE: RONSINI, Veneza Mayora  
Santa Maria, December, 2011.

This study focuses on understanding popular class youngsters and their relationship with the communication media television. We have investigated the social representation of youth and, therefore, have a rich example in "Malhação" whose narrative is guided specifically to that audience. The purpose of this work is to understand what are the representations of youth and social class built by "Malhação" and in which way they collaborate in the construction of social representations of the young. The specific objectives of the work are to verify how the representation of youth and class is constructed in "Malhação"; to demonstrate how the TV show represents the relationship between young people with family and affective relationships, consumption and school empirical categories; to verify how the reception of the TV show is done, from the television, by low income youth, emphasizing the role of social class; to see how the young people find themselves represented in the TV show and how they construct juveniles representations from that, with regard to their relationship with each of the empirical categories mentioned above. The research will be developed through a study of reception based on the ethnography methodology. The techniques used are the in-depth interview, participant observation, field diary, informal conversations, the visual record and the watching of the TV show with the interviewees. As a theoretical basis, we use the cultural studies approach and the Communicative Cultural Mediations model of Jesus Martin-Barbero. The study is developed with six popular class youngsters in the city of Santa Maria. We realized that the 18th season focuses on relations between different social classes. Nevertheless, the season does not use the term class to refer to the social position of the characters. So, it is still masking the real class conflicts, easing the discussion about these differences and showing that they do not matter, since all young people represented in the TV show have equal access to consumer goods and leisure activities. So "Malhação" does not critique the inequality and the youth accept this vision presented in the TV show, because they see themselves represented in it. Thus, despite the reality of middle and upper class largely represented, those interviewed see themselves represented in the TV show mainly regarding consumption and the relationship with family and friends. The disagreement occurs with regard to school (they do not see themselves represented in the relationship of union between teachers and students presented in "Malhação"), the love affairs (some youngsters do not assimilate the relation of love between the protagonists with situations of their reality) and leisure (some young people do not see themselves represented in "Malhação" with regard to leisure habits). But this disagreement is not related, in general, with the issue of social class, and when seeing themselves represented in the TV show, this identification with characters, families and idols of the TV is preferably made by subjective questions, which do not relate to popular culture.

**Keywords:** TV show "Malhação". Mediations. Juvenile Representation. Social Class. – Reception.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

<b>Figura 1 – Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura.....</b>	<b>2424</b>
<b>Figura 2 – Mapa das Mutações Culturais .....</b>	<b>25</b>

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1 - Personagens jovens da temporada 2010/2011 de Malhação .....</b>	<b>67</b>
<b>Tabela 2 - Personagens adultos da temporada 2010/2011 de Malhação.....</b>	<b>70</b>

## **LISTA DE APÊNDICES**

<b>APÊNDICE A – Entrevista aplicada I.....</b>	<b>143</b>
<b>APÊNDICE B - Entrevista aplicada II .....</b>	<b>146</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – OS ESTUDOS CULTURAIS E DE RECEPÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1.1 A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS CULTURAIS E DE RECEPÇÃO:</b> .....	<b>17</b>
<b>1.2 A CENTRALIDADE DAS MEDIAÇÕES NOS ESTUDOS DE JESÚS MARTÍN-BARBERO</b> .....	<b>21</b>
<b>1.3 O ESTUDO DA CLASSE SOCIAL COMO MEDIAÇÃO NA PESQUISA DE RECEPÇÃO</b> .....	<b>26</b>
<b>1.4 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>31</b>
1.4.1 Mediações Comunicativas da Cultura .....	37
1.4.2 A seleção das jovens participantes do estudo .....	39
<b>CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL</b> .....	<b>9</b>
<b>2.1 O JOVEM NO CENÁRIO ATUAL</b> .....	<b>42</b>
<b>2.2 A JUVENTUDE DE CLASSE POPULAR</b> .....	<b>50</b>
<b>2.3 MÍDIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL</b> .....	<b>52</b>
<b>CAPÍTULO 3 – PROGRAMA MALHAÇÃO: 16 ANOS NO AR</b> .....	<b>56</b>
<b>3.1 INSTITUCIONALIDADE: ASPECTOS DA PRODUÇÃO DE MALHAÇÃO</b> .....	<b>56</b>
3.1.1 Sobre a Rede Globo .....	56
3.1.2 Sobre o autor .....	60
3.1.3 Sobre o programa Malhação .....	62
<b>3.2 TECNICIDADE: OS DISCURSOS DE CLASSE EM MALHAÇÃO</b> .....	<b>667</b>
3.2.1 Representação jovem em Malhação.....	67
3.2.2 Consumo, família/relações afetivas e escola .....	80
<b>CAPÍTULO 4 – SOCIALIDADE: JOVENS E A VIDA EM SOCIEDADE</b> .....	<b>ERROR!</b>
<b>BOOKMARK NOT DEFINED.</b>	
<b>4.1 PERFIS DAS JOVENS ENTREVISTADAS</b> .....	<b>87</b>
<b>4.2 O DIA-A-DIA DAS JOVENS ENTREVISTADAS: A VIDA EM SOCIEDADE</b> .....	<b>90</b>
4.2.1 Percepções sobre a juventude .....	98
4.2.2 As jovens e os meios de comunicação.....	102
<b>CAPÍTULO 5 – RITUALIDADE: A RECEPÇÃO DE MALHAÇÃO</b> .....	<b>107</b>
<b>5.1 ESPAÇOS E MODOS DE VER: O PROGRAMA NO COTIDIANO E A RECEPÇÃO ATRAVÉS DA TV</b> .....	<b>107</b>
<b>5.2 LEITURAS DO PROGRAMA MALHAÇÃO</b> .....	<b>110</b>
5.2.1 A recepção das representações juvenis e de classe social .....	111
5.2.2 Consumo, família/relações afetivas e escola .....	116
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>1025</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>133</b>

## INTRODUÇÃO

Ao centrarmos este estudo no entendimento de um grupo específico, os jovens, percebemos que os estudos na área da comunicação que abordam questões referentes à juventude estão em expansão. Considerando as transformações da vida social nos mais diversos aspectos a partir da interferência das novas tecnologias da informação e da comunicação, é compreensível que os olhares se voltem para a percepção de novas formas de ser e habitar o espaço social. São modos plurais e singulares de se perceber a si, ao outro e ao mundo, proporcionados pela re-significação do tempo e do espaço através das novas ferramentas de comunicação.

Partindo da perspectiva de que as sensibilidades, experiências e relações sociais vêm sendo transformadas diante de uma fragmentação dos papéis, dos espaços e dos modos de atuação dos sujeitos, também nos empenhamos, assim como outros pesquisadores, em observar as re-significações pelas quais passam os jovens.

Os jovens vivem hoje a emergência das novas sensibilidades, dotadas de uma especial empatia com a cultura tecnológica, que vai da informação absorvida pelo adolescente em sua relação com a televisão à facilidade para entrar e mover-se na complexidade das redes informáticas (MARTÍN-BARBERO, 2003a, p. 66, grifos do autor)

É preponderante salientar que o papel das novas mídias não se sobrepõe àquele instituído pelas mídias anteriores. Ao contrário, os estudos tratam de observar a reordenação das mídias, suas novas configurações e suas relações com o social de forma a percebermos os códigos fundadores da cultura que se reestruturam e circulam através dos meios. Nesse contexto, as mídias anteriores, como a televisão, ainda possuem grande importância devido ao grande público que alcançam e ao ineditismo com que apresentam seus conteúdos. Levando isso em conta, bem como nosso interesse em estudar a juventude, buscamos observar a representação de juventude construída pela TV, a partir da análise de um programa específico, *Malhação*, e, a partir disso, entender a formação da representação social juvenil de receptores de classe popular através da recepção midiática do referido programa na TV.

O objetivo da dissertação é compreender quais são as representações de juventude e de classe social construídas por *Malhação* e de que modo elas colaboram na construção da representação social do jovem. Os objetivos específicos do trabalho consistem em verificar como é construída a representação de juventude e de classe em *Malhação*; demonstrar como o programa representa a relação do jovem com as categorias empíricas família e relações afetivas,

consumo e escola; verificar como se dá a recepção do programa, a partir da televisão, por jovens de classe popular, enfatizando o papel da classe social; verificar como o jovem se vê representado no programa e como constrói representações juvenis a partir disso, no que diz respeito à sua relação com cada uma das categorias empíricas citadas acima.

A categorização das classes dos jovens tomou como parâmetro a ocupação do chefe de família, critério elaborado por Quadros e Antunes (2001). Os autores abordam a questão da distribuição de renda no Brasil, nos anos 90, a partir da metodologia calcada em classes sócio-ocupacionais. Eles tomam como referência a proposta de W. Mills (1969), que analisa a sociedade contemporânea a partir de sua estrutura ocupacional, para construir uma estrutura equivalente no Brasil, através das possibilidades oferecidas nos questionários do IBGE (Censo Demográfico e PNAD). Os autores agrupam distintas ocupações e cruzam com a situação na ocupação e, assim, constroem os grupos ocupacionais que formam a estrutura ocupacional. Já a estrutura sócio-ocupacional é formada pela agregação dos indivíduos ocupados em suas famílias. Com base nela, os autores se aproximam da estrutura das classes sociais, criando quatro camadas a partir dos quais os grupos ocupacionais estão agrupados (QUADROS E ANTUNES, 2001).

Segundo os autores, na primeira camada se concentra a elite socioeconômica (proprietários que empregam mão de obra e pela alta classe média); na segunda, estão os setores intermediários (média classe média e proprietários de pequeno negócio familiar urbano); a terceira é composta pela massa trabalhadora urbana (baixa classe média, segmentos operários, assalariados populares e segmentos inferiores dos trabalhadores autônomos); e a quarta é composta pelo mercado de trabalho urbano (segmentos mais baixos de trabalhadores assalariados e autônomos e empregadas domésticas) e pelos agricultores familiares e trabalhadores rurais (QUADROS E ANTUNES, 2001). Como buscávamos jovens pertencentes à classe popular, priorizamos a busca por famílias pertencentes à quarta e, ainda, à terceira camada descrita pelos autores, as quais concentram ocupações consideradas de classe popular. Por isso, escolhemos as jovens cujos pais são pedreiros, serventes de pedreiro, empregadas domésticas, faxineiras e aposentados nestas ocupações.

Sendo nossa intenção investigar a construção da representação juvenil, temos no programa *Malhação* um exemplo rico, cuja narrativa se pauta especificamente neste público. O programa completou 16 anos de exibição em abril de 2011 e sua manutenção no ar durante tantos anos está atrelada, entre outros fatores, à aproximação alcançada entre a narrativa e a identificação do seu público. A abordagem temática de *Malhação* se baseia invariavelmente em aspectos do cotidiano jovem e suas tensões: sexualidade, família, escola, consumo, etc.

Embora não registre os índices de audiência na casa dos 42 pontos, como no início dos anos 2000, é possível afirmar que o programa mantém uma assistência significativa. Na região de Santa

Maria/RS, que será foco desta análise, a última pesquisa divulgada pelo IBOPE<sup>1</sup> aponta o programa com 33,3 pontos de audiência e 60,4% de participação no horário de exibição. Além disso, a audiência de Malhação encontra-se bastante pulverizada, sendo que a assistência do programa, na região de Santa Maria, considerado a faixa etária, divide-se da seguinte forma: 4 a 11 anos - 8,8%; 12 a 17 anos - 12,6%; 18 a 24 anos - 9,7 %; 25 a 49 anos<sup>2</sup> - 41,5%; 50 anos ou mais - 27,5%. Isso prova que o programa, além de atingir um número significativo de jovens, serve de suporte para que muitos pais introduzam assuntos relevantes ao universo juvenil na discussão com seus filhos. Assim, acreditamos que Malhação oferece uma representação de juventude que pode ser associada pelo jovem ao seu modo de vida, sua cultura e seus hábitos de consumo.

Além disso, percebemos que são poucos os estudos realizados sobre o programa, desde a sua criação, em 1995. Segundo o levantamento realizado a partir do banco de teses da CAPES<sup>3</sup>, entre os anos de 1995 e 2009, das 25 pesquisas encontradas que tratam do programa<sup>4</sup>, foram realizadas 19 pesquisas, em nível de pós-graduação *stricto sensu*, que têm como objeto central de análise o programa Malhação<sup>5</sup>. E, dentre as 25 pesquisas realizadas, 6 são da área da Comunicação<sup>6</sup> e as outras 19 se dividem entre outras áreas de estudo. O foco de análise das pesquisas apresentou-se bastante variado; são abordagens que analisam desde a produção televisiva e a imagem corporal, a intersecção entre o programa e a vivência escolar, a abordagem ficcional do jovem e do erotismo, até estudos sobre *merchandising* editorial, mediação docente e a construção de gênero feminino e masculino no programa.

De maneira geral, podemos dizer que ainda são poucos os estudos realizados na área da comunicação que se desenvolvem com referencial teórico-metodológico neste campo de estudos. Dai provém nosso interesse em analisar o programa, aliado ao desejo de investigar o público jovem, representado de forma única em Malhação. Percebemos que nenhum dos trabalhos pesquisados se dedica a analisar as apropriações e negociações de valores provenientes das

<sup>1</sup> Pesquisa divulgada pela RBS TV, afiliada da Rede Globo no RS, aferida entre 16 e 22 de junho de 2008. Disponível em <http://www.clicrbs.com.br/pdf/6402660.pdf>. Acesso em abril de 2010.

<sup>2</sup> O número de adultos que acompanha Malhação ID é um dado significativo que, segundo Andrade (2006, p. 10), foi contemplado pela emissora quando inseriu na trama personagens adultos e, aos poucos, aumentou sua participação na narrativa. Para Sousa (2007, p. 147), uma parte desta audiência dá-se pelos pais, que têm nos programas dirigidos aos adolescentes uma espécie de “material didático”, que possibilita acompanhar as discussões e posturas do universo adolescente na atualidade.

<sup>3</sup> Banco de Teses da Capes. Disponível em <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/>, acessado em 19 de abril de 2010.

<sup>4</sup> Gomes, 2000; Kohlsdorf, 2002; Herbest, 2003; Scoss, 2003; Oliveira, 2003; Abrão, 2003; Valério, 2004; Vieira, 2006; Menegaz, 2006; Patriota, 2006; Souza, 2007; Sousa, 2007; Fernandes, 2007; Nanaka, 2007; Dias, 2007; Suguaita, 2007; Santos, 2007; Silva, 2008; Rabaiolli, 2008; Souza, 2008; Assis, 2008; Sanches, 2009; Coutinho, 2009; Alves, 2000; Serra, 2008.

<sup>5</sup> Apenas os estudos de Kohlsdorf, 2002; Valério, 2004; Fernandes, 2007; Souza, 2008; Sanches, 2009 e Serra, 2008 não possuem Malhação como objeto central de análise.

<sup>6</sup> Gomes, 2000; Herbest, 2003; Scoss, 2003; Sousa, 2007; Dias, 2007; Suguaita, 2007.

relações estabelecidas entre público jovem e a recepção do programa na TV, enfatizando a representação social juvenil e a questão de classe, a partir das categorias empíricas da família e relações afetivas, do consumo e da escola, como propomos.

Ao centrar-se na observação das conexões entre comunicação e cultura, temos nos Estudos Culturais Latino-Americanos e nos estudos de recepção brasileiros nossa base teórico-metodológica para desenvolver a pesquisa, já que esta corrente de estudos tem seu foco na vida cotidiana, onde, a partir de contextos múltiplos e fragmentados, inserem-se produções, apropriações e negociações de sentidos resultantes das relações entre sujeitos e meios. Este campo de pesquisa que se dedica a estudar a relação entre a mídia, a comunicação e a cultura teve seu surgimento na década de 60, com a fundação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), em 1964, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008).

Na América Latina, estes estudos tiveram início em 1980. Um dos autores mais importantes a pensar os meios de comunicação através de uma visão cultural foi Jesús Martín-Barbero, que, juntamente com Néstor García Canclini, abordou os problemas e as questões que estavam emergindo no cenário empírico, político e cultural na América Latina. Mais centrado nos processos de recepção, Guilherme Orozco Gómez incorporou os estudos a partir da década de 1990 (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008). No presente estudo, adotamos a perspectiva de Martín-Barbero no que diz respeito à sua teoria acerca das mediações, já que buscamos entender a representação social dos jovens a partir de suas relações com o programa *Malhação* veiculado na TV, entendendo que esta relação perpassa por diferentes mediações.

Como verificamos no levantamento realizado, foram poucos os estudos que se relacionaram com a proposta dos Estudos Culturais, envolvendo questões como as mediações e a etnografia. Em síntese, das 25 pesquisas sobre *Malhação*, 6 tem o referencial teórico voltado para os estudos de recepção, 2 apresentam a expressão etnografia, 14 possuem a expressão jovens, 4 apresentam a expressão juventude e 2 apresentam a palavra representação social<sup>7</sup>. Em relação às metodologias adotadas por estes estudos, apenas dois são etnografias, mostrando que esta metodologia ainda é nova neste campo de estudo. Buscamos inovar ao desenvolver tanto o método da etnografia como compreender as categorias empíricas da família e das relações afetivas, da escola e do consumo na sua relação com os jovens, e a importância da classe como indicador empírico dos estudos.

Estudos de Jacks, Menezes e Piedras (2008) acerca da emergência dos estudos de recepção no Brasil também provam a inexistência de trabalhos realizados na década de 90

---

<sup>7</sup> Lembramos que duas ou mais palavras podem estar presentes em um mesmo trabalho. Por isso, a soma destes trabalhos excede o número de 25. Mas estamos tratando de 25 estudos diferentes, sendo que alguns deles apresentam duas ou mais das expressões pesquisadas.

semelhantes ao que propomos. Segundo as autoras (2008, p. 18), “das 1769 pesquisas, entre teses e dissertações, (...) somente 45 trataram da relação entre audiência e meios, os chamados estudos de recepção”. São numerosas as explorações sobre as especificidades dos gêneros, como a telenovela (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008), porém não verificamos nenhum estudo sobre Malhação. As autoras verificam que o meio de comunicação mais analisado foi a televisão e, apesar disso, acreditamos que muito ainda há para se discutir a respeito da TV.

Com relação aos procedimentos e técnicas, poucos trabalhos buscam perceber a relação entre o receptor e o gênero midiático televisivo, sendo que a maioria desconsidera os aspectos textuais e os da produção midiática (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008). Buscamos avançar ao analisar a relação entre os receptores e o meio de comunicação televisão, analisando a produção e o produto midiático. Além disso, são poucas as pesquisas acerca da relação do jovem com este meio, sendo que apenas 12 destes estudos possuem o jovem como parte de seus objetos de estudo, entre as quais, somente 6 tratam o tema a partir da recepção (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 177). Entre os temas abordados, não verificamos a existência de algum estudo de recepção que analise especificamente jovens de classe popular, entendendo a classe como indicador empírico, tampouco um estudo que relacione estes jovens com as categorias já mencionadas, no que se refere à representação juvenil. Isso mostra a relevância do nosso trabalho.

Além disso, se tomarmos como base os estudos realizados no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria, encontraremos, entre as 38 dissertações defendidas até o momento, apenas 6 estudos<sup>8</sup> que têm como princípio teórico-metodológico os Estudos Culturais Latino-Americanos (todos considerados estudos de recepção). Entre estes, 4 adotam a metodologia da etnografia<sup>9</sup>. Além disso, dos 6 estudos, 5 trabalham com a análise do meio de comunicação televisão<sup>10</sup>. Apesar da predominância de sua análise entre os estudos, optamos por também trabalhar com a TV, pois entendemos que o jovem ainda tem bastante contato com este veículo, além de ser ele um importante disseminador da representação juvenil.

Todos os estudos enfocam a perspectiva das mediações, seja através dos estudos de Martín-Barbero ou de Orozco Gómez. O presente estudo adota o mesmo viés, já que utilizamos o modelo das mediações de Martín-Barbero. No entanto, avançamos ao analisar a recepção do meio televisivo por jovens de classe popular, a fim de entender qual a

---

<sup>8</sup> (ROSSATTO, 2008; DIAS, 2009; OLIVEIRA, 2008; SIFUENTES, 2010; WOTTRICH, 2011; SILVA, 2011)

<sup>9</sup> (ROSSATTO, 2008; SIFUENTES, 2010; WOTTRICH, 2011; SILVA, 2011).

<sup>10</sup> (OLIVEIRA, 2008; ROSSATO, 2008; SIFUENTES, 2010; WOTTRICH, 2011; SILVA, 2011)

representação de classe e de juventude dos jovens a partir da assistência de Malhação. Até o momento, apenas 3 estudos foram realizados enfocando o público jovem<sup>11</sup>, sendo que nenhum deles enfoca o viés pretendido por nosso trabalho.

Em se tratando da questão de classe, entre os estudos de 90, a compreensão das classes se deu para além dos tradicionais sentidos de diferenciação social (MURDOCK, 2009). Assim, entendemos a classe não como uma diferença a mais, mas como um “importante princípio estrutural de cada aspecto da vida no capitalismo recente (...)” (MURDOCK, 2009, p. 32). Enquanto muitos autores acreditam que a classe não importa, entendemos que ela atua como um organizador de todas as demais diferenças sociais entre os homens: etnia, raça, gênero. Como afirma Murdock (2009, p. 33), “a classe pode ter sido abolida retoricamente em muitos textos, mas uma quantidade impressionante de evidência empírica confirma que ela permanece como uma força essencial para modelar a maneira como vivemos hoje”. Nesse sentido, acreditamos que a diferença de classe entre jovens influencia na formação de sua representação social.

Em relação à metodologia adotada em nossa análise, é pertinente lembrar que o objeto central da pesquisa se constrói a partir das relações instituídas entre as narrativas de Malhação e seus receptores, sendo consideradas as construções, as apropriações e as negociações de sentido oriundas destas conexões. Isso implica dizer que devemos nos debruçar na recepção do programa televisivo e, tendo em vista o estudo aprofundado que esta perspectiva exige, direcionamo-nos para um recorte do universo a ser pesquisado que privilegiasse o acesso direto, presencial, aos indivíduos participantes da pesquisa. Tornou-se preponderante, portanto, localizar, na cidade de Santa Maria/RS, jovens que assistem Malhação e se apropriam dos valores presentes na trama a partir do acesso à televisão.

A análise fundamenta-se nas mediações socialidade, ritualidade, institucionalidade e tecnicidade propostas por Jesús Martín-Barbero (2002a; 2003b), chamadas de mediações comunicativas da cultura. Será dada maior importância à socialidade e à ritualidade, tendo em vista que estas se configuram no âmbito da recepção e serão analisadas através da recepção do programa por parte dos jovens. As outras duas (tecnicidade e institucionalidade) configuram-se no nível da produção de Malhação e serão brevemente analisadas tendo em vista que entender a produção auxilia no estudo de recepção. O entendimento de cada uma das mediações bem como a forma como ela será analisada será explicada na sequência deste estudo. Tendo em vista o modelo das mediações, entendemos que a construção da representação

---

<sup>11</sup> (ROSSATO, 2008; SIFUENTES, 2010; SILVA, 2011)

juvenil será observada a partir de aspectos da vida cotidiana e da interação entre audiência e meios. Assim, a pesquisa se baseia na apreensão de significações e sensibilidades de modo aproximado e contextualizado, tratando-se de um estudo de recepção com base na metodologia da etnografia. As técnicas adotadas são a entrevista em profundidade, a observação participante, o diário de campo, as conversas informais, o registro visual e a assistência ao programa junto das entrevistadas. A convivência com as jovens e suas famílias, as conversas informais e a assistência ao programa junto das entrevistadas também auxiliarão nossa análise.

O estudo é dividido em cinco capítulos. No primeiro, fazemos um relato sobre a importância e a trajetória dos Estudos Culturais e de Recepção na pesquisa em Comunicação, e desenvolvemos um relato sobre a centralidade das mediações, tendo como base os estudos de Martín-Barbero. Depois, apresentamos uma análise dos estudos de Classe Social como mediação na pesquisa de recepção e, por fim, apresentamos o percurso metodológico do estudo desenvolvido, através da proposta das Mediações Comunicativas da Cultura.

No capítulo dois, tratamos da questão do jovem no cenário atual e, especificamente, do jovem de classe popular. Descrevemos o entendimento que temos da representação social de juventude presente no cotidiano das pessoas, bem como divulgada ou até mesmo construída pela mídia. No capítulo três, apresentamos o programa Malhação como objeto de estudo e descrevemos, a partir da mediação “institucionalidade”, aspectos da produção de Malhação no que diz respeito à Rede Globo, aos autores e em relação às sinopses e personagens da trama. Já em relação à mediação “tecnicidade”, apresentamos os discursos de classe e a representação jovem que aparece em Malhação bem como a forma como o programa mostra a relação do jovem com a família/relações afetivas, o consumo e a escola.

No capítulo quatro, fazemos uma análise da mediação “socialidade”, sendo que se trata do dia a dia dos jovens entrevistados e de suas vidas em sociedade, de modo a apresentar o perfil dos jovens e suas percepções sobre a juventude e os meios de comunicação. No último capítulo, tratamos da “ritualidade”, através da qual falamos da recepção juvenil de Malhação através da TV. Apresentamos os espaços e os modos de ver o programa por parte dos jovens, bem como as leituras do programa no que diz respeito às categorias consumo, família/relações afetivas e escola bem como no que se refere à recepção das representações juvenis e de classe dos jovens entrevistados.

## **CAPÍTULO 1 – OS ESTUDOS CULTURAIS E DE RECEPÇÃO**

### **1.1 A importância dos Estudos Culturais e de Recepção**

Os Estudos Culturais (EC) iniciam no final de 1950, através dos pesquisadores Richard Hoggart, Edward Palmer Thompson e Raymond Williams. Mais tarde, Stuart Hall incorpora o grupo de estudiosos. A história destes estudos está ligada ao Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), fundado em 1964, na Universidade de Birmingham (Inglaterra); no entanto, eles se desenvolveram em diversos países, paralelamente aos estudos britânicos (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005). Estes estudos valorizam a experiência dos sujeitos para promover mudanças sociais. A vida e as atividades sociais dependem dos processos de produção de sentido e, por isso, para os EC, a pesquisa de comunicação não focaliza somente os meios, mas também o espaço do circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática. “(...) os estudos culturais estão interessados nas relações entre textos, grupos sociais e contextos, ou ainda (...) entre práticas simbólicas e estruturas de poder” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 39).

Os EC não consideram as audiências como sendo passivas e homogêneas e entendem que os textos midiáticos possuem sentidos transparentes e, por isso, os EC valorizam a produção de sentidos. A cultura popular é vista como discurso social relevante que merece ser pesquisado. Assim, entendemos que as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação são estruturadas de tal forma que se tornam relevantes para a audiência de acordo com as práticas sociais e culturais desta mesma audiência. Além disso, a análise dos EC contempla não apenas a mensagem ou os discursos da comunicação mas também dá maior importância ao uso que é feito destas mensagens por parte dos receptores e à posição social ocupada por eles (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005).

Um dos marcos dos EC é a redefinição do conceito de cultura, que passa a ser pensada como uma entidade heterogênea que pode interferir no contexto em que está inserida. Desde 1960, a cultura designa “os processos de produção, circulação e consumo da significação na vida social” (GARCÍA CANCLINI, 2007, p. 57). Este conceito é importante, pois considera a cultura como um processo em que os significados podem mudar, mas não explica por que cada cultura é diferente de outra. Assim, a partir de 1990, vários autores repensam este

conceito. Até mesmo García Canclini reelabora o conceito e entende que este conjunto de processos se realiza numa situação de interculturalidade. Ou seja, a cultura é pensada como sendo não apenas a produção de traços, mas a forma como consumo e faço circular estes traços, levando em conta a interculturalidade, o hibridismo cultural da sociedade atual.

A interculturalidade refere-se ao confronto e ao entrelaçamento que decorre das relações e dos intercâmbios entre diferentes grupos, os quais são analisados em relação a outros grupos, numa situação de negociação e conflito (GARCÍA CANCLINI, 2004). Segundo o autor, é esta nova situação que incita as pesquisas recentes acerca do conceito de cultura, o qual é diferente do conceito de ideologia: o primeiro possui uma abrangência muito maior, pois “não só representa a sociedade, também, cumpre a função de reelaborar as estruturas sociais e imaginar novas”, enquanto o conceito de ideologia não permite esse entendimento, além de ser reduzido, na visão marxista, a interesses de classe e formas de dominação da classe dominante (ESCOSTEGUY, 2010, p. 96).

Tendo em vista que os EC passaram a dar importância para a análise das classes populares, o conceito de cultura ganha destaque. Segundo Escosteguy (2010, p. 96-97), autores como Hall, Martín-Barbero e García Canclini compreenderam que “a cultura não é determinada pela estrutura e que a ideologia não é mero reflexo das condições de produção e que ambas são constituídas e constituem a estruturação da sociedade”. Eles entenderam a “cultura/comunicação como constitutiva da trama social, portanto contribuindo tanto para a reprodução quanto para a transformação e renovação do tecido social vigente”.

No processo de interculturalidade que interfere no atual conceito de cultura, influenciam tanto os movimentos migratórios, auxiliados pela globalização, quanto a comunicação midiática, que, através dos meios audiovisuais, do correio eletrônico e das redes sociais, aproximam as pessoas e promovem a produção, circulação e consumo da significação da vida social, da qual trata García Canclini. Como a temática em voga nos anos 70 era a questão das subculturas, bem como a discussão acerca dos meios de comunicação como aparelhos ideológicos utilizados pelo Estado, os EC ganharam força e se desenvolveram, já que buscavam trazer para a discussão problemáticas das classes populares, a questão da cultura, da ideologia e do poder. A incorporação das reflexões de Antônio Gramsci sobre o tema da hegemonia promoveu uma nova ênfase na análise da cultura popular. O popular passou a ser visto como um grupo heterogêneo, que não se constitui apenas através de uma posição de pertencimento fixo a uma classe. Mas, como mostra Escosteguy (2010, p. 118), é somente a partir de 1980 que a cultura popular será analisada como um dos elementos de articulação do consenso social e, de

maneira geral (levando em conta as reflexões de Hall, Martín-Barbero, García Canclini e Gramsci), a

noção de popular a partir do olhar dos estudos culturais não se refere diretamente às mercadorias produzidas pelas indústrias culturais, muito menos refere-se às tradições folclóricas. Ao invés, o popular refere-se a uma visão específica da relação entre povo e poder, a uma visão de onde e como o poder está localizado na vida das pessoas.

Nesse sentido, analisar a cultura das classes populares representava entender como cada grupo da sociedade se apropria e interpreta os produtos materiais e simbólicos com os quais tem contato. Assim, ganham importância os estudos sobre recepção e apropriação de bens e mensagens na sociedade contemporânea, pois “muestran cómo un mismo objeto puede transformarse a través de los usos y apropiaciones sociales. Y también cómo, al relacionarnos unos con otros, aprendemos a ser interculturales (GARCÍA CANCLINI, 2004, p. 34).

Levando em conta estas questões, procuramos entender como jovens de classe popular se apropriam e interpretam o produto midiático Malhação, aceitando ou refutando a representação juvenil e de classe apresentada pelo mesmo e construindo representações a partir do contato com diferentes apresentações de juventude, disseminadas em Malhação.

No que diz respeito à análise das classes populares, o modelo analítico de Stuart Hall, conhecido como Codificação/Decodificação e publicado em 1973, foi o ponto de partida para deslocar o foco da análise do texto para a análise também da audiência (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005). Segundo Hall (2003), o processo de produção necessita, para funcionar, de meios e do conjunto de relações sociais. É através do discurso que o produto circula e é distribuído para diferentes audiências. Depois de produzido, este discurso deve ser transformado novamente em práticas sociais, para que o circuito seja completado e produza efeitos. O autor considera a recepção também como um momento de produção de sentido e, nesse caso, o discurso produzido na codificação não é o único dominante, já que o receptor também produz um discurso. Assim, produção (codificação) e recepção (decodificação) não são momentos idênticos, mas estão relacionados dentro do processo de comunicação.

A partir das perspectivas de Hall, das reflexões de autores que adotaram seu modelo (David Morley e Sujeong Kim) e de outros estudos importantes como o de Ien Ang (“Watching Dallas”, publicado em 1982), ocorre o que os estudiosos chamam de “virada etnográfica” do campo; a ênfase continua sobre o entendimento do receptor, mas busca-se compreender os contornos da formação de sua identidade e o papel dos meios de comunicação nesse processo. Com isso, diversos estudos foram realizados para mostrar a

importância da relação entre recepção e cotidiano na construção das mensagens, e a pesquisa sobre recepção midiática no que se refere ao âmbito dos EC passou por diferentes momentos.

No contexto Latino-Americano, os EC iniciam em 1980. Seu enfoque privilegia as conexões entre comunicação e cultura; além disso, buscam a experiência dos sujeitos em relação aos meios de comunicação, já que são eles que cotidianamente ressignificam os produtos da mídia a partir de sua cultura. Os autores mais representativos foram Jesús Martín-Barbero, que repensou a relação entre os meios e os sujeitos e, juntamente com Néstor García Canclini, Jorge González e Renato Ortiz, destacou como a cultura popular escapa do poder da indústria midiática internacional. Estes autores dão vazão aos interesses populares e, juntamente com Guilherme Orozco Gomez, foram reconhecidos internacionalmente pela pesquisa desenvolvida no âmbito dos estudos culturais latino-americanos. Estes estudos foram conhecidos como de recepção/pesquisas de audiência (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005) e surgiram com a premissa de que a recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação, mas um lugar novo, de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação (Martín-Barbero, 1995).

Dessa forma, ganham relevância o contexto, as interações, os sujeitos e, assim, os estudos de recepção. Nestes, a mensagem dos meios está aberta a diferentes decodificações e a audiência é tratada como sendo ativa e produtora de sentidos. Comum em todas as perspectivas desenvolvidas neste período é a mudança do olhar em relação ao processo comunicativo, sendo que os estudos atuam no deslocamento da análise dos meios de comunicação para a análise dos processos de consumo e de decodificação por parte da audiência. Segundo Martín-Barbero (2002b, p. 13), “(...) os estudos culturais legitimam o deslocamento que possibilita que a pesquisa caminhe dos meios para os atores sociais integrados em práticas sociais e culturais que os extrapolam. Este deslocamento constitui o eixo da vertente latino-americana das mediações”. As formulações deste autor destravaram questionamentos das teorias dominantes na pesquisa latino-americana em comunicação a partir de 1980 e, assim, renovaram a pesquisa de recepção.

No que se refere à trajetória brasileira dos estudos culturais e de recepção, percebemos que, até a década de 90, a pesquisa brasileira assumiu um aspecto de narrativa, pois apenas eram descritos estudos desenvolvidos fora do país (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005). A partir dessa década, os estudos passam a considerar o espaço cultural do receptor e o papel das mediações nas relações entre sujeitos e meios de comunicação. Além de Martín-Barbero, as contribuições de García Canclini foram adotadas nos estudos brasileiros. Em relação ao número total de estudos desenvolvidos, o estado da arte das pesquisas brasileiras realizadas

entre 1990 e 1999 mostra que foram produzidos 45 pesquisas com foco na relação entre audiência e meios, dentre as 1769 pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação existentes no país (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008). Nesse contexto, Lopes, Borelli e Resende (2002) identificam apenas sete pesquisas de recepção na perspectiva das mediações. Somente a partir da segunda metade da década de 90 é que ocorre o reconhecimento da contribuição da perspectiva das mediações pela comunidade acadêmica brasileira, o que viabilizou os debates acerca dos EC de um modo geral. Isso mostra que a trajetória dos estudos de recepção brasileiros, bem como o entendimento de que estes pertencem a uma tradição maior, que são os EC, é muito recente (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005).

Entendemos que os estudos de recepção, apesar de não darem conta de explicar todo o processo de comunicação, possibilitam considerá-lo, já que devemos levar em conta tanto os receptores como as esferas do seu cotidiano e de suas relações com o mundo. Assim, não analisamos somente a audiência, nem somente o meio, mas a interação entre eles. É isso que pretendemos fazer neste estudo de recepção: analisar aspectos da produção e da recepção de *Malhação*, a fim de compreender como e de que forma a interação entre ele e os jovens pode interferir na representação de jovens de classe popular.

Nesse sentido é que adotamos a perspectiva das mediações de Jesús Martín Barbero e, por meio do seu modelo das Mediações Comunicativas da Cultura, descrevemos aspectos da produção de *Malhação* – através das mediações institucionalidade e tecnicidade – e aspectos da interpretação realizada por jovens de classe popular que assistem ao programa – através das mediações socialidade e ritualidade. Pretendemos desenvolver com maior precisão as duas últimas mediações, que dizem respeito à recepção, através da pesquisa empírica com foco nos receptores. A institucionalidade e a tecnicidade são também apresentadas, a fim de auxiliar no entendimento da relação entre jovens e o meio de comunicação televisão.

## **1.2 A centralidade das mediações nos estudos de Jesús Martín-Barbero**

Tendo em vista os diferentes olhares acerca das mediações no estudo de Martín-Barbero, apresentamos a evolução do pensamento do autor sobre este tema e, a partir disso, refletimos sobre as mediações analisadas neste estudo. Este autor busca entender a relação entre receptores e meios, bem como a inserção das camadas populares latino-americanas no contexto de subdesenvolvimento e de acelerada modernização, que gera novas identidades e

novos sujeitos, forjados, especialmente, pelas tecnologias de comunicação. A comunicação, para ele, assume o sentido de práticas sociais onde o receptor é produtor de sentidos e o cotidiano é o espaço de pesquisa; ele analisa a comunicação a partir da cultura e entende que o receptor também produz, pois ressignifica e reelabora conteúdos massivos, conforme sua experiência cultural (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005).

Os dois textos iniciais de Martín-Barbero foram “Retos a la investigación de comunicación em América Latina”, de 1984, e “Perder el objeto para ganar el proceso”, também de 1984. Mas foi em sua obra seminal, “De los medios a las mediaciones”, de 1987, que ele propõe o deslocamento da “análise da comunicação para onde o sentido é produzido, ou seja, para o âmbito dos usos sociais” (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 33). O autor apresenta o conceito de mediações como sendo as que produzem e reproduzem os significados sociais, e permitem compreender a interação entre a produção e a recepção, sendo que não se analisam os meios, mas onde os sentidos são produzidos (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005), ou seja, ele desloca a análise dos meios às mediações.

Entendendo a comunicação como práticas sociais, o autor utiliza o conceito de mediação como a categoria que liga a comunicação à cultura. As mediações são os lugares que estão entre a produção e a recepção. Pensar a comunicação sob a perspectiva das mediações significa entender que entre a produção e a recepção há um espaço em que a cultura cotidiana se concretiza (WOTRICH, SILVA, RONSINI, 2009, p. 3).

O autor passa a considerar o lugar das classes populares nos estudos, e não mais sua passividade. Isso faz emergir, na América Latina, uma nova valorização do cultural, bem como se formam novos sujeitos e novas formas de resistência (MARTÍN-BARBERO, 1997). A comunicação, até então apresentada como uma teoria e pensada como tecnologia, passou a ser entendida como um processo e pensada a partir da cultura. Com base nisso, Martín-Barbero (1997) propõe a análise baseada em um novo mapa, que sirva para pensar a questão cultural no interior da política e a comunicação na cultura bem como reconhecer a situação a partir das mediações e dos sujeitos. Assim, passa a tratar das mediações culturais da comunicação: cotidianidade familiar, temporalidade social e competência cultural.

Para tratar da mediação cotidianidade familiar, Martín-Barbero (1997, p. 293) trata da família. Segundo ele, a família ainda representa, para a maioria das pessoas, a “situação primordial de reconhecimento”. Ela é um dos espaços em que ocorre a leitura e a codificação das mensagens dos meios de comunicação. Dizemos que “a cotidianidade é o espaço em que as pessoas se confrontam e mostram como verdadeiramente são, através das relações sociais e da interação dos indivíduos com as instituições” (WOTRICH, SILVA, RONSINI, 2009, p. 3)

Para explicar a mediação da temporalidade social, Martín-Barbero (1997) apresenta a existência de dois tempos: o tempo que é valorizado pelo capital e o tempo que não é feito de unidades contábeis, mas, sim, de fragmentos. O autor afirma que o tempo em que se organiza a programação televisiva é constituído destes dois tipos de tempos e, dessa forma, “cada programa, ou melhor, cada texto televisivo remete seu sentido ao cruzamento de gêneros e tempos” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 296). Por fim, a competência cultural refere-se ao conhecimento cultural que as pessoas possuem e que interfere na decodificação das mensagens dos meios de comunicação, passando a ser considerada uma mediação. Além disso, ela “diz respeito a toda vivência cultural que o indivíduo adquire ao longo da vida, não apenas através da educação formal, mas por meio das experiências adquiridas em seu cotidiano” (WOTRICH, SILVA, RONSINI, 2009, p. 4).

Em 1990, Martín-Barbero repensa as mediações em seu artigo “De los medios a las practicas” e sugere que as três mediações propostas até então sejam transformadas em três dimensões – socialidade, ritualidade, tecnicidade (Martín-Barbero, 1990 apud RONSINI, 2010). A sociabilidade estaria relacionada com a interação social levando em contas as negociações do indivíduo com o poder e com as instituições. A ritualidade estaria relacionada com as rotinas do trabalho e com a produção cultural. E a tecnicidade refere-se às características do próprio meio (ESCOSTEGUY, 2010).

Depois disso, Martín-Barbero pensa seu modelo novamente e, à luz das mesmas preocupações, trata do modelo teórico das mediações comunicativas da cultura. Este aparecerá no livro “Oficio de Cartógrafo”, publicado em 2002 e, posteriormente, no prefácio à 5ª edição da tradução do livro “De los medios a las mediaciones”, publicado em 2003. No modelo, o autor dá mais atenção para a cultura e as mediações pensadas a partir da comunicação, e não somente para as mediações sociais e culturais dos meios de comunicação.

Martín-Barbero confronta a visão de que as tecnologias são a única mediação entre os povos e o mundo, quando na verdade o que elas medeiam é a transformação da sociedade em mercado, bem como deste mercado em principal agenciador da mundialização (MARTÍN-BARBERO, 2002a; 2003b). Torna-se importante a análise de outras mediações socioculturais que interferem no cotidiano das pessoas e em sua relação com os meios de comunicação. Além disso, surgem novos atores e movimentos sociais, os quais “introducen nuevos sentidos de lo social y nuevos usos sociales de los medios” (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p. 226).

Nesse contexto, o autor destaca as seguintes mediações: socialidade, ritualidade, tecnicidade e institucionalidade. Estas estão dispostas entre dois eixos: um diacrônico - que tensiona as Matrizes Culturais e os Formatos Industriais - e outro sincrônico - que tensiona as

Lógicas de Produção e as Competências de Recepção e de Consumo (MARTÍN-BARBERO, 2002a; 2003b). Cada mediação medeia a relação entre dois dos diferentes eixos. O modelo é apresentado abaixo, na Figura 1:



**Figura 1** – Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura

Em 1990, Martín-Barbero já tratava das três primeiras mediações, as quais, na época, eram consideradas dimensões (socialidade, ritualidade, tecnicidade). O autor avança ao considerar a mediação institucionalidade e ao mostrar a utilidade do modelo para entender a relação entre comunicação, cultura e política. Ele reconheceu que “a comunicação estava mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos. Portanto, o olhar não se invertia no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 153).

Entendemos que, nos eixos “lógicas da produção” e “formatos industriais”, concentra-se a preocupação com a organização do discurso dos meios de comunicação, a partir de diferentes interesses (políticos, econômicos, mercantis, etc), a fim de que este discurso seja recebido corretamente pelo receptor. Já os eixos “matrizes culturais” e “competências de recepção/consumo” estão mais direcionados ao receptor. O primeiro leva em conta o capital cultural e as transformações no imaginário de quem recebe o discurso e o segundo se refere ao momento de produção de sentido, quando da recepção do discurso. Em relação às mediações, seu entendimento será exposto ao longo deste estudo.

Atento às mudanças e à introdução de novas tecnologias, Martín-Barbero avança em suas teorizações e trata, em coletânea organizada por Dênis de Moraes (2006), de três novos conceitos: tecnicidade, identidade e alteridade. Neste texto, o autor “descreve sua preocupação com as identidades e tecnicidades no ambiente informacional difuso e

descentrado, cujo novo gerente é o computador (...)” (RONSINI, 2010, p. 6-7). Já em 2009, em entrevistas concedidas às revistas *Matrizes* (2009a) e *Fapesp* (2009b), Martín-Barbero apresenta sua mais recente discussão: o Mapa das Mutações Culturais. O modelo deste mapa está representado abaixo, na Figura 2:



**Figura 2** – Mapa das Mutações Culturais

Neste modelo, Martín-Barbero trata dos tempos, espaços, fluxos e migrações, e das mediações tecnicidade, ritualidade, cognitividade e identidade. As duas primeiras mediações permanecem nos mesmos lugares, mas a mediação cognitividade substitui a antiga socialidade, e a mediação identidade substitui a institucionalidade. Para o autor, as mediações “passam a ser transformação do tempo e transformação do espaço a partir de dois grandes eixos, ou seja, migrações populacionais e fluxos de imagens” (MARTÍN-BARBERO, 2009b, p. 8). No contexto das grandes migrações de população e do fluxo de imagens e de informação, Martín-Barbero trata das duas mediações que, para ele, são fundamentais atualmente: a identidade e a tecnicidade.

Mesmo avançando em seus estudos, o autor não abandona a perspectiva das mediações e a concepção do poder das classes subalternas e da cultura popular. Sua luta é para demonstrar que os receptores são ativos no processo de comunicação e que diferentes mediações interferem no processo de recepção das mídias. Quais são essas mediações e como elas atuam são fatores que estarão sempre em mutação, afinal, nossa sociedade muda e, com ela, mudam os hábitos, os seres humanos e os modos de formar nossa própria representação.

Para promover a análise da recepção do programa *Malhação* por jovens de classe popular, adotamos a perspectiva das mediações comunicativas da cultura, através das mediações socialidade, ritualidade, tecnicidade e institucionalidade. Antes de apresentar como cada categoria será analisada, fazemos um resgate histórico da abordagem de classe social

como mediação na pesquisa de recepção, a fim de justificar a importância de considerar esta categoria determinante em nosso estudo.

### **1.3 O estudo da Classe Social como mediação na pesquisa de recepção**

Nos estudos de Comunicação, a questão das classes sociais está associada à esfera da produção, principalmente nas teorias que foram desenvolvidas em 1970, as quais tratavam os meios de comunicação como instrumentos para propagar a ideologia das classes dominantes sobre as classes dominadas. Apesar de muitos estudiosos terem declarado a “morte” do conceito, como diz Murdock (2009), outros continuaram dando a merecida atenção a ele. Isso foi importante para os estudos de mídia e cultura, no momento em que o consumo dos meios de comunicação não era visto somente como um ato cotidiano, mas que interfere na vida do sujeito, assim como sua posição social interfere. Assim, não podemos, como mostra Murdock (2009), considerar a “morte” do conceito de classe, já que as desigualdades existem e desconsiderá-las seria acreditar que elas não interferem na vida de cada sujeito.

O conceito “classe” não é novo, sendo que surgiu antes de 1820 para descrever as divisões econômicas da época, já que os termos “classificações” e “posições” estavam ultrapassados. Dentre os autores que buscaram mapear as mudanças nas relações da classe, Marx foi o mais influente. Ele via a “classe como um princípio fundamental de divisão social e a luta de classes como o instrumento de princípio da mudança histórica”, porém morreu sem detalhar exatamente o conceito (MURDOCK, 2009, p. 34). Assim, analisar as classes significa analisar a luta de classes, protagonizada pelos proprietários dos meios de produção e pelos produtores, os quais estariam em uma relação de exploração.

Ao longo da sua obra, Marx apresenta cinco dimensões para a análise de classe que promove: estrutura da classe, formação da classe, cultura da classe, consciência da classe e ação das classes. Em relação à estrutura de classe, Marx identificou classes com a posição econômica dos sujeitos. Assim, dividia a sociedade entre aqueles que tinham terra, imóveis e fábricas, e os que não os possuíam e, por isso, trocavam sua força de trabalho por um salário. Nesse sentido, ele trata da divisão lenta, mas significativa, da sociedade entre burguesia e o proletariado. No que diz respeito à formação da classe, Marx acreditava que quem possuía o controle do capital fazia parte da burguesia e tinha como explorar o proletariado, já que este “vendia” sua força de trabalho para a burguesia em troca de dinheiro, mas nunca recebia a

quantia justa pelo seu trabalho. Nessa troca entre trabalho e dinheiro, a burguesia explorava o proletariado, o que aumentava cada vez mais as diferenças entre eles (MURDOCK, 2009).

Em relação à cultura da classe, Marx entendia que cada classe cria seu conjunto de sentimentos, modos de agir e de pensar. Ao nascer, o indivíduo é acolhido nesta cultura, a qual é baseada na classe, e passa a constituir suas opiniões e visões de mundo a partir da cultura de classe em que se criou. Dessa forma, provava que a classe poderia influenciar no estilo de vida de cada sujeito. No que se refere à consciência da classe, Marx acreditava que as pessoas se adaptam à posição social em que nascem, criando uma identidade de classe. As pessoas sabem das distinções, mas nem sempre lutam para alcançar outra posição. E no que se refere à ação das classes, Marx entendia que o controle sobre os meios de produção está nas mãos da classe capitalista, e as classes subordinadas pouco podiam fazer para superar a desigualdade. Assim, a classe conformava sua ação diante no mundo (MURDOCK, 2009).

No início de 1970, as ideias de Marx a respeito da organização econômica do capitalismo começam a transformar-se, sendo que a classe média, desconsiderada por Marx, é levada em conta em função de seu crescimento e do poder econômico que passava a ter. Eric Olin Wright considerou a classe média como uma posição intermediária, pois eles vendem sua força de trabalho, como o proletariado, mas possuem certas qualificações, como a burguesia (MURDOCK, 2009). Outros estudos passam a tratar não somente da exploração gerada pela dominação, mas de outras formas de dominação que, contudo, não exploram no sentido econômico (como o patriarcado), mas que devem ser consideradas na análise de classes. Este aspecto permite examinar melhor quem protagoniza as lutas de classes, já que quem domina não o faz necessariamente pela propriedade dos meios de produção. No entanto, o principal objetivo da dominação continuava sendo a exploração (MILIBAND, 1990).

Nesse contexto, Pierre Bourdieu, fazendo uma síntese entre Marx e Weber, afirmou que há três formas básicas de capital que circulam na sociedade (capital econômico, social e cultural) e a classe do indivíduo seria definida em função da quantidade de capital, por sua composição e pela constituição e peso de suas propriedades. Segundo Bourdieu (2008, p. 101),

A classe social não é definida por uma propriedade (...), nem por uma soma de propriedades (...), tampouco por juma cadeia de propriedades, todas elas ordenadas a partir de uma propriedade fundamental – a posição nas relações de produção -, em uma relação de causa a efeito, de condicionante a condicionado, mas pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas.

Entre as ideias de Bourdieu, a questão que mais atraiu a atenção dos pesquisadores de Comunicação e Estudos Culturais foi a do capital cultural, pois este pode transformar-se em capital simbólico conforme sua classificação por instituições culturais importantes, tornando-se desejado e possuído. Isso seria uma das principais formas de reproduzir a desigualdade de classe e “possui grandes implicações para o estudo de públicos de mídia e consumo, já que ele sugere que nós precisamos explorar os obstáculos simbólicos, além dos econômicos para a participação” (MURDOCK, 2009, p. 41).

Segundo Bourdieu (2008), as pessoas possuem um habitus, o qual é a matriz que gera e classifica as práticas; é a capacidade que as pessoas têm de se adaptar, se acostumar (inconscientemente) às práticas. Ele está baseado em uma classe social e estrutura o que e como as pessoas consomem. A classe é estruturada, mas o habitus é a estrutura estruturante, pois está em construção, se modifica. É no habitus que reside o estilo de vida. Este é o espaço das representações, ou seja, é o mundo social representado que, para ser entendido, necessita que se analisem as condições de existência das pessoas, saber o que elas consomem material e simbolicamente. O habitus pode modificar também a partir da relação do indivíduo com instituições socializadoras como a família e a escola. Assim, para entender o estilo de vida das jovens entrevistadas e como elas se veem representadas, precisamos compreender como vivem, se divertem, com quem saem, etc. Isso é importante, pois entendemos que a classe social das jovens (popular) interfere no seu estilo de vida, o qual também é modificado pelas instâncias família/relações afetivas, escola e consumo. Além disso, precisamos considerar o consumo de mídia das jovens, já que a mídia é parte do habitus das pessoas.

Apesar da importância do conceito de classe, ele foi muitas vezes esquecido em favor da discussão a respeito das diferenças de gênero, raça, etnia, sexualidade, etc. Tratava-se da “morte” do conceito tendo em vista que supostamente estava se criando uma sociedade mais aberta. Diversos estudiosos da cultura juvenil argumentavam que a mídia de massa estava criando uma cultura jovem que transcendia às classes. No entanto, a juventude não era a mesma, sendo que os gostos e estilos culturais continuavam sendo estruturados com base na classe (MURDOCK, 2009).

Mesmo assim, a análise de classe estava perdendo força quando Bourdieu lançou seu livro “A distinção”, em 1984, sendo que diversos movimentos interligados auxiliaram nesse processo. Entre eles, “a virada geral da estrutura social para a vida cultural”, que tirou questões sobre a economia das pautas de pesquisa. O conceito de cultura permaneceu ligado à dinâmica do capitalismo, já que produtos culturais como livros, filmes ou propagandas

também são resultados do trabalho humano. Contudo, essa ligação foi colocada de lado; dava-se importância para o consumo como “sistema de sinais que criou novos espaços simbólicos para experimentos em identidade” (MURDOCK, 2009, p. 44), o que tirou da atenção a possível ligação entre o consumo e a posição de classe. Além disso, contribuíram também para o enfraquecimento do conceito de classe “o declínio do sindicalismo, o comprometimento enfraquecido às políticas baseadas na classe e a ascensão de novos movimentos sociais, particularmente o feminismo e a ecologia” (MURDOCK, 2009, p. 45).

Através do surgimento do conceito de hegemonia de Gramsci, inserido através dos Estudos Culturais, percebemos uma gradual transformação nos modos como as classes sociais são problematizadas. Assim, a partir de 1980, o conceito começa a mudar em função da incorporação das classes populares como objeto de estudo e do entendimento de que elas poderiam reivindicar e agir politicamente (GUIMARÃES, 2002). Estudos acerca da classe e da cultura operária são desenvolvidos e fomentados por autores como Raymond Williams e Edward Thompson. Além destes, David Morley, em sua pesquisa intitulada “The Nationwide Audience: Structure and Decoding”, desenvolvida entre os anos de 1975 e 1979 e publicada em 1980, considerou a questão das classes. Ele analisa pessoas de diferentes classes sociais a fim de verificar quais as leituras que elas fazem do programa que exhibe. Assim, faz as primeiras observações a respeito da interferência da posição social no momento da leitura das mensagens midiáticas. Isso é destacado no seguinte trecho:

Thus, social position in no way directly correlates with decodings – the apprentice groups, the trade union/shop steward groups and the black F. E. students groups all share a common class position, but their decodings are inflected in different directions by the influence of the discourses and institutions in which they are situated” (MORLEY, 1980, p. 137)

Ele abriu caminhos para o desenvolvimento de outros trabalhos, como, por exemplo, o estudo de Sujeong Kim, intitulado “Rereading David Morley’s the Nationwide Audience”, o qual foi realizado com os mesmos dados que Morley coletou. Kim mostrou que as leituras não só são interferidas, como dependem da classe social, e que dentro do mesmo grupo/classe também há variações nas leituras. Sua pesquisa é o único estudo empírico que mostra, com detalhes, que a leitura/decodificação está também ligada à classe.

Nesse contexto, Murdock (2009) considera a classe como o princípio que estrutura cada aspecto da vida no capitalismo recente. Miliband (1990) também diz que o “ser social” é constituído de forma complexa e multideterminada por diversas identidades, sendo que a classe é um componente decisivo para sua conformação, a que envolve e influi em todas as

outras. Com isso, mais recentemente, a classe volta a ser estudada como indicador empírico em diferentes estudos. Tanto que a perspectiva dos estudos de recepção passa a considerar a classe como o lugar básico de produção e reprodução da distinção social e, desse modo, da diversidade de sentidos (LOPES, BORELLI E RESENDE, 2002).

A classe, nesse sentido, é entendida como um “conceito relacional, pois as classes são sempre definidas no âmbito das relações sociais, em particular nas relações das classes entre si; e também são antagonísticas, pois geram intrinsecamente interesses opostos” (SANTOS, 2002, p. 41). O conceito diz respeito à localização do sujeito nas relações de produção, nas quais a propriedade de bens gera a exploração e indica a posição de classe ocupada pelo indivíduo. E essas posições têm papel fundamental nas outras formas de desigualdade, além de determinarem os interesses e o modo de vida dos seus ocupantes (SANTOS, 2002).

Pelo fato da análise de classe em teorias comunicacionais e culturais ganhar mais força, Murdock sugere três áreas em que o conceito é indispensável para as mudanças na organização de comunicações e cultura: o trabalho cultural dentro de uma economia cada vez mais flexível, as diferenças de classe existentes entre os indivíduos e as mudanças mundiais, as quais promovem o surgimento de uma nova “classe média”, ou seja, os novos consumidores. Assim, “a análise de classe continua sendo fundamental para compreender a mudança contemporânea” (MURDOCK, 2009, p. 53). Tanto que Quadros e Antunes (2001), ao realizarem seu estudo, mostram que somente a elite da sociedade melhorou sua situação durante a década de 90 e que os demais setores se mantêm na mesma, comprovando que as desigualdades sociais aumentaram e que a análise de classe é importante. Com ela, compreendermos que o estilo de vida das pessoas também se modifica, já que a classe interfere no modo como as pessoas consomem, agem e se relacionam.

Segundo Murdock (2009, p. 49), “as fronteiras de classe não estão completamente fixadas. As pessoas conseguem sair e mudar de classe através da educação e do casamento”. Miliband (1990), ao apresentar sua pirâmide de divisão da sociedade de acordo com a classe, também afirma que as pessoas não são imóveis dentro desta estrutura. Mas, como ele diz,

nem a mobilidade social nem as fronteiras indistintas mudam o fato de que a pirâmide é uma dura, sólida realidade e de que as diferenças entre a classe situada nos níveis superiores da pirâmide e as classes situadas nos níveis inferiores são de fato muito grandes em termos de riqueza, renda, poder, responsabilidade, estilo e qualidade de vida e tudo o que mais compõe a textura da existência (p. 483).

Levando isso em conta, buscamos entender a classe não como uma diferença a mais, mas como um aspecto decisivo tanto na produção como na recepção dos conteúdos midiáticos. Enquanto muitos autores acreditam que a classe não importa, entendemos que ela atua como um organizador perceptivo de todas as demais diferenças sociais entre os homens: etnia, raça, gênero, assim como diz Martín- Barbero (2002b, p. 14):

a diferença de classe, ainda que mediada pela multiplicidade de distinções introduzidas pela etnia, gênero, idade, entre outras, não é uma diferença a mais, mas, sim, aquela que articula as demais a partir de seu interior e expressa-se por meio do habitus, capaz de entrelaçar os modos de possuir, de estar junto e os estilos de vida.

Realizamos este estudo com jovens de classe popular a fim de compreender sua relação com Malhação e com a representação de juventude e de classe apresentada pelo programa. Entendemos que esta representação pode interferir na formação de representações juvenis e acreditamos que a posição social dos jovens influencia nesse processo.

Levando em conta o que diz Murdock (2009, p. 33) quando afirma que “a classe pode ter sido abolida retoricamente em muitos textos, mas uma quantidade impressionante de evidência empírica confirma que ela permanece como uma força essencial para modelar a maneira como vivemos hoje”, não podemos analisar somente a classe e esquecer as demais diferenças (de gênero, étnicas), mas devemos explorar como essas diferenças são classificadas e de que modo são cruzadas com a experiência de classe. Assim, a classe social passa a ser considerada uma mediação que perpassa todas as demais relações mantidas pelo jovem, mas nunca é entendida como sendo autônoma: os jovens são de classe popular e mantêm relações específicas com sua família e amigos, com o consumo e com a escola.

#### **1.4 Percorso Metodológico**

Entendemos que a construção da representação juvenil será observada a partir de aspectos da vida cotidiana e da interação entre audiência (jovens de classe popular) e meios (TV e o programa Malhação). Assim sendo, as opções metodológicas devem abarcar procedimentos que permitam observar os sujeitos e suas práticas cotidianas, a fim de apreender a produção de sentidos e sensibilidades. Este olhar aproximado e aguçado para a percepção de detalhes, de fragilidades e contradições que constroem sujeitos e seus modos de relacionar-se consigo e com o mundo nos

indicam a aplicação da etnografia como metodologia mais adequada ao estudo da recepção de Malhação, o que inclui suas práticas específicas: diário de campo, observação participante, entrevistas informais, registro visual e entrevistas em profundidade. A convivência com as jovens e suas famílias, as conversas informais e a assistência ao programa junto das entrevistadas também auxiliaram nossa análise. Trata-se de uma etnografia crítica, pois buscamos compreender como se dá o processo de negociação entre a mídia e os receptores, o qual envolve tanto a dominação quanto a resistência dos indivíduos ao conteúdo veiculado. A etnografia é crítica “porque visa revelar e compreender a reprodução social e não apenas a capacidade criativa das audiências em resistir à dominação” (RONSINI, 2010, p. 2).

Em relação à etnografia, dizemos que este é um método de pesquisa no trabalho de campo da Antropologia. Geertz (1989, p. 04) a define como sendo uma “descrição densa”, em que se estabelecem relações, selecionam-se informantes, transcrevem-se textos, mapeia-se o campo, mantém-se um diário, entre outros elementos importantes no que se chama de “trabalho de campo”. Segundo ele, a “descrição densa” refere-se a um processo de interpretação que busca explicar as estruturas significantes que estão por trás dos gestos humanos. Assim, o papel do antropólogo, ao realizar uma etnografia, é sair da descrição superficial dos fatos e compreender como o fazer humano é produzido, percebido e interpretado em determinada sociedade.

Nesse sentido, buscamos compreender como o jovem, através de sua relação com as categorias família/relações afetivas, escola e consumo, percebe e interpreta a representação de juventude e de classe social apresentada por Malhação e como, a partir disso, ele constrói seu fazer humano, neste caso, representações de juventude e de classe. A partir das mediações da socialidade, onde apresentamos o modo como o jovem vive em sociedade e se relaciona com outras instâncias, e da mediação da ritualidade, onde mostramos a forma como o jovem se relaciona com os meios de comunicação e, especificamente, com a TV e Malhação, demonstramos o fazer humano do jovem de classe popular na sociedade atual.

Geertz (1989) afirma que o que importa não é tanto a capacidade que o pesquisador tem de captar fatos primitivos em lugares distantes, mas como ele é capaz de esclarecer o que ocorre em tais lugares. O autor diz ainda que a descrição etnográfica é interpretativa, pois interpreta o fluxo do discurso social, os acontecimentos, o fazer de uma sociedade. Além disso, é microscópica, pois se debruça de forma detalhada sobre uma dada cultura e acontecimento. Buscamos nos inserir no mundo dos jovens, estabelecendo relações, selecionando informantes e convivendo com os mesmos, de forma a compreender como o seu fazer humano é produzido, percebido e interpretado. A partir disso, interpretamos suas ações e seu modo de vida cotidiano para entender como ele constrói representações juvenis e de classe, a partir da relação com o programa Malhação.

Ao definir as etapas da etnografia, Travancas (2009) diz que a primeira consiste em realizar o levantamento bibliográfico e a leitura do material coletado, a fim de saber o que já foi dito e escrito sobre o grupo que se pretende estudar. Para definir nossas categorias empíricas que serviram de base para a etnografia e para observar as representações de juventude em Malhação, buscamos na literatura estudos que contemplem a relação dos jovens com o programa e as formas como estas representações vêm sendo constituídas na narrativa ao longo dos seus 16 anos. Privilegiaremos as considerações feitas por pesquisadores que tiveram Malhação como objeto principal de análise e criamos as categorias de acordo com temas específicos de nossa pesquisa e que estão articulados com o tema geral, como sugere Duarte (2009).

Assim, tendo em vista a necessidade de definir como a representação juvenil será observada, partimos da definição que os jovens têm do estilo de vida no que diz respeito às categorias “consumo” (de bens materiais e midiáticos), “estudo” e “família/relações afetivas”. Estas, explicadas detalhadamente no capítulo III, é que balizam a contextualização histórica que ora propomos, para que possamos perceber como a representação juvenil é observada pelos demais pesquisadores. Elas também permitem comparar as representações que os jovens têm dos personagens juvenis de Malhação com uma autorrepresentação. Para tanto, as categorias, que “têm origem no marco teórico”, “são consolidadas no roteiro de perguntas semi-estruturadas” (DUARTE, 2009, p. 79) da entrevista em profundidade, que será aplicada com os jovens no intuito de verificar como eles se veem representados no que diz respeito a sua relação com cada uma destas categorias. A apresentação de parte dos resultados obtidos neste estudo também será feita com base nestas categorias, evitando a “necessidade de retomar a discussão sobre cada categoria na Conclusão, que tenderá a ficar mais sintética e abrangente” (DUARTE, 2009, p. 79).

Após definir as categorias do estudo, passamos para outra fase da etnografia descrita por Travancas (2009), que se refere à elaboração de um diário ou caderno de campo, no qual anotamos as questões que nos motivaram a escolher o tema, o grupo dos jovens, bem como dúvidas que temos em mente a respeito de nossa pesquisa. O caderno de campo, juntamente com o gravador, foram importantes para o registro das conversas, dúvidas e futuros encaminhamentos da pesquisa.

A terceira etapa, segundo Travancas (2009), refere-se à entrada no “campo”, ou seja, a inserção do pesquisador no grupo estudado. Neste caso, entramos em contato com diferentes escolas da cidade de Santa Maria para possibilitar a aplicação de questionários e o contato com os jovens que assistem à Malhação. Em seguida, realizamos a coleta de dados através de entrevistas em profundidade e da observação participante. Estes são, segundo Travancas (2009), os instrumentos mais importantes nesta etapa, já que permitem observar o ponto de vista dos jovens entrevistados.

Em relação à entrevista em profundidade, Duarte (2009, p. 62) diz que “é uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiência de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”. Ela permite que o informante defina os termos da resposta e que o entrevistador ajuste as perguntas; ela prima pela intensidade nas respostas e não pela quantificação. Este tipo de entrevista “é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2009, p. 62). Assim, buscamos informações de jovens de classe popular a partir de suas experiências resultantes da assistência à Malhação e de suas relações com as categorias citadas.

As entrevistas em profundidade são classificadas por Duarte (2009, p. 64) como

abertas, semi-abertas e fechadas, originárias, respectivamente, de questões não-estruturadas, semi-estruturadas e estruturadas (...). As abertas e semi-abertas são do tipo em profundidade, que se caracterizam pela flexibilidade e por explorar ao máximo determinado tema, exigindo da fonte subordinação dinâmica ao entrevistado. A diferença entre abertas e semi-abertas é que as primeiras são realizadas a partir de um tema central, uma entrevista sem itinerário, enquanto as semi-abertas partem de um roteiro base.

Assim, o método que adotamos na pesquisa refere-se a entrevistas qualitativas em profundidade, caracterizadas como entrevistas semi-abertas, com questões semi-estruturadas, exigindo um roteiro com as questões principais. Entendemos que a entrevista semi-aberta “tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa. (...). A lista de questões desse modelo tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta de forma mais aberta possível” (DUARTE, 2009, p. 66). Deste modo, apesar de seguirmos um roteiro de questões, consideramos a possibilidade de alteração da ordem dos questionamentos e o aprofundamento de alguns temas que pareceram mais representativos durante a entrevista.

Também consideramos a possibilidade de realizar as entrevistas em profundidade de forma individual ou com duas fontes em conjunto. Além disso, entendemos, assim como Duarte (2009) que, por ser uma técnica dinâmica e flexível, estas entrevistas são úteis para compreender uma realidade e para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado ou que descrevem processos nos quais ele está ou esteve envolvido. Nesse sentido, buscamos o máximo de informações do entrevistado, tentando não fazer inferências ou julgamentos precipitados, mas analisando cada jovem e buscando entender sua realidade e seu modo de relacionar-se com a instância midiática e com as categorias citadas.

Em relação à observação participante, buscamos ficar atentos ao nosso papel como pesquisador no grupo em que nos inserimos e entendemos que o fato de estarmos presentes na rotina dos jovens pode alterar suas atitudes e ações. Assim, levando em conta que “a pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (PERUZZO, 2009, p. 125) é que desenvolvemos a observação dos jovens, a fim de melhor compreender seu cotidiano e sua relação com a sociedade. Buscamos o que Peruzzo (2009, p. 126) afirma ser necessário na observação participante, ou seja, estar presente no ambiente do jovem, compartilhar e envolver-se em suas atividades, covivenciar “interesses e fatos” e, por fim, assumir o “papel do outro” a fim de atingir “o sentido de suas ações”.

Além da elaboração do diário de campo, das entrevistas em profundidade e da observação participante, utilizamos outras técnicas: as entrevistas e conversas informais com os jovens, a convivência com eles e suas famílias, o registro visual e assistência ao programa junto dos entrevistados. Todos estes momentos possibilitam confirmar observações sobre a representação juvenil e de classe obtidas através das outras técnicas de pesquisa.

A última etapa da pesquisa etnográfica, segundo Travancas (2009), é a elaboração do texto. Nesse caso, o pesquisador não é apenas um transmissor das falas ouvidas; seu papel é interpretar o que está sendo dito, observado e sentido. Assim, buscamos desenvolver um texto rico em detalhes e que possibilite o melhor entendimento possível do cotidiano dos jovens e de sua relação com a televisão e com as categorias família/relações afetivas, escola e consumo.

Um dos trabalhos pioneiros na área de comunicação que desenvolveu a etnografia foi o estudo de Ondina Fachel Leal, realizado em 1986 e intitulado “A leitura social da novela das oito”. Neste, a autora busca entender o lugar e o papel da TV na sociedade brasileira. Em seu estudo, ela selecionou dois grupos de famílias, um formado por pessoas de classe popular e outro por pessoas de camadas médias, para juntos assistirem à telenovela. Ela dizia que a relevância de seu tema de pesquisa tinha a ver com a relevância que os meios de comunicação de massa assumiam naquele tempo na vida pessoas, sendo que a TV ocupava a maior parte do tempo em que as pessoas não estavam trabalhando – referindo-se à classe popular – e era também um dos lazeres fundamentais nas outras camadas sociais. Atualmente, as oportunidades de lazer são diversas; porém, a televisão e as telenovelas ainda são muito apreciadas, principalmente entre a classe popular brasileira. Assim como Leal (1986), buscamos entender como um programa de TV, neste caso, *Malhação*, é pensada, repensada e incorporada às falas e atitudes dos sujeitos e como estes sujeitos percebem estas dimensões.

Ao tratar da etnografia de audiência, La Pastina (2006, p. 27) afirma que ela “adquiriu papel central tanto teórica quanto empiricamente nos estudos de mídia”, além de ter adquirido

uma função retórica, pois representou a ruptura com as práticas empíricas de coleta de dados e incentivou os pesquisadores a entender subjetivamente a relação entre textos e audiências, adotando uma postura auto-reflexiva. O autor afirma que uma das vantagens da etnografia para os estudos de audiência é “a oportunidade de contextualizar a recepção de programas televisivos na esfera doméstica e comunal entre os vários grupos de uma comunidade”, facilitando o entendimento da influência do contexto na interpretação das mensagens (LA PASTINA, 2006, p. 30). Assim, a etnografia mostra-se importante neste estudo, pois buscamos entender como se dá a recepção de *Malhação* por parte de jovens de classe popular e compreender a influência de outras relações mantidas pelos jovens no processo de recepção da representação juvenil e de classe apresentada pelo programa.

Como diz La Pastina (2006, p. 31),

a etnografia permite, assim, que avaliemos diversos elementos no processo de recepção e como estes interagem em um contexto local onde as observações e interações acontecem, ao mesmo tempo em que avaliamos essas informações em relação à cultura e à identidade dos membros da comunidade.

No que diz respeito aos estudos sobre as audiências de TV, o autor considera a etnografia como a metodologia mais adequada para compreender esta audiência. Segundo ele, existem quatro fases no processo de envolvimento entre telespectadores ou consumidores com um produto midiático. Na primeira, o receptor lê o texto midiático em casa, no contexto familiar, mas não existe a garantia de que todos os espectadores farão a leitura de forma homogênea. Na segunda, o texto é interpretado de forma individual e também através de interações sociais. Na terceira, ocorre a apropriação do conteúdo midiático, quando o consumidor explica sua vida ou as relações sociais e dinâmicas culturais das quais faz parte. Na última, ocorrem as mudanças de comportamento por parte do receptor. Como diz La Pastina (2006, p. 33), “a etnografia tem o potencial de observar mudanças comunitárias e sociais relacionadas à inserção dos produtos midiáticos”, sendo que este modelo de quatro fases seria uma forma de analisar esse processo.

O autor lembra que, no momento de recepção, vários processos ocorrem simultaneamente, sendo que o texto televisivo é inserido dentro de um contexto e este também medeia todo o processo. Assim, compreendemos que o momento de assistência ao programa *Malhação* por jovens de classe popular também ocorre simultaneamente com outros processos e que o contexto de vida do jovem, ou seja, sua relação com a família/relações afetivas, com a escola e com o consumo também interfere e medeia o processo de recepção. Para entender

como isso ocorre, utilizamos a etnografia e, de certa forma, adotamos o modelo de La Pastina, buscando compreender como o jovem lê o texto midiático, interpreta-o, apropria-se do seu conteúdo e muda seu comportamento em função disso.

Muito se avançou na discussão acerca da etnografia, mas as bases desta metodologia mantêm-se as mesmas: busca-se mergulhar no universo do outro, entender seu modo de viver, seus costumes e seu fazer humano. Além disso, a “pesquisa exige rigor, disciplina, disposição e também criatividade. Pesquisa etnográfica exige tudo isso e mais um pouco” (TRAVANCAS, 2009, p. 108) Além disso, como diz La Pastina (2006), a etnografia exige um investimento pessoal e o desejo de compartilhar um trabalho com o grupo que buscamos compreender, de forma que sejamos autorreflexivos como pesquisadores e reconheçamos o papel central deste grupo em nosso estudo.

#### 1.4.1 Mediações Comunicativas da Cultura

Este tópico visa explicar cada uma das mediações comunicativas da cultura analisadas neste estudo. A primeira delas, a socialidade (ou sociabilidade), está relacionada às relações do sujeito em seu cotidiano (relação com instituições como a família, escola, a mídia, etc) e ao seu modo de ser e agir na sociedade. É entendida por Martín-Barbero como sendo a “trama de relaciones cotidianas que tejen los hombres al juntarse y en la que anclan los procesos primarios de interpelación y constitución de los sujetos y las identidades” (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p. 227). Ou seja, diz respeito às relações sociais que os indivíduos criam ao se relacionarem com diferentes instâncias e sujeitos. Assim, a socialidade permite a observação da construção da representação juvenil a partir da vida cotidiana, sendo observadas especificamente a família, a escola e os grupos de amigos (onde são desenvolvidas as sensibilidades, subjetividades e valores). Na pesquisa em andamento, buscamos apresentar o perfil dos jovens entrevistados, o seu dia a dia e suas percepções sobre a juventude e os meios de comunicação. Objetivamos verificar como o jovem se apropria do discurso vigente em Malhação e como isso transparece em seu cotidiano e na formação de sua representação juvenil.

Já a ritualidade refere-se aos modos de leitura do meio de comunicação, nesse caso, o modo como o sujeito assiste TV e se relaciona com ela. Esta mediação “regula a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos concebidos pelos meios, através das práticas de recepção constituídas pelo olhar, pela escuta e pela leitura” (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 37). Entendemos que a ritualidade refere-se ao modo como

os produtos da mídia são consumidos pelos receptores, tendo em vista os diferentes usos que os sujeitos podem fazer dos meios e considerando que cada indivíduo faz um trajeto de leitura diferente e, por isso, a produção de sentidos a partir da leitura também é distinta. Assim como Wottrich, Silva e Ronsini (2009), compreendemos que esta mediação se constitui pela interação cotidiana entre audiência e meios, direcionando o olhar aos modos como o sentido é compartilhado e apreendido através das práticas de recepção. Neste caso, será observada através das técnicas etnográficas no ambiente doméstico. Descrevemos os espaços e os modos de ver o programa no cotidiano dos jovens, bem como as leituras do programa feitas pelos entrevistados, no que diz respeito às representações juvenis e de classe. Importa descrever o modo como os jovens assistem Malhação na TV, no que se refere aos costumes, bem como ao local em que assistem, a companhia que escolhem para dividir o momento da assistência, as conversas geradas durante a recepção do programa e a relação dos jovens com cada uma das categorias a partir da assistência à Malhação.

Em relação à institucionalidade, entendemos que é ela que organiza o discurso da Rede Globo e, especificamente, de Malhação. Por isso, a análise da institucionalidade sugere examinar aspectos da produção do programa veiculado na TV. Esses aspectos referem-se à descrição da Rede Globo como produtora do programa, à descrição dos seus autores, de sinopses, de personagens e do conteúdo de Malhação. Todos estes aspectos serão descritos para destacar detalhes que justifiquem ou, pelo menos, expliquem a representação de juventude e das relações de classe social apresentada pelo programa. A análise da institucionalidade permite, assim, entender melhor a produção de Malhação e, dessa forma, compreender aspectos de sua recepção junto ao público.

Já em relação à tecnicidade, entendemos, como Martín-Barbero (2002a; 2003b), que esta não nos remete somente aos novos meios, mas também às novas práticas. A mediação se refere a uma transformação material em discurso, através dos meios de comunicação. Isso é percebido, por exemplo, no modo de mobilizar a câmera, no som, na música, no texto, no cenário, no figurino, etc. No entanto, a tecnicidade não é só discurso, mas também o modo de organizar a sociedade por meio da técnica. Dizemos que ela remete-se “à construção de novas práticas através das diferentes linguagens dos meios. Ela aponta para os modos como a tecnologia vai moldar a cultura” (WOTTRICH, SILVA, RONSINI, 2009, p. 4). Entendemos, assim como Ronsini (2010, p. 9), que “pensar em termos de tecnicidade significa um esforço em compreender a complexidade dos discursos (das relações de poder e do contexto histórico que os constituem)”. Assim, a tecnicidade possibilita analisar como são produzidos os discursos de classe em Malhação e a forma como a representação social do jovem é apresentada. Analisamos também a forma como o programa apresenta a relação dos jovens com a família/relações afetivas,

com o consumo e com a escola. Isso auxilia a compreender como o discurso e as representações que o programa faz da juventude interferem na autorrepresentação dos jovens.

#### 1.4.2 A seleção das jovens participantes do estudo

Considerando nosso intuito de desenvolver um estudo de recepção junto a jovens, optamos pela localização direta dos mesmos, a partir de visitas em escolas públicas e privadas da cidade de Santa Maria/RS. Realizamos um estudo piloto nestas escolas para verificar os hábitos e motivações da audiência de Malhação. Na época, estava no ar a 17ª temporada de Malhação, intitulada “Malhação ID”. Tendo em vista nosso intuito inicial de estudar diferentes classes e examinar o consumo de Malhação na internet, este estudo piloto foi realizado com jovens de classe popular e alta, e leva em conta questões referentes ao consumo na internet. Nosso objetivo se modificou devido à falta de tempo para a realização de toda a proposta e devido à dificuldade de encontrar jovens que tanto assistem Malhação na TV quanto acompanham seu conteúdo na internet, bem como jovens de classe alta que se dispusessem a participar do estudo. Mesmo assim, o pré-teste realizado foi importante para examinar a pertinência do projeto ao observar a frequência e os modos de relação dos jovens com o programa na TV e com seu conteúdo circulante na Internet.

O estudo piloto consistiu na aplicação de um questionário entre 44 estudantes de uma escola particular e 44 estudantes de uma escola pública (destes, 22 foram classificados como sendo de classe média e 22 de classe popular). O questionário foi estruturado a partir de 13 perguntas, fechadas e abertas, relacionadas diretamente à recepção de Malhação ID. A pesquisa foi feita com jovens entre 12 e 18 anos, sendo que a maioria deles (54% da classe alta, 68% da classe média e 50% da classe popular) afirmou assistir ao programa diariamente ou quase todos os dias. Os que afirmaram não assistir somam menos de 10% dos entrevistados, em cada classe.

A principal motivação dos jovens para assistir Malhação ID diz respeito à identificação com as temáticas juvenis, sendo a resposta mais citada entre os jovens de classe alta (35%) e os de classe popular (50%). Já entre os jovens de classe média, Malhação é principalmente uma opção de entretenimento (23%). Como era previsível, entre os estudantes de classe dominante e média todos têm computador em casa e a grande maioria (mais de 90%, nos dois grupos) acessa a Internet diariamente ou quase todos os dias. Quanto ao consumo de assuntos relacionados à Malhação na *web*, os estudantes de classe dominante (57%) demonstram mais interesse ou têm mais acesso a estes conteúdos que os de classe média (50%) e popular (36%). Entre as possibilidades de interação

com o conteúdo de Malhação na *web*, apenas três foram citadas significativamente: os jovens leem textos, assistem a vídeos ou participam de enquetes.

Além da pesquisa quantitativa, também realizamos um estudo piloto da análise qualitativa dos dados a partir de uma entrevista com duas jovens, representantes da classe alta e da classe popular. Os dados coletados foram significativos para demonstrar em quais aspectos a construção da representação juvenil das entrevistadas apresentava similaridades com a representação de juventude apresentada por Malhação ID. Os temas abordados nas entrevistas relacionam-se às categorias de análise abordadas neste estudo. A aplicação das entrevistas foi relevante, pois possibilitou testar a abrangência e a formulação das questões, tornando perceptível futuros ajustes e aprofundamentos.

Após a aplicação dos questionários e da realização das entrevistas, obtivemos o contato de alguns jovens que pudessem participar da pesquisa. No entanto, com o final da temporada do programa, muitos destes jovens deixaram de assistir Malhação, o que exigiu que fizéssemos um novo contato com diferentes escolas, a fim de reunir outros jovens para o desenvolvimento da pesquisa de campo. O contato com as escolas particulares foi mais difícil e, quando ocorreu, dificilmente os jovens estavam dispostos a ajudar na pesquisa. Isso fez com que deixássemos de lado o estudo comparativo de classes e nos fixássemos apenas na classe popular. Assim, selecionamos 6 jovens desta classe para participarem da pesquisa de campo.

Considerando que no cruzamento dos dados da pesquisa quantitativa foi revelada uma predileção do programa por receptores do sexo feminino (os entrevistados do sexo masculino, em sua maioria, responderam que assistem Malhação raramente), e, ainda, que os métodos aplicados nesta pesquisa sugerem o acompanhamento de receptores que tenham uma assistência assídua ao programa, optamos por trabalhar com 6 jovens do sexo feminino. Apesar desta opção, ressaltamos que a questão do gênero não será tomada como base na formulação teórica e reflexiva dos dados coletados.

Como diz Duarte (2009, p. 69), “a seleção dos entrevistados em estudos qualitativos tende a não ser probabilística, ou seja, sua definição depende do julgamento do pesquisador e não de sorteio a partir do universo (...). Nesse caso, a seleção pode ser por conveniência, ou seja, “baseada na viabilidade. Ocorre quando as fontes são selecionadas por proximidade ou disponibilidade” ou de forma intencional, quer dizer, “quando o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva. Neste caso, ele pode selecionar conhecedores específicos do assunto (...)”. Entendemos que nossa seleção das 6 jovens foi feita de forma intencional, já que selecionamos a partir de um juízo particular, a partir de pessoas que conhecem Malhação e que de fato assistem ao programa.

Justificamos a escolha do número de jovens com as palavras de Gaskell (2002, p.71): “a fim de analisar um corpus de textos extraídos das entrevistas e ir além da seleção superficial de um número de citações ilustrativas, é essencial quase que viver e sonhar as entrevistas – ser capaz de relembrar cada ambiente (...)”. E, como diz Duarte (2009, p, 67), “nos estudos qualitativos, são preferíveis poucas fontes, mas de qualidade, a muitas, sem relevo”. Assim, buscamos resultados, interpretações e não apenas números; por isso, o número reduzido de entrevistas.

Em relação ao tempo necessário para a permanência no campo, Peruzzo (2009) afirma que não existe um período ideal e determinado, sendo que isso varia de acordo com o objeto, com o tempo que ele demora para se revelar ao pesquisador, com as condições em que ele se desenvolve e da capacidade do estudioso em captar as manifestações explícitas e implícitas do objeto estudado. Para evitar que a coleta de dados ficasse prejudicada por falta de tempo, iniciamo-la no mês de abril de 2011, a fim de manter contato com os jovens até o mês de fevereiro de 2012, totalizando de 10 a 11 meses de pesquisa de campo. Neste período, buscamos realizar três encontros com cada jovem. No primeiro, aplicamos uma entrevista em profundidade (apêndice A) a fim de analisar a relação do jovem com o programa *Malhação* e sua relação com as categorias elencadas. Em outro encontro, aplicamos a segunda entrevista em profundidade (apêndice B) para verificar o cotidiano do jovem, suas percepções sobre a juventude e sua interação com a sociedade e os meios de comunicação. No terceiro encontro, realizamos a observação participante através da assistência ao programa na TV. Estes procedimentos serão úteis para a compreensão das mediações da ritualidade e da socialidade. Concomitantemente com a etnografia, fizemos a análise das outras duas mediações (institucionalidade e tecnicidade), as quais dependem da assistência ao programa e da observação de suas lógicas de produção.

Em relação às jovens participantes deste estudo, salientamos que todas têm entre 12 e 16 anos, estudam em escolas públicas de Santa Maria e são consideradas de classe popular devido à profissão de seus pais. Todas assistem *Malhação* na TV praticamente todos os dias e, quando perdem um capítulo, assistem-no na internet ou informam-se sobre o programa com os amigos. Todas possuem televisor em casa, mas somente duas possuem acesso à internet, sendo que as demais frequentam *lan houses* ou a casa de amigos ou parentes. Seus nomes fictícios e suas idades são, respectivamente, Deise (16); Leila (15); Sabrina (13); Vanessa (13); Alice (12) e Yara (12).

## CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

### 2.1 O jovem no cenário atual

Diante da necessidade de pensar em algo incitante e motivador, que fosse a razão de uma pesquisa de conclusão de curso, tivemos como certeza que este trabalho trataria do tema “Jovens”. Segundo a categorização do IBGE, o jovem é definido como sendo o indivíduo na faixa dos 15 aos 24 anos. Anita Brumer (2007) concorda e afirma que

mesmo existindo dificuldades operacionais para delimitar o início e o fim do período chamado de “juventude”, tendo em vista aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos envolvidos na definição do termo, há algum consenso na consideração de quem é jovem em determinada sociedade (BRUMER, 2007, p. 35).

Ela também considera a faixa etária dos 15 aos 24 anos como sendo o período da juventude, mas coloca que essa noção “depende tanto da auto-identificação como do reconhecimento de outros” (BRUMER, 2007, p.35). Margulis (2004) também afirma que tratar do momento em que termina a juventude é problemático; ele não cita um limite de idade, mas diz que o período está associado à chegada dos filhos, à constituição da família e às responsabilidades econômicas, sendo estes os mais importantes dentre outros aspectos que caracterizariam a transição da juventude para a vida adulta. Diz que estes aspectos são influenciados pelas diferenças e classes sociais. Por isso, considera que o conceito de juventude se “refiere a un inmenso colectivo, muy variable y cambiante y de difícil aprehensión” (2004, p. 304).

Realizamos nosso estudo com jovens que estão na faixa etária dos 12 aos 16 anos. Apesar de todas as meninas entrevistadas não se encaixarem na idade prevista pelas definições acima e fazerem parte do período considerado como adolescência pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - que prevê que adolescente é a pessoa entre 12 e 18 anos de idade, elas foram consideradas, neste estudo, parte da juventude por terem um modo de vida semelhante aos jovens brasileiros. Ou seja, sua rotina, o lazer, o modo de se vestir, as atitudes, os gostos e as visões assemelham-se aos da maioria dos jovens. Isso é comprovado quando relacionamos os dados acerca do perfil da juventude

brasileira, apresentados adiante, com os dados coletados com as entrevistadas, apresentados ao longo dos capítulos 3, 4 e 5.

Assim, levamos em conta que o período da juventude não está estagnado na faixa etária dos 15 aos 24 anos, mas que ele está atrelado ao modo de vida de cada sujeito, aos gostos, aos costumes e à forma como cada indivíduo se representa e é representado na sociedade. O modo de vida de nossas entrevistadas se assemelha ao da maioria das jovens brasileiras e, por isso, levamos em conta o conceito de juventude e apresentamos dados referentes a esse grupo para comparar com as entrevistadas. Verificamos também, através do estudo piloto, que Malhação abarca um público mais jovem, sendo que adolescentes de 11 anos já assistem, enquanto poucos jovens com mais de 20 anos o fazem. Isso também interferiu na escolha das entrevistadas.

Nesse sentido, acreditamos, como Margulis (2004), que a juventude não é somente uma palavra. Ela ganha seu significado a partir da cultura, sendo influenciada pelos acontecimentos sociais e pelo momento histórico em que vive a sociedade. Além disso, sofre interferência também dos meios de comunicação. Assim,

El concepto “juventud” es sumamente complejo, remite a un colectivo siempre nuevo, siempre cambiante, y no se presta a ser definido desde un enfoque positivista, como si fuese una entidad acabada y preparada para ser considerada foco objetivo de una relación de conocimiento. Juventud, como concepto útil, debe contener entre sus capas de sentido, las condiciones históricas que determinan su especificidad en tanto objeto de estudio (MARGULIS, 2004, p. 305).

No cenário nacional, a juventude é um segmento de grande relevância e cresce consideravelmente nas últimas décadas, como apontam os dados do IBGE<sup>12</sup>: em 1940, eram 8,2 milhões de pessoas entre 15 e 24 anos no Brasil; 30 anos depois, estes já somavam 18,5 milhões. Já em 1991 e 1996, os respectivos censos populacionais enumeraram 28,6 e 31,1 milhões de jovens. Enquanto, entre os anos de 1980 e 1991, eles representavam 3,5 milhões de habitantes, e, nos anos de 1991 e 1996, o segmento experimentou um acréscimo de 2,5 milhões de indivíduos. O estudo mostra também que o volume de jovens permanecerá crescendo, mesmo que com taxas declinantes a partir de 2000-2005. As pesquisas também mostram que os jovens representam uma grande parcela da sociedade. Em 1996, a população de jovens no Brasil representava 19,8%, da população total do País. O número permanece

---

<sup>12</sup> IBGE refere-se ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que publicou em 1999 m estudo intitulado “População Jovem no Brasil”, disponível em [www.ibge.gov.br/home/default.php](http://www.ibge.gov.br/home/default.php), acessado em 16 de dezembro de 2009.

elevado se analisarmos os dados do censo de 2010<sup>13</sup>: verificamos que existem 17,9% de pessoas nesta faixa etária no Brasil. Na cidade de Santa Maria, esse dado se repete, sendo que abarca 17,6% da população da cidade. Isso nos instiga a pesquisar este grupo de indivíduos, já que tem sua importância no cenário nacional e regional.

Acreditamos, assim, como Margulis (2004, 298-299), que “los jóvenes se comportan condicionados por lo que la cultura les indica, por las modas imperantes y las ofertas de consumos de todo tipo (vestimentas, músicas, lenguajes, diversión, lugares de encuentro etc.) que se les presentan”. Por entender que cada grupo de jovens possui suas características em função do ambiente em que vive, sendo que ele se define em relação às práticas culturais com as quais se relaciona, optamos por trabalhar com jovens de classe popular da cidade de Santa Maria. Consideramos a categoria empírica de classe como sendo importante no momento da recepção de *Malhação*, tendo em vista que a representação que o jovem faz de juventude e a formação de representações juvenis é influenciada por sua relação com diferentes dispositivos, entre eles os dispositivos midiáticos e, nesse caso, a televisão.

Margulis mostra que este meio assume um papel na formação, na socialização e na transmissão de conhecimentos, igualando-se ou superando, muitas vezes, o papel da escola, já que os jovens expõem-se durante muitas horas ao aparelho. Além disso, diz que “la televisión tiene un enorme poder simbólico instituyente, influye en la cultura que compartimos, en el lenguaje que usamos, en los mecanismos que empleamos para pensar” (MARGULIS, 2004, p. 313). Considerando seu poder socializador na vida dos jovens é que levamos em conta, entre outras instâncias como a família e a escola, a importância da TV na vida do jovem.

Nossa análise será feita a partir do programa *Malhação* que, apesar de não ser considerada uma telenovela, possui características deste gênero. Assim como a novela, o programa também

educa probablemente de modo técnicamente más eficaz que la escuela secundaria. Enseña a la muchacha como hay que ser mujer y al varón los modelos masculinos de nuestro tiempo. Proponen modelos para el cuerpo, propagandizan el cuerpo “legítimo”, formas de gestualidad, de modales, de consumos, de lenguaje, de cortesía o de falta de ella. Enseñan los modos de procesar su sexualidade a adolescentes desorientados (MARGULIS, 2004, p. 313).

Tendo em vista o foco de nossa pesquisa, que recai sobre o entendimento dos jovens de classe popular, apresentaremos, em outro tópico, algumas características desta parcela da população, que superam a visão de que esta classe não importa. Pelo contrário, ela merece ser

<sup>13</sup> Disponível em [http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados\\_do\\_censo2010.php](http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php), acessado em 04 de julho de 2011.

estudada já que representa a maioria dos brasileiros hoje. Além disso, verificamos que, na última década, o interesse recaiu também sobre a juventude de classe popular, tendo em vista sua vinda a público para questionar e criticar questões que os afetam. Mas, como mostra Abramo (2005), mesmo que as classes mais abastadas sejam também consideradas nas atuais análises, elas continuam dependentes da noção moderna de juventude imposta pela experiência dos jovens burgueses. Nesse sentido, não podemos esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam essa condição, a qual faz sentido para todos os grupos sociais, porém está apoiada sobre situações e significações diferentes, como lembra a autora. Estamos preocupados com os diferentes modos como a juventude é ou pode ser vivida, por diferentes classes sociais e, por isso, damos ênfase ao modo de vida da juventude de classe popular.

Em relação às características da juventude no Brasil, tomamos como base para a busca de informações o livro organizado por Abramo e Branco (2005). O livro contém artigos desenvolvidos a partir da pesquisa “perfil da juventude brasileira”, realizada em 2003, com 3501 entrevistados de 15 a 24 anos, de 198 municípios do Brasil. Serão apresentados dados que auxiliam a entender como a juventude brasileira mantém sua relação com cada uma das categorias analisadas neste estudo (família/relações afetivas, escola e consumo), a fim de comparar com as percepções dos jovens integrantes de nossa pesquisa. Apesar de estas terem idade inferior, entendemos que se comportam de forma similar à faixa etária estudada pelos autores. Por isso, a apresentação destes dados se mostra interessante.

Abramo (2005) diz que a grande maioria dos jovens no Brasil é solteira (78%); um quinto dos jovens entrevistados já têm filhos, sendo que a questão da sexualidade ativa (dissociada da função reprodutiva) é vista com maior liberdade do que em tempos anteriores. Percebeu também que 64% dos jovens são estudantes, e mais da metade dos jovens que trabalha ou procura emprego também estuda. As condições de trabalho, em geral, não são favoráveis aos jovens: 31% dos que trabalham o fazem durante mais de 8 horas por dia, 63% trabalham na informalidade, 30% ganha um salário mínimo ou menos por mês e apenas 11% recebe mais de dois salários mínimos por mês. Em relação aos motivos que levam o jovem ao trabalho, a autora afirma que não são apenas questões de sobrevivência da família, mas também é uma questão de independência, crescimento e autorrealização (ABRAMO, 2005).

Apesar de apresentarmos esta reflexão acerca do trabalho e entendermos que o mesmo é importante na vida dos jovens atualmente, verificamos que, para as jovens entrevistadas em nosso estudo, ele ainda não está presente e não se tornou uma preocupação, já que ainda são novas e se dedicam exclusivamente aos estudos. Ainda não é exigido delas que se dediquem ao trabalho para auxiliar nas despesas da família e também não o veem como forma de

independência ou autorrealização. Assim, apesar de autores como Branco (2005) mostrarem que o trabalho ocupa posição central na vida juvenil, que sua ausência constitui um dos problemas de ser jovem e que a categoria tenha se mostrado importante na análise dos autores que estudaram o programa Malhação, ela não será analisada neste estudo.

Constatamos, a partir da pesquisa bibliográfica, que a família e a escola são duas das instituições mais tradicionais na vida dos jovens (SPOSITO, 2005), o que foi verificado também entre as jovens entrevistadas. Além delas, o consumo mostrou-se importante na vida das jovens de classe popular analisadas em nossa pesquisa. Segundo Abramo (2005), a família é a instituição em que os jovens brasileiros mais confiam, sendo também o fator fundamental para o amadurecimento do jovem. O apoio da família é considerado, pelos jovens, o fator principal para melhorar a vida no período da juventude.

Logo após a educação familiar, a escola seria um dos espaços formativos dos jovens, onde eles asseguram sua reprodução cultural e social. Ela é vista como um espaço de “intensificação e abertura das interações com o outro e, portanto, caminho privilegiado para a ampliação da experiência de vida dos jovens que culminaria com sua inserção no mundo do trabalho” (SPOSITO, 2005, p. 90). O autor mostra que o número de jovens que frequentam a escola aumentou com o passar dos anos, porém, quanto mais velhos, menor é o índice de jovens que estudam (o que decresce mais para as mulheres do que para os homens). Em relação ao gênero, as mulheres ainda estão em menor número nas escolas. Sposito (2005) mostra que a atual geração de jovens está inserida em uma sociedade escolarizada, sendo que a escola está no centro de seus referentes de identificação. Os jovens assumem sua importância, mas não contestam sua legitimidade, somente sabem que a educação é importante para eles. Por entenderem que são responsáveis pelas próprias dificuldades que têm no ensino, eles não criticam o sistema escolar no que diz respeito ao conteúdo ministrado.

Entre os jovens pobres, a família assume mais importância do que a escola como espaço socializador, enquanto entre os ricos, a relação se inverte, já que eles buscam na escola as relações que não mantêm em casa. Mas, em geral, “as relações no grupo familiar e as amizades, formas importantes de convívio para a sociabilidade juvenil, são também marcadas por conflitos e tensões que os jovens não deixam de referir” (SPOSITO, 2005, p. 122).

A condição de ser jovem é vista positivamente por eles: 74% afirma que há mais coisas boas em ser jovem do que coisas ruins. A positividade é maior entre os que têm renda e escolaridade superior, e as maiores proporções de negatividade estão entre os desempregados. Em geral, os jovens estão satisfeitos com sua vida no que diz respeito à saúde, aparência, família, amizades, relações afetivas, com a capacidade de tomar decisões, com o modo como

usam o tempo livre e com as condições materiais da vida. Em relação aos limites da juventude, a maioria concordou e disse que esta termina quando o jovem chega à maturidade e assume responsabilidades, bem como quando forma uma família, se casa e tem filhos. Entre as vantagens de serem jovem, eles citam não ter preocupações ou responsabilidades; aproveitar a vida/viver com alegria; atividades de lazer e entretenimento; estudar/adquirir conhecimento; e ter liberdade. Entre as desvantagens, são citadas convivência com riscos; falta de liberdade; falta de trabalho/renda; as drogas e o controle familiar (BRANCO, 2005).

Entre os problemas que mais preocupam está a questão da segurança e do emprego/vida profissional, seguido da questão das drogas, da educação, da saúde, da fome/miséria, da família e da crise econômica/financeira. Entre os assuntos que mais interessam, destaca-se a educação, o emprego/atividades profissionais, a cultura/lazer, os esportes/atividades físicas, os relacionamentos amorosos, a família, a saúde e a segurança/violência (BRANCO, 2005). Assim, educação interessa mais do que preocupa, mostrando que este é um campo que parece assegurado como possibilidade. Ela interessa mais aos jovens e às mulheres, e o interesse cresce com o nível de escolaridade (ABRAMO, 2005). Como já afirmamos, o emprego, que tanto preocupa como interessa aos jovens brasileiros, não será aqui analisado, pois não se configurou nem preocupação nem interesse em nossa pesquisa de campo com as jovens entrevistadas.

Ao verificarmos o interesse dos jovens em discutir questões referentes à educação, à família, aos relacionamentos afetivos e às questões relacionadas ao consumo (atividades de cultura e lazer), compreendemos a importância de estudar as mudanças que ocorrem no interior de cada uma dessas agências socializadoras e o que isso significa para a condição juvenil. Isso nos instiga a entender o jovem em suas diferentes relações com a sociedade.

Os assuntos discutidos pelos jovens com os pais dizem respeito à conduta e ao futuro pessoal: questões referentes à educação, drogas, ética/moral, futuro profissional, violência e religião. Para discutir com os amigos, são abordados assuntos da vivência juvenil, as experiências, descobertas, riscos (como as drogas), a sexualidade, os esportes, os relacionamentos amorosos, a violência e o futuro profissional. Para discutir com a sociedade, são tratados os temas com dimensão social e política, como a educação, a desigualdade social e pobreza, as drogas, a política, a violência, a cidadania e os direitos humanos, e a globalização (ABRAMO, 2005).

Em relação à sexualidade do jovem, Calazans (2005) verificou que o tema é tratado com mais tolerância, o que modificou a visão que as pessoas e os próprios jovens têm da vida sexual. A autora mostra que esta categoria (que inclui sexo/sexualidade, gravidez, orientação

sexual e métodos anticoncepcionais), bem como os temas da sexualidade e da gravidez ocupam lugar de pouca importância entre os assuntos e preocupações dos jovens; no entanto, existe grande interesse na categoria relacionamentos amorosos (que inclui namoro, relacionamento afetivo, mulheres, namorado/a, rapazes e homens). O tema foi identificado como sendo da vida íntima dos jovens. Outro dado mostra que “a idade média para a primeira relação sexual foi de 15,5 anos entre os entrevistados”. Os meninos iniciam sua vida sexual antes que as meninas e entre estas é mais comum a virgindade (CALAZANS, 2005, p. 226).

No que diz respeito à relação do jovem com o consumo, apresentamos alguns dados na sequência. Em relação ao consumo de drogas, Carlini-Marlatt (2005) afirma que o álcool continua sendo vendido no Brasil sem muitas restrições e, principalmente, para os jovens, que são o alvo principal das grandes indústrias, já que são sensíveis às mensagens que associam o uso das bebidas a uma identidade jovem. Além disso, a política brasileira em relação às bebidas alcoólicas não existe, facilitando sua venda e seu consumo. O mesmo acontece com a venda e distribuição de outros produtos, como marcas de jeans, tênis, revistas, refrigerantes, sendo que exploram o potencial de consumo jovem através de estratégias de marketing e na competência em comunicação com o público juvenil. Outro produto é o cigarro, já que a indústria do tabaco camufla as consequências de seu uso contínuo e “promove o hábito de fumar como um exercício de autonomia” (CARLINI-MARLATT, 2005, p. 308). Nesse sentido, investe em estratégias de marketing voltadas para os jovens, sendo que 90% dos brasileiros adultos começam a fumar na adolescência.

Outro problema que atinge os jovens brasileiros é a produção e o tráfico de drogas ilícitas, já que o processo oferece identidade, respeito, rende dinheiro e plano de carreira à juventude. Apesar das drogas serem de fácil acesso aos jovens, poucos são os que usaram essa proximidade para consegui-las para uso próprio. Os jovens mais novos (15 aos 17 anos) foram os que mais rejeitaram essa possibilidade. “Esses achados desafiam a idéia de que os jovens são presa fácil ao apelo das drogas ilícitas e tendem a ser acríticos diante da oportunidade de usarem substâncias proscritas (CARLINI-MARLATT, 2005, p. 312). Assim, é maior o número de jovens que conhece ou já usou bebida alcoólica e cigarros do que aqueles que conhecem ou já usaram maconha ou cocaína. Além disso, “o uso de drogas ilícitas parece ser menos resultado da oportunidade de usá-las que da falta de oportunidade em outros domínios da vida social e afetiva”. Mas não é só a falta de oportunidades que gera o consumo; outros estudos mostram que o uso das drogas ilícitas aumenta “nas porções mais questionadoras e rebeldes da juventude, ou seja, aqueles setores com maior potencial de ações transformadoras e pensamento crítico” (CARLINI-MARLATT, 2005, p. 314).

No que se refere ao consumo de mídia, verificamos, ao analisar os dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, que entre os gêneros musicais preferidos pelos jovens estão o sertanejo, o rock, o pagode, a MPB, o axé, o pop, o samba e o rap. Entre as mulheres, a preferência é pelo sertanejo e entre os homens é pelo rock. No que se refere ao hábito de ler jornais, 51% dos homens dizem ler, enquanto 49% não leem; entre as mulheres, 47% dizem ler e 53% não leem. Em relação à leitura de livros, 44% dos jovens dizem ter lido algum livro no último ano, 32% não leu nenhum em seis meses e 23% diz nunca ter lido um livro.

Sobre o lazer, verificamos, como Abramo (2005), que ele ocupa grande parte do tempo livre dos jovens, que dão importância para a circulação e desenvolvimento da socialidade ligada à diversão. Percebemos que as atividades de lazer realizadas pelos jovens, de segunda a sexta-feira, por ordem de preferência, são as seguintes: assistir à televisão, ouvir rádio, encontrar com os amigos, ajudar em tarefas da casa, falar ao telefone, namorar, ler revistas, ler algum livro (que não seja para a escola), estudar (fora da escola), ler jornal, jogar futebol, praticar algum outro esporte, jogar no computador ou usar a internet e tocar algum instrumento ou cantar. Entre as atividades de lazer realizadas nos finais de semana, muda a ordem de preferência: encontrar com os amigos, ouvir rádio, assistir à televisão, namorar, ajudar em tarefas da casa, falar ao telefone, ler revistas, jogar futebol, ler algum livro (que não seja para a escola), ler jornal, praticar algum outro esporte, estudar (fora da escola), tocar algum instrumento ou cantar e jogar no computador ou usar a internet. Verificamos que as atividades ligadas aos meios de comunicação TV e rádio estão entre as três primeiras preferências de lazer dos jovens. Assistir TV, em especial, é a principal atividade realizada durante a semana, o que nos leva a entender que há grandes possibilidades do programa Malhação, exibido de segunda a sexta-feira, ser assistido pelos jovens brasileiros, já que é o único programa voltado para esta parcela da população.

Entre as atividades de lazer que os jovens gostariam de fazer, mas não podem, estão as seguintes (por ordem de preferência): viajar, ir ao cinema, ao teatro, a shows, a festas, à danceteria, à praia, ir passear sem hora para voltar e ir ao shopping. Entre as razões por não fazerem estas atividades estão a falta de dinheiro, de tempo e o fato de os pais não permitirem. Em geral, há uma homogeneidade nos desejos dos jovens, porém há uma heterogeneidade nas condições dos jovens de fazer tudo que gostariam, em função das diferenças etárias. Além disso, a frequência às atividades de lazer e a socialidade diminuem depois do casamento, o que prova que a diversão apareça como uma característica da vivência juvenil (ABRAMO, 2005).

Estes dados são importantes, pois auxiliam a detalhar a atual situação dos jovens no Brasil e, juntamente com os dados referentes aos jovens brasileiros de classe popular (apresentados na sequência), servirão para comparar com as informações obtidas a partir de nossa pesquisa acerca dos jovens de classe popular de Santa Maria. Dessa forma, podemos compreender aspectos importantes destes que são foco em nosso estudo.

## **2.2 A juventude de classe popular**

Como já afirmamos, optamos por trabalhar com jovens de classe popular, pois entendemos que a categoria empírica de classe é importante no momento da recepção de Malhação na TV. O jovem constrói representações juvenis a partir de sua vivência de mundo e do consumo simbólico e material que realiza; estes dependem, direta ou indiretamente, da classe social do em que o indivíduo está inserido. Por isso, apresentaremos algumas características da classe C brasileira (a qual consideramos classe popular), em especial dos jovens, a partir de diferentes pesquisas.

Dados do censo do IBGE, de 2010, demonstram que a população de classe popular é maioria no Brasil e no Rio Grande do Sul, justificando nossa preocupação em compreendê-la. Através dos dados sobre o rendimento per capita (em salários mínimos) dos domicílios brasileiros, percebemos que apenas 17,4% dos domicílios possuem renda maior a 2 salários mínimos, enquanto os outros 82,6% recebem até 2 salários. Proporções semelhantes são registradas no Rio Grande do Sul, onde 22,8% dos domicílios recebem mais de 2 salários mínimos, enquanto os outros 77,2% recebem até 2 salários.

Outros dados que demonstram a predominância da população de classe C no Brasil são extraídos da pesquisa realizada pelo Ibope Mídia, intitulada Target Group Index. O último estudo realizado refere-se aos meses de fevereiro de 2009 a janeiro de 2010, sendo que foram realizadas cerca de 20 mil entrevistas com a população urbana das nove maiores regiões do Brasil. A pesquisa está centrada no amplo conhecimento sobre a classe C, ou, como o próprio estudo diz, a nova classe média brasileira, que representa mais da metade da população do país, ou seja, quase 100 milhões de indivíduos (Ibope Mídia. Target Group Index, 2010).

O estudo mostra que, na distribuição da população total do Brasil por classe socioeconômica, as classes consideradas C1 e C2 representam 50% da população total, ou seja, cerca de 32 milhões de pessoas com idade entre 12 e 64 anos. Enquanto isso, a classe

AB1 representa 17% da população, a classe B2 representa 19% e a classe DE representa 14%. Este crescimento da classe C promove o desenvolvimento de setores da indústria de bens e serviços, já que esta parcela também consome. A pesquisa também mostra que a população de classe C é mais jovem: do total de indivíduos da classe C1 e C2 do Brasil, 31% têm entre 12 e 24 anos em cada uma das classes (Ibope Mídia. Target Group Index, 2010). Isso ratifica a afirmação de Singer (2005, p. 35), que afirma que a maioria dos jovens brasileiros é pobre: “42% dos jovens vivem em famílias com renda de até dois salários mínimos e outros 31% em famílias com dois a cinco salários mínimos de renda”.

Além disso, o grau de instrução é o que mais diferencia uma classe de outra, e a classe C é a que concentra mais gente que não está estudando, a maioria é formada no ensino fundamental e parcialmente no segundo grau (Ibope Mídia. Target Group Index, 2010). O estudo mostra ainda que a classe C confia na mídia e que, entre as atividades de lazer e entretenimento, a TV preenche os espaços ociosos mais do que qualquer outra atividade. Entre os gêneros preferidos estão as novelas, os programas humorísticos e os de auditório. A internet apresenta menos a função de mídia e mais a função de ponto de encontro, sendo que o acesso a *lan houses* é bastante expressivo. A TV por assinatura, o cinema e a mídia impressa são mais impactantes entre os mais ricos. No que se refere ao gosto musical, a classe C prefere sertanejo, samba/pagode, forró, gospel, axé e funk.

A pesquisa mostra que o ato da compra possui os mesmos preceitos e a mesma intensidade em todas as classes, ou seja, todos realizam um planejamento, fazem pesquisa de preço e buscam as melhores oportunidades. A classe C costuma comprar em lojas de ruas. Lojas de departamentos e shoppings também acolhem parte expressiva dos consumidores, porém poucos são de classe C. Entre os equipamentos desejados pela classe C, estão no topo as tecnologias e as renovações tecnológicas: computador, celular, micro-ondas, televisor e geladeira, e máquina de lavar. O que possibilita e facilita o consumo dos brasileiros é, principalmente, o cartão de crédito e o cartão de loja. Nesse sentido, a classe C deseja e consome como pode os ícones do mercado, mas seu ritmo de consumo é mais esporádico ou sazonal (Ibope Mídia. Target Group Index, 2010).

Outro estudo que apresenta dados significativos sobre os jovens de classe C no Brasil é o “Dossiê Universo Jovem”, realizado desde 1999, pela MTV. O estudo visa conhecer os valores, as atitudes e o comportamento do jovem brasileiro, sendo que diversos temas já foram estudados, entre eles: família, religião, educação, sexo, poder de consumo e hábitos de mídia (Dossiê Universo Jovem MTV, 2008). Em sua quarta e mais atual edição, desenvolvida em 2008, o estudo foi realizado com jovens entre 12 a 30 anos (idade média de 21 anos),

pertencentes às classes ABC (5% pertence à classe A, 37% à classe B, e 58% à classe C). Como nossa pesquisa privilegia o entendimento dos jovens dos 12 aos 20 anos que são de classe popular, extraímos alguns dados desse dossiê que justificam nosso estudo.

A pesquisa mostra que ocorreu a consolidação da internet: de 2005 para 2008, o índice de jovens que acessa cresceu de 66% para 86%, o que está relacionado à maior oferta de locais gratuitos e pagos para o acesso. Mesmo assim, “a TV aberta e o rádio continuam sendo os meios com maior penetração entre os jovens”, sendo que 98% dos jovens brasileiros possuem acesso a esses meios. Na TV, costumam assistir a filmes (79%), programas jornalísticos (64%), novelas (59%), clipes e programas musicais (46%), programas humorísticos (45%), esportes e seriados (41%) (Dossiê Universo Jovem MTV, 2008, p. 20). Percebemos que a assistência a telenovelas ainda ocorre com grande frequência entre os jovens pesquisados. Como a maioria deles é pertencente à classe C, justificamos nossa escolha pelo meio de comunicação televisão.

Outro estudo que traz características especificamente dos jovens brasileiros é o “Projeto Sonho Brasileiro”, que aplicou entrevistas com jovens entre 18 e 24 anos, dos quais 64% pertenciam às classes populares (C e D/E). A principal contribuição deste estudo diz respeito à família. A pesquisa mostra que o modelo patriarcal não é mais a única referência na vida dos jovens, sendo que ganham força outras esferas socializadoras. Nesse sentido, Margulis (2004, p. 314) diz que “como instancia socializadora las sociedades tienen a la familia, la escuela, la televisión, los grupos de amigos, todos funcionan como educadores en algún sentido. Se aprende y se incorpora la cultura en la familia, en la fábrica, con el grupo de amigos, etc”. Assim, acreditamos que outras instâncias, além da família, também interferem na vida do jovem de classe popular, como a escola, as relações afetivas e o consumo. Estas esferas influenciam no modo como o jovem se vê representado na mídia (por exemplo) e no modo como constrói representações juvenis, e, por isso, serão aqui analisadas.

### **2.3 Mídia e representação social**

Levando em conta a perspectiva dos estudos culturais (EC), os quais constituem uma tradição teórica que analisa as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, suas formas, práticas culturais, instituições e relações com as mudanças sociais, pretendemos analisar o jovem inserido numa nova prática social, na qual se dá importância também para a

formação cultural do mesmo. Nesse contexto, buscamos entender como o jovem de classe popular forma representações sociais, diante de suas relações com diferentes instâncias (família/relações afetivas, escola e consumo), levando em conta sua cultura, seus modos de ser e agir, e, especialmente, diante das representações sociais de juventude e de classe veiculadas por Malhação. Assim, entendemos que a construção das representações juvenis pelo jovem passa por diferentes instâncias e tem grande influência da instância midiática.

Entendemos, assim como Hall (2000), que a representação social é uma construção política dentro de processos socioculturais, através do que se produz cultura, já que os significados trocados entre os membros de uma cultura são produzidos através das representações. A representação é concebida como um sistema de significação, ou seja, um sistema de signos que é visível, que está no exterior. Assim como a linguagem, a representação também é indeterminada, ambígua e instável. “A representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido” (SILVA, 2000, p. 91).

A representação “inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”. Assim, a representação constrói o lugar em que o sujeito se posiciona para produzir sua fala (WOODWARD, 2000, p. 17). A mídia, por exemplo, constrói uma representação através de diferentes sistemas simbólicos e seus significados e, assim, nos posiciona como sujeito em um lugar a partir do qual podemos dar sentido a nós mesmos. Isso sugere que podemos optar por novas posições a partir das mudanças culturais, sociais e econômicas que ocorrem no mundo e na vida das pessoas. Ou seja, novas posições de sujeito são assumidas a partir de diferentes representações que temos dos acontecimentos.

Junqueira (2005) afirma que a noção de representação social vem sendo mais discutida nos últimos tempos devido à necessidade de se explicar a dimensão cultural dos fenômenos sociais. Além disso, com a importância dada às tecnologias no fluxo mundial de informações, os cientistas sociais se veem obrigados a observar as novas formas pelas quais a sociedade, os grupos e os indivíduos pensam a si mesmos e aos outros, e como, a partir disso, as identidades e as representações sociais e individuais são construídas, mantidas ou transformadas.

Como diz Spink (1995), as representações sociais precisam ser entendidas a partir de um contexto e de sua função nas interações sociais do dia a dia. Segundo ela (p. 120), “as representações são estruturas estruturadas ou campos socialmente estruturados”, pois o indivíduo não está sozinho quando elabora sua representação social, ele está inserido em uma situação social, cultural e histórica definida, ou seja, está em um grupo de pertencimento, o

qual responde por parte de sua representação. Nesse sentido, “as representações sociais, enquanto produtos sociais, têm sempre que ser remetidas às condições sociais que as engendram, ou seja, o contexto de produção” (SPINK, 1995, p. 121). Assim, quando analisamos a representação juvenil e de classe construída pelos jovens, levamos em conta tanto sua relação com o meio de comunicação televisão e, especificamente, com o programa *Malhação*, quanto sua relação com as categorias família/relações afetivas, escola e consumo.

Se considerarmos os estudos da semiótica, compreendemos, assim como França (2004), que o significado do termo “representação” está entre “apresentação” e “imaginação”. O termo se aproxima do conceito de signo e diz respeito às imagens mentais, bem como à sua dimensão externa. Nesse sentido, as imagens seriam as coisas percebidas por nós no universo, que passam a ter algum sentido assim que percebidas; enquanto que a representação é o resultado da ação do indivíduo sobre as imagens percebidas, eliminando as que não interessam às suas necessidades.

Como diz França (2004), a representação é um fenômeno que sempre sofre alterações, tanto na dimensão simbólica quanto na sua forma concreta. Além de modificarem de indivíduo para indivíduo, as representações variam dentro de diferentes épocas e culturas, bem como espelham vivências específicas dentro de uma determinada sociedade. Compreendemos que as representações dizem respeito a um fenômeno móvel e plural. Elas também estão ligadas a seus contextos históricos e sociais, sendo produzidas nos processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade.

Corroborando esta ideia, Spink (1995, p. 142) diz que a representação depende de cada indivíduo, pois “vemos o mundo e o interpretamos a partir das viseiras de nossos preconceitos”. Compreendemos que o jovem vê e interpreta a representação de juventude e de classe apresentada por *Malhação* a partir de seu próprio olhar, com ideias já construídas e conceitos já formulados. Entendemos, como a autora, que “não existe uma única interpretação ou, dentre as alternativas, nenhuma garantia de que a interpretação escolhida é mais verdadeira que as demais. A escolha é regida, sem dúvida, por opções que antecedem e mesmo que determinam as interpretações” (SPINK, 1995, p. 142).

Assim, ao analisar a representação que os jovens de classe popular fazem das imagens que assistem em *Malhação*, diversas representações são possíveis, já que os jovens entrevistados são totalmente diferentes entre si e possuem códigos distintos. Além disso, as representações se modificam de acordo com a cultura e a sociedade na qual vive o jovem. Dessa forma, as imagens/sinais apresentadas na TV são as mesmas para todos e podem ser percebidas por todos, mas a interpretação que se faz desses sinais é que modifica de acordo

com cada ser humano, de acordo com sua cultura e com costumes da determinada sociedade. Por isso, nosso estudo etnográfico é tão importante, pois nos insere na cultura dos jovens, em seu cotidiano, em seu modo de vida, a fim de entender como cada um deles se vê representado em Malhação e como isso interfere na formação de representações juvenis.

Entendemos, como Rocha (2008, p. 89), que “as narrativas televisivas são vistas como recursos simbólicos capazes de orientar a formulação de representações e identidades que define o modo como os sujeitos são percebidos e avaliados mutuamente”. Nesse contexto, compreendemos que Malhação é capaz de orientar a formulação das representações juvenis construídas dos jovens; desde a apresentação de modelos e estilos de vida a serem seguidos, até a apresentação de produtos a serem consumidos, o programa apresenta uma representação social da realidade e o jovem pode ou não assumir essa representação. Nosso intuito é mostrar como Malhação se apresenta ao jovem e verificar se e de que forma ele se vê representado e constrói representações juvenis e de classe a partir da narrativa televisiva.

## **CAPÍTULO 3 – PROGRAMA MALHAÇÃO: 16 ANOS NO AR**

### **3.1 Institucionalidade: aspectos da produção de Malhação**

Neste capítulo, analisamos aspectos da produção e do conteúdo de Malhação veiculado na TV. Destacamos aspectos referentes à Rede Globo como produtora do programa e apresentamos uma descrição dos seus autores, de sinopses e de personagens da 18ª temporada. A partir desta análise, destacamos detalhes que justificam ou, pelo menos, explicam a representação de juventude e das relações de classe social apresentadas por Malhação, possibilitando melhor compreender aspectos da recepção do programa junto ao público jovem.

#### **3.1.1 Sobre a Rede Globo**

O programa Malhação - de classificação etária livre - é exibido pela televisão de segunda a sexta-feira, às 17h45min, na Rede Globo, e possui aproximadamente 30 minutos de duração. Por ser exibido na TV, descrevemos alguns detalhes do surgimento deste meio de comunicação, bem como da criação da Rede Globo, emissora que exibe o programa há 16 anos.

Após o surgimento da TV no Brasil, na década de 50, a expansão de sua indústria ocorreu de 1970 a 1989. Quem domina até hoje em níveis de audiência é a Rede Globo, emissora criada em 1965 por Roberto Marinho. Seu domínio foi concretizado na década de 70, com o enfraquecimento e posterior extinção da TV Tupi e da TV Excelsior. Nesse período, “as novelas passaram a ocupar a posição de um dos programas mais populares e lucrativos da televisão brasileira, e é por seu intermédio que as emissoras competem pela audiência” (HAMBURGUER, 2005, p. 30).

A Rede Globo cresceu em proximidade com o regime político e aproveitou-se das novas tecnologias lançadas; embora fosse uma empresa privada, a emissora conseguiu o monopólio da audiência, que geralmente é das emissoras públicas em países onde a comunicação é estatal. Através de um estilo e de uma programação própria, não influenciada pelas emissoras americanas, a Globo tornou-se a primeira emissora lucrativa do país e se

inseriu no mercado internacional como exportadora. Em setembro de 1969, ela estreou o Jornal Nacional - primeiro noticiário nacional a ser transmitido para diversas regiões do país - inaugurando a Rede Globo de Televisão. Já em 1970, as novelas passaram a ser transmitidas nacionalmente e a primeira transmissão em cores ocorreu em 1972 (HAMBURGUER, 2005).

Nesta década, 80% dos lares urbanos já possuíam um aparelho de TV. A emissora consolidou sua hegemonia e passou a ser a maior rede de TV do país, obtendo grandes números no IBOPE. Este período corresponde à consolidação da indústria cultural no país, sendo que a TV foi o meio de comunicação mais influente. Em 1980, “foram vendidos um milhão de aparelhos de TV em cores. O país já contava com 113 emissoras de TV e 20 milhões de televisores, com uma audiência nacional de 100 milhões de compradores potenciais de produtos” (REIMÃO, 2006, p. 75).

Neste período, a Globo investiu muito em melhorias técnicas e aumentou o número de afiliadas, melhorando o nível da produção televisiva brasileira. O carro-chefe de sua produção eram as telenovelas (REIMÃO, 2006). Nem mesmo o regime militar, que trouxe a censura e o controle político do Estado sobre a TV brasileira, abalou o desenvolvimento da emissora, que se adaptou ao período para não perder o domínio que havia conquistado. Foi neste momento que a Globo criou o “padrão Globo de qualidade”: convenções formais que garantiam à emissora um controle sobre sua própria programação (HAMBURGUER, 2005).

Já a década de 90 marca um período em que a estrutura e a programação televisiva se diversificam, concretizando um período redemocratizado da TV no país. A descentralização do controle político fez com que o controle das emissoras passasse a ser distribuído entre diversos patriarcas locais que dominavam a política brasileira, sendo que, em 1988, com a nova Constituição, o governo distribuiu 1026 concessões de TV e rádio. Nesse período, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e a Rede Manchete desafiaram a liderança da Rede Globo e, no final dos anos 90, a Rede Record também se tornou competitiva. Assim, ao final do século XX, as principais redes de TV no Brasil eram Rede Globo, o SBT, Rede Bandeirantes, Rede Record, RBS (filial da Rede Globo) e Rede Manchete (que deu lugar em 1998 à Rede TV!) (REIMÃO, 2006).

Nesta época, a TV a cabo ainda era um privilégio disponível a apenas 8,7% dos domicílios com televisão do país (REIMÃO, 2006). A utilização desta era realizada somente pelas classes A e B. Mas, a partir de 1995, os segmentos populares foram incluídos como consumidores da programação televisiva, sendo que os produtores de TV passaram a se preocupar com o gosto popular e inserir, em sua programação, temáticas voltadas a esta classe (HAMBURGUER, 2005). A própria Rede Globo e o programa Malhação, criado em 1995,

também passaram a se preocupar com esta questão. A partir de então, as classes B e C são as mais importantes para a televisão, sendo que a classe C é ainda mais significativa entre as duas, já que os espectadores que a constituem são leais à programação e estão abertos ao consumo. Além disso, um número maior de pessoas pertence a esta classe no país e eles supostamente consomem mais que os indivíduos da classe B (HAMBURGUER, 2005).

Mas isso não significa que as emissoras não considerem as outras classes sociais, até porque “a novela é dos raros textos consumidos por cidadãos pertencentes às mais diversas classes sociais, um repertório privilegiado para medir diferenças” (HAMBURGUER, 2005, p. 73). Compreendemos que as telenovelas (assim como *Malhação*) tanto consideram as demais classes sociais, que representam com predominância a realidade dessas (classe alta e média), em comparação à representação das classes populares. Na 18ª temporada de *Malhação*, por exemplo, dos 50 personagens, 28 eram de classe popular, 13 de classe média e apenas 9 de classe alta. Assim, apesar da classe C mais consumir esse tipo de programação, as representações das classes A e B ainda predominam. Acreditamos que isso é uma estratégia para fidelizar a audiência de classe C, já que “a televisão é extremamente atraente para o grupo popular, sobretudo porque ele veicula uma modernidade e uma fala reconhecidas como universos simbólico de outra classe” (LEAL, 1986, p. 53)

Ainda em relação ao público das telenovelas, Hamburguer (2005) apresenta algumas tendências: as mulheres assistem mais do que os homens e, entre elas, as de classe popular assistem mais do que as de classe média; as meninas jovens e as mulheres com mais de 40 anos são o segmento de público mais leal. Isso explica por que em nosso estudo privilegiamos a recepção de meninas jovens de classe popular. Jovens, por ser este o público preferencial de *Malhação*; meninas, por declararem que assistem e serem fiéis ao programa; e de classe popular, por acreditar que assistir TV é sua atividade de lazer preferencial, diferente das meninas de classe média e alta.

Até hoje, a Rede Globo separa sua programação por horários, levando em conta a categorização do público por idade, sexo e classe social. Esta grade é organizada estrategicamente, já que os programas obedecem a critérios de periodicidade e serialização, gerando economia e rapidez na produção e criando hábitos de assistência e mantendo o espectador naquele canal. Existe a escolha de dias e horários para inserção de programas na grade, o que pré-defina audiência, valor de patrocínios e publicidades, bem como o investimento da emissora no programa. Nesse sentido, a programação noturna da Rede Globo inicia com *Malhação* e segue com as novelas intercaladas pelos jornais. A preocupação da emissora em colocar *Malhação* no horário das 17h45 min, abrindo a programação da noite, é comprovada na seguinte afirmação

(setembro/2010), na qual se percebe que a mudança no horário prejudica os índices de audiência alcançados:

A equipe de “Malhação” está contando os dias para o fim do horário eleitoral. Graças a ele, o programa está indo ao ar às 17h15m, o que, avalia-se, tem grande impacto sobre a audiência. Nessa faixa, muitos adolescentes ainda não voltaram da escola (...). O fato é que, nos bastidores, os números preocupam porque a novela é responsável por “abrir” a programação da noite (MALHAÇÃO BR).

Isso mostra que o programa também está inserido na lógica de produção da Rede Globo. O fato de estar há 16 anos no ar nos leva a crer que seu retorno em termos de audiência, apesar de não ser tão alto quanto em seus primeiros anos, ainda garante a satisfação da emissora global. A mudança dos seus autores, bem como da equipe e dos personagens, demonstra que a cada temporada ocorrem novas tentativas de melhorar o programa e aumentar seus níveis de assistência.

Atualmente, com o avanço das tecnologias e, assim, das oportunidades de lazer, está cada vez mais difícil para as emissoras manter (principalmente os jovens) diante da televisão. Pensando nisso, a Rede Globo incentiva o desenvolvimento de seus programas em múltiplas plataformas: Malhação, que antes estava apenas na TV, passa a ser apresentada também na internet e em outros meios de comunicação (celular, revistas, jornais, etc). Além disso, a TV brasileira tornou-se cada vez mais interativa, possibilitando a participação do seu público. A possibilidade de opinar em tempo real gera a sensação de participação na programação e isso promove a fidelidade da audiência. Malhação já adotou técnicas como estas no momento em que possibilitou a participação do público na temporada “Malhação.com”, de 1998. Os telespectadores participavam enviando opiniões através do telefone e da internet. Atualmente, isso é mais comum através do uso da internet e das redes sociais (Orkut, Facebook, Twitter).

Apesar das novas tecnologias, percebemos, como Reimão (2006, p. 121), que estas “de forma alguma vieram substituir o consumo da televisão de sinal aberto”. Acreditamos que os meios se complementam e, nesse sentido, “os velhos meios de comunicação não estão sendo substituídos. Mais propriamente, suas funções e status estão sendo transformados pela introdução de novas tecnologias” (JENKINS, 2008, p. 39-40). Assim, as velhas mídias não perderam seu espaço, elas estão lado a lado com as novas mídias e, juntas, dão mais liberdade para o consumidor, facilitando sua busca por informações e garantindo maior participação do receptor na produção das mensagens. Dessa forma, levamos em conta que a TV aberta continua com grande importância na sociedade, ocupando a maior parte do tempo livre das pessoas. Apesar das diversas oportunidades de lazer disponíveis, a TV e as telenovelas ainda são muito apreciadas, principalmente entre a classe popular, o que justifica nosso esforço por

entender como um programa de televisão (Malhação) é pensado, repensado e incorporado às falas e atitudes dos jovens de classe popular e como estes sujeitos percebem estas dimensões.

### 3.1.2 Sobre o autor

A 18ª temporada de Malhação, exibida de 23 de agosto de 2010 até o dia 26 de agosto de 2011, é escrita por Emanuel Jacobina e tem como colaboradores Flávia Bessone, Gabriela Amaral, Márcio Vilson e Zé Dassilva. A direção é de Adriano Mello e a direção geral é de Leonardo Nogueira. O núcleo é de Ricardo Waddington.

Emanuel Jacobina nasceu no Rio de Janeiro, em 1962. É jornalista e foi roteirista de programas como Cassetta & Planeta, Urgente!, Os Trapalhões e Sai de Baixo. Jacobina foi também um dos criadores do programa Malhação, juntamente com Andrea Maltarolli, sendo que escreveu a primeira temporada do programa, em 1995, a temporada de 1998 e a atual. Ele foi membro do grupo de humor “Obrigado Esparro” e escreveu a sua primeira telenovela, “Coração de Estudante”, em 2002. Foi coautor de “Kubanacan”, em 2003, e colaborador da novela “Beleza Pura”, em 2008. Todos os seus trabalhos foram desenvolvidos na Rede Globo (MONZILLO, 2011).

Quando assumiu a novela “Coração de Estudante”, Jacobina deixava uma atração juvenil - Malhação - para assumir um programa voltado ao público mais velho. Mesmo assim, ele incluiu um forte apelo jovem na novela, que teve como cenário uma universidade e repúblicas de estudantes. Assim, a temática jovem continuou a fazer parte de sua trajetória como escritor, estando presente na novela que estreava e nas temporadas de Malhação que escreveu.

Apesar dos modestos investimentos e da inexperiência dos atores, Jacobina demonstrou alegria em estar novamente na equipe do programa, já que ele acompanha Malhação desde sua criação. O autor também elogia sua equipe de trabalho, afirmando que todos possuem sensibilidade e inteligência em relação ao jovem. Como bom escritor, acompanhou o processo de concepção da 18ª temporada bem de perto. Além de acompanhar o elenco, assistiu às cenas e verificou o cenário, a fim de garantir que o programa retomasse a credibilidade e atingisse as expectativas do público. Para isso, buscou retratar com realismo o que o jovem brasileiro vive (MALHAÇÃO 2010).

O autor assumiu esta temporada com a missão de recuperar os índices de audiência do programa. Foi ele que implantou a mudança de cenário da academia para um colégio, em 1998, promovendo uma virada no programa e aumentando sua audiência. Para a atual temporada, o autor usou outro recurso: buscou retratar as diversas classes sociais (NOTÍCIA, 2010). Nesse sentido, ele fala sobre a importância que o programa tem ao trazer para público as discussões sociais:

Essa é a essência da Malhação. Acho que essa questão social acontece desde o início do programa, em 1995, depois se perdeu um pouco e voltou a retomar o assunto por volta de 1999, já na época do colégio Múltipla Escolha. Isso é parte da linguagem do programa, que faz com que o jovem se identifique mais com cada tribo (MALHAÇÃO 2010).

Nesse sentido, Jacobina incluiu alunos pobres na história, apresentando-os como alunos bolsistas do Colégio Primeira Opção, que se misturam com outros jovens na escola da ficção, caracterizados pelo próprio autor como sendo filhos da classe média alta. Segundo Jacobina, sua intenção foi fazer com que os jovens fossem mais independentes e donos de suas vidas, diferente do que vinha sendo apresentado nas outras temporadas (O PLANETA TV, 2011). O autor também inseriu o humor no programa, o que é uma característica de seus trabalhos, e preocupou-se com o tratamento realista do universo jovem.

Jacobina admitiu que, em muitos momentos, o público perdeu o interesse por Malhação, mas ele defende a atração e acredita na sua manutenção, já que é o único programa da TV aberta que trata do universo do jovem brasileiro. O diretor Ricardo Waddington também defende a permanência da trama, dizendo que “nenhum outro programa da televisão brasileira se aprofunda com tanta responsabilidade e com tanto cuidado em temas que são diretamente ligados à adolescência” (NOTÍCIA: BASTIDORES DE MALHAÇÃO, 2010)

Em relação à participação do autor no desenvolvimento do programa, já em 1986, Leal mostrava que o autor das telenovelas da Rede Globo tinha um papel fundamental na sua produção. Sua importância permanece: ele é o responsável pela história que é escrita na medida em que vai ao ar, escolhe o ator para cada personagem, é quem aceita ou não as modificações e responsabiliza-se por mudar o rumo da história e também é ele que aprova ou não estratégias de *merchandising*. Ou seja, ele possui muita autonomia, mas também mantém um contato muito forte com a empresa produtora de seu programa.

O processo de autoria de cada temporada de Malhação geralmente é realizado por mais de uma pessoa e conta com o apoio de uma grande equipe. Além disso, cada fase do programa é coordenada por uma equipe diferente. Assim, cada autor possui autonomia em relação à temporada que escreve, mas mantém a característica básica de Malhação, que é a temática

juvenil e outros detalhes que marcam a ligação entre o programa e emissora global. Assim, compreendemos que muitas diretrizes da Rede Globo são avaliadas, já que ela possui um padrão de qualidade que a mantém na liderança da programação.

### 3.1.3 Sobre o programa Malhação

Malhação é considerado o espaço por excelência de personagens jovens, pois é o único programa dedicado a este público, protagonizado por ele e com temáticas que pertencem ao seu universo. O programa continua atraindo o público e sendo um sucesso de audiência, pois apresenta um modelo de juventude valorizado pelos jovens e atinge um público amplo, das mais diferentes classes e regiões do país.

O programa possui características de telenovela, pois é construído por histórias mais prolongadas, sem desfecho imediato. As narrativas entrelaçadas e paralelas são contadas em capítulos, com uma trama principal e muitas subtramas, sendo que todas desenvolvem, se complicam e se resolvem no decorrer da apresentação. Mas diferencia-se da telenovela e se aproxima do gênero seriado no que diz respeito ao tempo de duração: enquanto a telenovela se desenvolve entre 100 e 200 capítulos e cada um deles tem duração aproximada de 60 minutos, Malhação se organiza em temporadas, que duram cerca de um ano e cada capítulo dura em média 30 minutos. Além disso, normalmente a novela possui uma estrutura com fim definido, enquanto em Malhação, cada desfecho determina o fim de uma fase e não da novela (MEDRONHA, 2005).

Assim, embora já tenha sido classificada como novela ou seriado, consideramos o programa como *soap opera*, especialmente por sua duração indeterminada (está há 16 anos no ar e não possui previsão de término) e pela estruturação de sua narrativa em uma multiplicidade de núcleos, os quais vão se desenvolvendo até um fechamento que funciona como um gancho para o início de uma nova temporada com outros personagens (ANDRADE, 2006, p. 1). Ao longo dos anos, Malhação se estruturou dessa forma, sendo que, ao final de cada temporada, normalmente ficavam alguns atores e iniciava uma nova fase, com a mesma temática juvenil e com a mudança ou incorporação de outros cenários. A partir da 18ª temporada, todos os personagens foram substituídos, mas o cenário principal continuou sendo a escola, os temas juvenis permaneceram em discussão e a história continua se estruturando a partir de diferentes núcleos que se desenvolvem até o fechamento da temporada. Por isso,

consideramos o programa uma *soap opera*. O termo significa opera de sabão (soap = sabão; opera = ópera). Recebe este nome por ter sua origem nas propagandas de sabão surgidas na década de 30, nos EUA, e exibidas no horário vespertino com o objetivo de entreter um grande público de ouvintes (SOUSA, 2007).

Os personagens do programa são, na maioria, jovens (entre os 15 e 24 anos), enquanto os atores mais velhos representam o papel de pais, avós e professores. Os temas abordados dizem respeito ao início da vida sexual, ao relacionamento com os pais e com os amigos, às dúvidas em relação ao futuro profissional, entre outros. O programa costuma abordar temas polêmicos, como a gravidez na adolescência, a AIDS, a questão da corrupção, do racismo, questões referentes a crises ecológicas e ao trabalho infantil, além de tratar de temas diretamente relacionados à socialização dos jovens, como a relação destes com a escola, com o trabalho, com a cultura e com a família.

Outra característica marcante de Malhação é sua construção cenográfica. Cada temporada é desenvolvida a partir da reformulação do antigo cenário; algumas estruturas da temporada anterior geralmente permanecem, mas, a cada nova temporada, novos cenários são adaptados e inseridos para que possam ambientar o tema em questão. Sousa (2007, p. 56) também afirma que a seleção musical é uma particularidade do programa: “ela própria é um ‘falar’ que inscreve a condição juvenil no programa. A maioria das letras traduz questões específicas da condição juvenil, como vida amorosa, atitudes do ser jovem, suas buscas, dificuldades e críticas à sociedade em geral”. Outro elemento peculiar é o figurino dos personagens; este é marcado por um determinado estilo, ou seja, um conjunto de característica que dão significado para a identidade juvenil (SOUSA, 2007).

O programa já está em sua 19ª temporada e, ao longo de sua história, já passou por diversas reformulações. Sua 1ª temporada iniciou em abril de 1995. O cenário era a academia de ginástica Malhação, que se mantém até a 4ª temporada. Ao final de cada uma das três primeiras temporadas, foi exibido o programa especial de férias. Aproveitando as férias escolares do público jovem, a produção do programa promovia a mudança temporária do cenário, bem como a entrada de novos personagens. Isso era interessante para o aumento de audiência entre o público (MALHAÇÃO, 2010).

Na 2ª temporada, que foi ao ar em abril de 1996, a trama contou com incursões ao mundo adulto. Já a 4ª temporada, exibida a partir de março de 1998, marca uma reformulação total do programa, tanto na trama como no elenco. O cenário inicial ainda é a academia, mas, ao longo da trama, ela foi vendida e demolida, sendo que o programa passa a contar com cenas externas (MALHAÇÃO, 2010). Em outubro de 1998, o personagem Mocotó volta ao

programa, em uma cena ao vivo, anunciando o que irá acontecer a partir de então. Isso marca o fim da 4ª temporada e o início da 5ª, em que “Malhação” é apresentada ao vivo. Esta vai ao ar outubro de 1998 e experimentava um novo formato chamado “Malhação ao vivo” ou “Malhação.com”, tendo como cenário um quarto, o “muquifo do Mocotó”. É produzido como uma retrospectiva e monta-se como um álbum virtual de memórias; conta com a participação dos telespectadores, que podiam dar opiniões através do telefone e da internet (MALHAÇÃO, 2010).

Ao final desta temporada, inicia-se a 6ª fase do programa, que vai ao ar em outubro de 1999. Esta se desenvolve na escola Múltipla Escolha, que passou a ser o cenário principal da história a partir de então. A casa dos personagens principais também passa a integrar o cenário de Malhação, assim como a família de cada um deles passa a fazer parte da trama. Com o término desta fase, inicia, em abril de 2000, a 7ª temporada do programa. Nesta, muitas histórias paralelas se misturam às cenas filmadas no colégio e ocorre a inclusão de temas de interesse social (escolha da profissão, aids, gravidez na adolescência, drogas, homossexualismo, etc) (MEDRONHA, 2005).

Já em maio de 2001, inicia a 8ª temporada de Malhação. O sucesso do programa continuava e os índices de audiência superaram (em alguns capítulos) a audiência das novelas exibidas na época. Em abril de 2002, vai ao ar a 9ª temporada, que ganhou nova abertura e novo logotipo (MALHAÇÃO, 2010). Em abril de 2003, inicia a 10ª temporada, a qual ainda se passa na escola Múltipla Escolha, mas um novo cenário foi adotado: a república onde moravam alguns personagens. Em janeiro de 2004, inicia a 11ª temporada do programa. Esta é marcada pelo surgimento de uma banda entre os alunos e obteve a maior média de sua história: 34 pontos no ibope (MENEGAZ, 2006).

A 12ª temporada vai ao ar em janeiro de 2005 e, em janeiro de 2006, inicia a 13ª, intitulada “Malhação Múltipla Escolha”. A 14ª temporada inicia em janeiro de 2007 e, por falta de audiência, seu término foi antecipado para outubro de 2007, quando o programa estreou sua 15ª temporada. Nesta, ocorre a fusão entre dois colégios, o que resulta no Colégio Múltipla Escolha - Ernesto Ribeiro. A pluralidade dos jovens levantará questões importantes sobre as diferenças entre as pessoas, as culturas, os pontos de vista e as expectativas que marcam a vida dos alunos (MALHAÇÃO, 2010).

Em janeiro de 2009, inicia a 16ª temporada, a qual é marcada pela falência do Colégio e sua divisão: parte continuou sendo a dependência do Colégio Múltipla Escolha e outra parte foi transformada no Shopping Gran Plaza. A temporada contou com histórias em quadrinhos e vinhetas, além de ter um cenário múltiplo (colégio e shopping). Ao final da temporada, o

colégio Múltipla Escolha foi fechado por ordem judicial e o shopping foi ampliado. Com isso, três dos atores desta fase permanecem e se matriculam no Colégio Primeira Opção, que passa a ser o cenário da 17ª temporada de *Malhação*, que inicia em 09 de novembro de 2009. Esta foi repaginada sob o título “*Malhação ID*” e focou na descoberta da identidade. Ela foi marcada pela presença de construções de *standy-up comedy* e de humor em suas histórias. Além do colégio, outro ponto de encontro dos estudantes é o Rocket Stone, frequentado pelos jovens para conversar, ouvir músicas e praticar esportes (hóquei sobre patins e patinação artística).

No dia 23 de agosto de 2010 inicia a 18ª temporada do programa, que volta a ser chamada apenas de “*Malhação*”. Esta fase será descrita mais detalhadamente, já que é o período que serve de referência para a pesquisa de campo de nosso estudo com as jovens. Nesta temporada, o Colégio Primeira Opção abre uma filial, coordenada por Tereza Martins (Helena Ranaldi). O colégio, que volta a ser o palco principal da trama, serve de ponto de encontro entre a maioria dos personagens. Diferente do que acontecia até então em *Malhação*, esta temporada foi marcada pela substituição total dos personagens. Os protagonistas da história são Pedro (Bruno Gissoni) e Catarina (Daniela Carvalho). Ele, de origem humilde, mora na periferia da cidade e ela, de classe média alta/classe alta, mora no centro da cidade. O novo point da galera é o bar Botecão, depois nomeado de Boladão. Outros cenários são o Hospital e o clube (com campo de futebol e piscina), que serve de ponto de encontro entre os jovens. Todos os personagens desta temporada serão apresentados a partir da descrição que consta no site do programa. Muitos deles serão analisados de acordo com sua relevância ao apresentarem uma representação da juventude e de classe social, bem como por suas interações com a família/relações afetivas, o consumo e a escola.

Além do tema central (as diferenças sociais, o conflito entre classes sociais distintas e o oferecimento de bolsas de estudo para jovens carentes), outros temas abordados foram gravidez na adolescência, bullying, discriminação, namoros interracialis, busca de um espaço no cenário do futebol e da moda, epilepsia, bulimia e anorexia, arrastões ocorridos no Rio de Janeiro, transtorno bipolar, adoção, AIDS, drogas, sequestro, câncer de mama, greve dos hospitais, entre outros.

Assim como as demais temporadas, esta também “transita entre o novo e o tradicional, propõe ruptura e reitera o instituído” (COUTINHO E QUARTIERO, 2009, p. 9). Mais uma vez, o casal de protagonistas é representado por um jovem pobre e outro rico, sendo que os dois se apaixonam e superam todos os obstáculos (econômicos e culturais) para ficarem

juntos. Como afirmam as autoras, são o “Romeu e a Julieta modernos (...) em que a posse material é o que os separa”.

Esta temporada tem a maior cidade cenográfica. O entra e sai do colégio, pela primeira vez, acontece num ambiente com ruas, carros, postes, lojas, etc, o que, segundo Leonardo Nogueira, diretor geral da novela, dá uma cara de novela para o programa, já que a cidade cenográfica está mais urbana, pois tem gente andando, ônibus passando, prédios, etc. Além disso, muitas cenas foram gravadas fora da Central Globo de Produção, pois, segundo Jacobina, “existe uma ordem do caos que é impossível de ser reproduzida no estúdio ou na cidade cenográfica” (MALHAÇÃO 2010, Bastidores).

Em relação ao cenário de dentro da escola, Flávia Yared e a equipe de cenografia se basearam no modelo das escolas da corrente construtivista do Rio de Janeiro, sendo que foram criados nove diferentes ambientes que são ocupados para as gravações: “a midiateca, a cantina, a sala dos professores, a sala da diretora, os banheiros, a administração e as salas de aula” (MALHAÇÃO 2010, Bastidores). A casa dos protagonistas foi concebida a partir do conceito de “cidade partida”. Para mostrar as distâncias sociais vividas pelos personagens, a arquitetura vai pontuar a diferença entre o bairro nobre, da Catarina, e a periferia, de Pedro. Segundo Flávia,

embora Catarina não seja de classe muito alta, seu apartamento é novo, como se tivesse sido construído na década de 90. Ela tem na sala uma TV de plasma e muitos livros. Já Pedro mora em uma casa mais simples, que teria sido construída na década de 50. Tudo o que sua família possui, ela mantém com capricho, mas é evidente que não tem a mesma condição financeira de Catarina. É uma linguagem subliminar, que passa pelos móveis e pela decoração utilizada nesses cenários. As cores predominantes do quarto de Catarina são o vinho, o bege, o marrom e o branco. Já o quarto de seu irmão Fred (Bernardo Mesquita), que passará por problemas de perda de memória, é mais sóbrio, desenhado nas cores azul escuro e cinza. O quarto de Pedro é trabalhado nas cores verde, marrom, amarelo e bege (MALHAÇÃO 2010, Bastidores).

Outros cenários criados para esta temporada são a república e a caldeira. Além disso, temporada trouxe outras novidades. Segundo o autor, Emanuel Jacobina, uma delas diz respeito ao fato de o programa trazer mais intensidade nas relações: “histórias mais dramáticas e ao mesmo tempo mais engraçadas. Vamos mostrar esse tratamento mais realista de uma grande metrópole brasileira, com um elenco talentosíssimo e bonito” (MALHAÇÃO 2010). Outra marca foi a incorporação da trilha sonora predominantemente sertaneja, com músicos como Luan Santana e Adair Cardoso. Outros detalhes desta temporada e aspectos relevantes para a pesquisa serão apresentados ao longo deste estudo.

### 3.2 Tecnicidade: os discursos de classe em Malhação

A tecnicidade possibilita analisar como são produzidos os discursos de classe em Malhação e a forma com a representação social do jovem é apresentada no programa, auxiliando a compreender como isso interfere na construção de representações juvenis. Além disso, buscamos analisar a forma como Malhação trabalha a interação dos jovens com a família/relações afetivas, o consumo e a escola, a fim de verificar se e como o discurso do programa interfere na formação de representação juvenis.

#### 3.2.1 Representação jovem em Malhação

Buscamos demonstrar como o programa representa o público jovem. Para isso, apresentamos a tabela abaixo, com a descrição dos personagens jovens que consta nos sites do programa (até abril de 2010 estava no ar um site, mas a partir de então outro layout foi desenvolvido). Estas descrições apresentam a forma como os autores definem os personagens e, assim, a forma como desejam que o público os veja. A definição da posição de classe dos personagens foi feita a partir da análise da descrição de cada personagem extraída dos sites e da assistência diária ao programa.

**Tabela 1** - Personagens jovens da temporada 2010/2011 de Malhação

Personagem	Caracterização	Ocupação	Classe	Descrição do site
Catarina: Daniela Carvalho		Estudante	Alta	Tem uma vida dupla. Durante uma parte do dia, essa moça linda, solidária, sedutora, mandona e controladora estuda, faz aula de ginástica, vai a festas e namora. Na outra parte do dia, Catarina é uma dona de casa: orienta a empregada, faz compras, confere os horários de estudo e lazer dos irmãos mais novos, Fred (Bernardo Mesquita) e Duda (Nathalie Jourdan).
Duda: Nathalie Jourdan		Estudante	Alta	Irmã caçula de Catarina (Daniela Carvalho), Duda cresceu sem a presença do pai, com a mãe mais distante do que ela gostaria, aturando as implicâncias de Fred (Bernardo Mesquita) e à sombra de Catarina. Embora tenha a irmã como amiga, atribui ao jeito feminino, catalisador e expansivo da jovem, o fato de ser uma "menina-moleque". Joga futebol bem e aprendeu até a lutar.

Fred: Bernardo Mesquita		Estudante	Alta	Irmão de Catarina (Daniela Carvalho). Esportivo, largado, preguiçoso, bagunceiro e falastrão. Compete o tempo todo com a irmã mais nova, Duda (Nathalie Jourdan), pela atenção da mãe. Mimado, não chega a ser antipático porque tem uma boa natureza e frequentemente é bastante carinhoso. Gosta de exibir força e de se fazer de valentão, mas, de fato, não é violento.
Eric: Duam Socci		Estudante	Alta	É o grande galã do colégio, o mais esperado em todas as festas. A chegada de Pedro (Bruno Gissoni), com quem passa a ter que dividir as atenções, não o agrada nem um pouco. É convencido, rico e esperto o suficiente para saber se impor. Eric é do tipo que faz besteiras e depois se arrepende, mas não sabe como voltar atrás. Começa a temporada como namorado de Catarina (Daniela Carvalho).
Lúcio: Gabriel Chadan		Estudante	Alta	É o vilão da história. Para a galera, Lúcio é um cara agradável, positivo, engraçado. Mas, na verdade, sua principal característica é ser um manipulador. Sabe fazer intrigas como ninguém. Tem muita inteligência e muita capacidade de observação. Para Lúcio, não é difícil identificar o ponto fraco das pessoas. É apaixonado por Catarina (Daniela Carvalho), mas guarda este segredo a sete chaves.
Franja: Junior Madalena		Estudante	Alta	É o cara mais feroz do colégio. É tatuado e tem um físico de brutamontes. Totalmente apaixonado e subserviente a Babi (Maria Pinna), que não lhe dá a mínima.
Babi: Maria Pinna		Estudante	Alta	Melhor amiga de Catarina (Daniela Carvalho). Formam a dupla de “meninas poderosas” do Primeira Opção. Bela, é levemente fútil e bem ligada ao mundo fashion. É muito orgulhosa de sua inteligência e se irrita com burrice e ignorância.
Lorelai: Luíza Casé		Estudante	Média	Ela é totalmente paulistana. Divide com Josiane (Júlia Oristanio) a função de garçonete do bar Botecão. É culta, moderna e faz faculdade de cinema e uns “bicos” como assistente de direção. Lorelai é muito desorganizada: erra os pedidos, mas tem um jeito cativante de fazer o cliente achar que o erro dela é melhor do que o pedido original. Tem uma tendência a ver o mundo com lente cor de rosa.
Josiane: Júlia Oristanio		Estudante; Trabalha em uma lanchonete	Popular	Nasceu no subúrbio e largou a escola porque acreditava (e ainda acredita) que só se aprende com as experiências que se vive. Foi trabalhar como manicure, depois cabeleireira, até parar no bar Botecão. Adora futebol e vai ser a primeira a reconhecer Maicon (Marcello Melo Junior). A partir daí, vai usar e abusar da sensualidade para tentar dar um golpe da barriga no jogador. É assumidamente brega.
Maicon: Marcello Melo Junior		Estudante; Trabalha em uma lanchonete; Jogador de futebol	Popular	Jogador de futebol, goleiro, e aluno do 1º ano do Ensino Médio. É ingênuo, mas não é bobo. Tem convicção do seu talento e da sua fama – ainda que esta última só exista em sua cabeça. Estuda porque o clube o obriga. Os jargões e metáforas futebolísticas são sua marca registrada. É filho de Dona Zica (Inez Vianna).
Dodói: Lucas Salles		Estudante; Trabalha em uma lanchonete	Média	Aluno do 2º ano do Ensino Médio, estuda no colégio desde o Ensino Fundamental. Seu nome de batismo é Eduardo Godói e o apelido Dodói surgiu no colégio para diferenciá-lo de outros “Eduardos”. Dodói é desajeitado fisicamente e socialmente sem noção: é do tipo que fala o que vem à cabeça, mesmo que seja o maior absurdo. No começo da temporada, por conta de uma viagem dos pais, vai morar no Botecão.
Pedro: Bruno Gissoni		Estudante; DJ	Popular	É um DJ vindo da periferia para o colégio graças a uma bolsa de estudos, onde também estuda seu irmão, Theo. Inteligente, batalhador e educado, possui sólida formação moral e faz sucesso entre as meninas. Sua capacidade de sedução está ligada não apenas a sua posição de destaque na “noite”, mas também a um jeito mais maduro do que o dos outros rapazes de sua idade. Tem orgulho das suas origens.
Theo: Ronny Kriwat		Estudante	Popular	Irmão mais novo de Pedro (Bruno Gissoni), com quem forma um par constante e um tanto atrapalhado. Enquanto o mais velho é maduro e responsável, o caçula não gosta de pegar no pesado, e acha a escola uma chatice sem sentido. Infantil, não mede as consequências de seus atos e está seguro de que pode resolver qualquer problema na base do voluntarismo e da esperteza.
Ângela: Ana Terra		Estudante	Popular	É doce, frágil e reservada. Gosta de ser o anjo da guarda de Pedro (Bruno Gissoni) e, mais do que isso, gosta de ser reconhecida como tal. É o tipo de pessoa que ajuda com afinco, mas não desinteressadamente. Angel é o apelido que recebe de Pedro (Bruno Gissoni), seu melhor amigo e vizinho de Nova Guadalupe.
Júlia: Dandara de Morais		Estudante	Média	Estudante do 2º ano do Ensino Médio, é a “aluna-modelo” do Primeira Opção. Apesar da timidez, Júlia se dá bem com a galera, mas sai pouco e quase não participa de festas. Filha única do viúvo Antônio (MV Bill), sofre para atender as expectativas do pai – que é excessivamente severo. Frágil emocionalmente, só tem um amigo com quem se abre para valer: Artur (Pedro Van-Held).

Arthur: Pedro Van- Held		Estudante	Alta	Aluno do 2º ano do Ensino Médio, é o melhor amigo de Júlia (Dandara de Moraes). Assim como ela, é estudioso.
Laura: Carolina Lavigne		Estudante	Alta	Aluna do 1º ano do Ensino Médio. As roupas, o cabelo, o jeito, tudo na filha do Dr. Roberto Segadas (Alexandre Barros) é muito feminino e doce. E tanto mel chega a deixar Duda (Nathalie Jourdan), irmã de Catarina (Daniela Carvalho) enjoada. Mas Laura (Carolina Lavigne) também não nutre muita simpatia pela colega.
Obama: Pedro Maya		Estudante	Alta	Aluno do 1º ano do Ensino Médio, é o melhor amigo de Duda (Nathalie Jourdan). É um garoto brincalhão, estudioso, que gosta de jogar bola e é respeitado por todos. Ganha o apelido de Obama por seu inquestionável carisma e inteligência. Seu nome é Carlinhos.
Andréa: Alice Wegmann		Estudante	Alta	Filha descolada de João. Tá no segundo ano do Ensino Médio do colégio Primeira Opção.
Milena: Anna Rita Cerqueira		Estudante	Alta	Filha geninha de João. Tá no primeiro ano do Ensino Médio do colégio Primeira Opção.
Cadu: Binho Beltrão		Estudante	Alta	Amigo de infância de Eric, assumiu sua homossexualidade na frente de toda a galera do colégio Primeira Opção. Cara do bem, educado, inteligente e sensível. Tá no terceiro ano do Ensino Médio.
Marcos: André Pellegrino		Estudante	Alta	Filho de Carlito com Salete. Encrenqueiro e marrentão, ele só quer saber de zoar os outros. Por fazer parte da turma da pesada do colégio Primeira Opção, esse cara vive entrando em onda errada. Está no terceiro ano do Ensino Médio.
Rafael: Igor Cosso		Estudante	Alta	Amigo de Duda. Está no terceiro ano do colégio Primeira Opção.
Raíssa: Flávia Cunha		Estudante	Alta	Amiga de Theo. Está no segundo ano do colégio Primeira Opção.
Raquel Bazin: Ariela Massotti		Estudante; Modelo	Alta	De caráter duvidoso, misteriosa, imprevisível, sensual, persuasiva, malandra e ex-modelo. Essa é a irmã postiça de Catarina, Fred e Duda, fruto de uma traição de Fausto durante seu casamento com Cláudia. Por ter sido escondida pelo pai dos seus irmãos, ela se sente rejeitada pela família e decide infernizar a vida deles, principalmente a de Catarina. Raquel é suspeita de ter causado a morte de sua mãe.
Guilherme: Ivan Mendes		Médico residente; Modelo	Média	Excelente estudante de Medicina, Guilherme é tido como o interno número um no hospital onde trabalham Cláudia e Roberto. Faz trabalhos como modelo nas horas vagas. Conheceu Catarina em um desses trabalhos e se apaixonou pela gata. Depois disso, vive correndo atrás dela e a ajudando a se livrar de diversos problemas e confusões.
Kátia: Ully Lages		Estudante	Alta	Filha adotiva de Raílda. Mimada, depois de descobrir que sua mãe tem um filho biológico, fica pra lá de enciumada e passa a implicar com Theo.
Flavinho: Yago Machado		Estudante do Ensino Fundamental	Alta	Irmão de consideração da Babi. É filho da madrasta da patricinha. Levado à beça, o menino vive aprontando com Maicon. Apesar dessa molecagem toda, Flavinho tem saúde frágil. O garoto sofre de asma.

Além dos personagens jovens, apresentamos, na sequência, os personagens adultos da temporada, apenas para elucidar as posições de classe representadas por cada um deles, bem como para possibilitar o acompanhamento da trama por parte do leitor:

**Tabela 2 - Personagens adultos da temporada 2010/2011 de Malhação**

Personagem	Caracterização	Ocupação	Classe	Descrição do site
Fausto: Joelson Medeiros		Empresário	Alta	É o pai de Catarina (Daniela Carvalho), Fred (Bernardo Mesquita) e Duda (Nathalie Jourdan), e ex-marido da médica Cláudia (Gisela Reimann). De origem humilde, tornou-se um profissional bem sucedido, que muito se orgulha da sólida carreira que construiu. É um pai ausente, que tenta compensar essa distância emocional com presentes e liberalidades.
Cláudia: Gisela Reimann		Médica	Alta	Mãe de Catarina (Daniela Carvalho), Fred (Bruno Mesquita) e Duda (Nathalie Jourdan). É clínica-geral e luta para manter o padrão de vida da família, dividindo-se entre três empregos: uma clínica particular, o clube que seus filhos frequentam e um posto de saúde público. É divorciada de Fausto (Joelson Medeiros), um cara que faz de tudo para manter a pensão da ex-mulher o mais enxuta possível.
Creuza: Marizabel Pacheco		Empregada	Popular	É a diarista que trabalha na casa de Cláudia (Gisela Reimann). Hipocondríaca, vive com dor nos rins e falta bastante ao trabalho. Desatenta, dificilmente cumpre o que se pede. Afetuosa, gosta muito de Cláudia (Gisela Reimann) e dos filhos da patroa.
Dona Zica: Inez Vianna		Não trabalha, depende do filho, que joga futebol	Popular	Mãe de Maicon (Marcello Melo Junior), tem o mesmo linguajar do filho, embora use menos jargões futebolísticos. Briguenta e barraqueira, faz de tudo para manter distante as supostas pretendentes de Maicon. Dona de um humor ácido, para ela o craque vê a jogada, mas só a mãe do craque antevê uma oportunista.
André Farnel: Mário José Paz		Técnico de futebol	Média	É o técnico do time Nacional.
Seu Pintinho: Ailton Graça		Dono de empreendimento – Boteção: lanchonete	Média	É dono do bar Boteção e vai tourear as funcionárias Josiane (Júlia Oristanio) e Lorelai (Luíza Casé). Além disso, ainda tem que zelar pelo mínimo de ordem da república, que funciona em cima do bar, onde mora Lorelai, Josiane, Maicon (Marcello Melo Junior) e Dodói (Lucas Salles), seu sobrinho.
Hélio: Genézio de Barros		Diretor do Clube de futebol	Alta	Diretor sério do clube Nacional, que fica perto do Primeira Opção e é muito frequentado pela galera do colégio.
Geraldo: Ranieri Gonzalez		Pedreiro	Popular	Pai de Pedro (Bruno Gissoni) e Theo (Ronny Kriwat), é afetuoso e acolhedor. Seu Gegê, como é conhecido, é um homem vivido, trabalhador e encara a dura rotina de pedreiro da construção civil com sorriso largo e bom humor. Mas quer que os filhos tenham um destino diferente do dele e sempre repete a máxima: “filho de pobre não vai a lugar nenhum sem três coisas: estudo, esforço e honestidade”.
Dona Lurdes: Sandra Corveloni		Dona de casa	Popular	É a mãe de Pedro (Bruno Gissoni) e Theo (Ronny Kriwat). Correta, dedicada, fala pouco, mas o que é certo. Está sempre preocupada com os filhos e não mede esforços para mantê-los no "bom caminho".
Romero: Márcio Ribeiro		Professor de Ensino Médio	Média	É professor de português, literatura e redação. Sisudo com os alunos, gosta de poesia e detesta tudo que é eletrônico, é tecnofóbico. Ele e Vera (Cris Nicolotti) são grandes amigos.

Vera Marins: Cris Nicolotti		Professor de Ensino Médio; Coordenadora do Colégio	Alta	É a mãe de Tereza (Helena Ranaldi). Aparenta jovialidade e dinamismo. Uma educadora de longa data, conselheira dos jovens e da própria filha, que ela chama de Tetê.
Tereza Marins: Helena Ranaldi		Professor de Ensino Médio; Diretora e dona do Colégio	Alta	Dona do colégio Primeira Opção, é uma mulher elegante, bonita e séria. Não casou por opção. É independente e gosta disso. Tem a concepção de que a vinda de alunos de alto nível da rede pública não só vai melhorar o nível acadêmico de seu colégio, mas também servirá para ampliar a visão de mundo dos alunos.
Antônio: MV Bill		Professor de Ensino Médio	Média	Viúvo, é professor de física e matemática do colégio Primeira Opção. É pai de Júlia (Dandara de Moraes) e melhor amigo de Tereza (Helena Ranaldi). Gentil, agradável, por vezes se perde um pouco no excesso de zelo com a filha e com o trabalho. É workaholic. A exigência e a cobrança que faz à Júlia (Dandara de Moraes), de que esta seja uma excelente aluna, atrapalham a relação dos dois.
Dr. Roberto Segadas: Alexandre Barros		Médico	Alta	Médico da rede pública, no posto de saúde é um tormento para todos. Fora dali, depois do expediente, é um verdadeiro cavalheiro, sedutor e companheiro.
Inspetor Moraes: Kiko Vianello		Inspetor de Polícia	Média	Uma espécie tropicalizada de inspetor Javert, de 'Os Miseráveis', do escritor e poeta francês Victor Hugo. Surge quando menos se espera e é um cinquentão intolante com a juventude.
Dra. Luíza: Cristiane Alves		Professor de Ensino Médio	Média	É advogada de Fausto (Joelson Medeiros). Uma mulher bonita e fria.
Odilon: Marcos Winter		Professor de Ensino Médio	Média	Professor de Geografia do Primeira Opção.
Márcia Carneiro: Arlete Heringer		Professor de Ensino Médio	Média	Jovem professora de História que acaba de concluir o mestrado. Dedicada e comprometida com a qualidade do ensino e a formação ética de seus alunos, Márcia é também uma historiadora inquieta, especialista em Brasil Colônia e escravidão, e no momento reúne dados para um doutorado cujo tema será os quilombos da região.
João: Rodrigo Veronese		Trabalha em uma empresa de Marketing	Alta	Pai de Milena e Andrea, ele é um ex-colega de Tereza dos tempos de colégio. Separado, João estava morando fora do país, mas agora está de volta.
Railda: Luciana Borghi		Economista	Alta	Mãe biológica de Theo, que o abandonou ainda bebê.
Agenor: Walter Breda		Aposentado e professor de Ensino Médio	Média	Não há descrição
Rique: Lucci Ferreira		Empresário	Alta	Não há descrição

Estas tabelas direcionaram nossa atenção para a análise do contexto das vivências, percepções e representações que dizem respeito aos personagens jovens desta temporada. Uma análise quantitativa nos mostra que é grande o número de jovens inserido no programa.

Não podia ser diferente, já que é voltado para a juventude. Dos 50 personagens apresentados pelo site, 28 são jovens, sendo que os outros 22 são os personagens adultos da trama. Entendemos que, mesmo que o número de jovens exceda o número dos personagens adultos, estes estão em grande quantidade na 18ª temporada (na temporada anterior, havia um total de 37 personagens, sendo que 12 eram adultos e 25 eram jovens). Isso pode ser explicado pelo fato de a própria equipe de produção do programa buscar a aproximação tanto dos jovens quanto de seus familiares, no momento da assistência ao programa; a equipe buscou desenvolver temas que abordassem o universo adulto, no qual os jovens estão cada vez mais inseridos, e, dessa forma, promoveram o debate entre eles e suas famílias.

Em relação ao gênero, verificamos que, dos 28 jovens, 15 são homens e 13 são mulheres. Enquanto isso, no núcleo adulto, 13 são homens e 9 são mulheres. Percebemos, assim, uma pequena predominância do gênero masculino na 18ª temporada de *Malhação*. O mesmo é verificado na fase anterior, sendo que dos 25 jovens, 14 são homens e 11 são mulheres, e, entre os 12 adultos, 7 são homens e 5 são mulheres.

No que diz respeito às posições de classe, verificamos que, dos 28 personagens jovens, 19 são representados como sendo de classe alta, 4 são de classe média e apenas 5 são de classe popular. Entre o núcleo adulto, dos 22 personagens, 9 são de classe alta, 9 de classe média e apenas 4 são de classe popular. Porcentagens que se assemelham à da temporada anterior, *Malhação ID*, sendo que dos 25 personagens jovens, 17 eram de classe alta, 5 de classe média e apenas 3 de classe popular. Enquanto isso, entre os 12 personagens adultos, 2 eram de classe alta, 8 de classe média e 2 de classe popular.

Percebemos que o número de personagens de classe popular sempre é menor que os de classe alta e média. Apesar da 18ª temporada ter como tema principal a diferença de classes, ela acaba repetindo o que ocorre nas outras temporadas: predominância das classes dominantes e poucos papéis destinados às classes dominadas. Isso se torna comum, pois o programa visa garantir a fidelidade do público prioritário, a classe popular, que assiste ao programa para aspirar aos sonhos da classe média alta, representadas com predominância.

Quando representa as diferenças entre uma classe e outra, o programa não utiliza o termo classe social ou situação econômica para se referir à posição social dos personagens, mas outras expressões que remetem à condição social destes. Isso é perceptível através da leitura das descrições dos personagens, que consta no site de *Malhação*. Quando o programa trata da classe alta, cita personagens como sendo estudiosos, frequentadores de aulas de ginástica e de festas (Catarina), por vezes mimados (Fred e Kátia), convencidos, ricos e

espertos (Eric). Também cita Babi como uma das ‘meninas poderosas’, levemente fútil, ligada ao mundo fashion e patricinha.

Ao retratar a classe média, temos nos personagens Lorelai e Guilherme os exemplos mais explícitos do jovem que vê o estudo como forma de ascensão social; ela trabalha para pagar sua moradia na república e a faculdade de cinema, sendo considerada culta e moderna. Ele é apresentado como um excelente estudante de medicina e interno número um do hospital onde trabalha; para se sustentar, ele trabalha como modelo. E, por fim, ao representar a classe popular, os personagens que mais se destacam nas descrições são Josiane e Pedro. Ela nasceu no subúrbio; largou a escola, trabalhou de manicure, cabelereira e como garçonete no Botecão. Além disso, é assumidamente brega e tenta dar o golpe da barriga no jogador Maicon, o que demonstra que a ascensão social para ela provém unicamente do casamento. Pedro também é apresentado como vindo da periferia; assim como Josiane, ele consegue estudar no Primeira Opção graças a uma bolsa de estudos. Ele trabalha como DJ para ajudar nas despesas de casa. Entre os personagens adultos, Dona Zica é apresentada como sendo briguenta e barraqueira, o que seria típico das classes populares.

É possível inferir, graças à assistência diária ao programa, que estas descrições sejam levadas a cabo nas representações e nas atuações dos personagens. Assim, apesar da temporada focar nesse assunto, ela continua mascarando os reais conflitos de classe e mostrando que essas diferenças não importam, pois, apesar delas, todos os jovens estudam na mesma instituição, frequentam os mesmos ambientes e convivem uns com os outros. Mesmo sendo de classe popular, os jovens alcançam seus objetivos, assim como os de classe alta.

Para além desta análise, buscamos verificar o que essa representatividade de gênero e de classe, bem como a representação de juventude, significa. Por isso, passamos para a análise mais detalhada de alguns personagens, a partir da assistência diária de Malhação, da leitura diária das sinopses dos capítulos e levando em conta a descrição dos personagens apresentada acima. Ainda, buscamos matérias e notícias do programa que tiveram repercussão na mídia.

A temporada é representada através de dois núcleos centrais: a família de Catarina, moradora do centro da cidade, onde também fica a escola, e a família de Pedro, morador da periferia, que fica relativamente longe do colégio. Esse distanciamento geográfico também representa a distância social entre as famílias; enquanto Catarina é filha de um empresário e uma médica, e considerada da classe alta, Pedro é filho de uma dona de casa e de um pedreiro, mora de aluguel em uma casa humilde, sendo considerado de classe popular. Detalhes da casa de Catarina também demonstram que ela pertence à classe alta: os móveis são novos e combinam entre si; o quarto de Catarina e Duda (único apresentado na trama) é bonito, em

tons de rosa, com colchas e travesseiros combinando, com uma escrivaninha com computador, poucos portarretratos, um roupeiro grande, entre outros detalhes que demonstram o padrão de vida da família; na sala há um sofá, televisão, uma estante com livros; na cozinha, uma grande mesa de jantar, com talheres e copos bem representativos de sua condição de classe. A presença da empregada também indica poder aquisitivo maior da família.

Ela é representada como uma jovem independente, pois desde cedo ajuda a cuidar de seus irmãos, orienta a empregada, ajuda nas atividades de casa, já que sua mãe está sempre trabalhando. Ela é bonita, delicada e muito correta. Ao longo da trama, a jovem se envolve com Pedro e os dois se apaixonam. Juntos, organizam festas na “Caldeira” – espaço do Clube. Ela queria ajudar nas despesas de casa e ele precisa ajudar seus pais a comprar a casa onde moravam de aluguel.

Pedro, outro protagonista, é inteligente, batalhador e educado; também é representado como sendo muito correto, com sólida formação moral. Ele é DJ e trabalha para ajudar no sustento da família, que é mantida com o salário de seu pai, Geraldo - pedreiro da construção civil. Este quer que os filhos tenham um destino diferente do seu; incentiva-os dizendo que “filho de pobre não vai a lugar nenhum sem três coisas: estudo, esforço e honestidade”. A mãe de Pedro é Dona Lurdes, dona de casa dedicada e preocupada com os filhos, e seu irmão é Theo. Eles moram em Nova Guadalupe, periferia da cidade fictícia. Tendo em vista sua localização geográfica, bem como a profissão de seus pais, os jovens são caracterizados como sendo de classe popular. A casa dos jovens apresenta características bem peculiares desta classe: móveis mais velhos e que não combinam entre si, como os sofás na sala, quadros nas paredes, as louças da cozinha, a mesa das refeições, e os móveis do quarto de Pedro e Théo (único que aparece nas cenas); as camas simples e os cobertores que não combinam e possuem uma aparência de simplicidade são, entre outros detalhes, representações da classe popular. A família não tem empregada; quem cozinha é dona Lurdes, que passa o dia em casa cuidando dos afazeres domésticos. A comida é simples e a família valoriza o momento das refeições, quando estão juntos.

Diferente da família de Catarina, que possui poucos momentos em família, a família de Pedro é apresentada reunida em momentos diversos, o que mostra a valorização do convívio familiar típico das classes populares. Parece que o lazer da família é representado através destes momentos em que estão juntos. Outro detalhe que chamou a atenção na casa de Pedro e que representa também um costume popular é o uso de copos de extrato de tomate para tomar café. Enquanto na família de Catarina as louças parecem caras e compradas

visando a uma harmonia, na casa de Pedro, nada combina e parece que tudo foi comprado aos poucos.

Pedro e Théo conseguem estudar no bem conceituado Colégio Primeira Opção graças a uma bolsa de estudos. Para se locomoverem até a escola, os jovens utilizam o transporte de trem e de um ônibus, que passam em horários restritos, demonstrando o esforço que fazem para terem um estudo de qualidade. Esse esforço por parte da classe popular é representado em *Malhação* como uma das únicas formas de ascensão social. Além disso, a família não tem carro; quando precisam, pegam emprestado o carro do vizinho. A família de Catarina também não tem carro, mas, sempre que precisam, pegam um táxi ou conseguem uma carona com o pai, que tem automóvel.

O namoro de Pedro e Catarina não é aceito por muitos dos jovens do colégio, os quais viam Pedro como o “aluno bolsista”, demonstrando a discriminação com o jovem pelo fato de ser de classe inferior. Os vilões, típicos da trama, também são representados: a personagem Raquel Bazin, meia irmã de Catarina e que conquistou a confiança e o amor do jovem DJ e o personagem Lúcio, que se envolveu com Catarina e, junto com Raquel, passa a tramar contra o casal de protagonistas. Isso mostra que, independente da temporada e de seu foco central, as histórias e tramas são muito parecidas e a questão de classe é apresentada como sendo algo que não importa. O programa sempre apresenta a relação de amor entre jovens de classe distintas que não é aceita por suas famílias e amigos. Com a separação, cada jovem acaba se envolvendo com outras pessoas, mas a tendência é que os protagonistas fiquem juntos no final da temporada. Assim, *Malhação* mostra que, apesar dos desentendimentos e conflitos que ocorrem entre os casais, devido à sua diferente posição social, o amor vence qualquer obstáculo e, portanto, as diferenças não são importantes.

Durante o desenrolar desta história, outros temas e personagens ganham destaque, apresentando diferentes representações juvenis, bem como outras relações de classe social. Nesse sentido, Théo, irmão de Pedro, protagonizou alguns temas de destaque na temporada. Ele foi adotado por Lurdes e Geraldo quando era bebê; no meio da temporada, ele conheceu Railda, sua mãe biológica, que era portadora do Vírus HIV. Assim, a temporada abordou a questão da AIDS e da adoção. Théo também protagonizou a discussão sobre a maioridade penal, depois de ser injustamente acusado de causar a epilepsia de Fred. Por ser menor de idade, Théo ficou recluso em uma casa para reabilitação de jovens infratores e desenvolveu serviços comunitários.

A amiga de infância e vizinha de Pedro e Théo, Ângela, protagonizou o tema do alcoolismo, pois experimentou bebidas alcoólicas por influência de más companhias. Ao

abordar esse tema, outros personagens foram apontados como usuários de bebidas alcoólicas, como Marcos; ele foi, inclusive, apontado por estar envolvido com o tráfico de bebidas e drogas entre os jovens da cidade. Além dele, Arthur, aluno do colégio, envolveu-se com drogas, sendo que foi encaminhado para uma clínica de reabilitação. Quando voltou ao colégio, sofreu muito com o preconceito dos colegas.

Outro tema abordado foi a homossexualidade. O personagem Cadu, que assumiu ser gay, passou por muitos constrangimentos na escola, até que uma mobilização dos alunos esclarecesse o assunto entre os jovens. Outras mobilizações promovidas pelos jovens também ocorreram: em favor de Arthur (dependente de drogas e que sofria discriminação por isso), de Raquel (que foi sequestrada) e em homenagem à Júlia (atropelada depois de um arrastão). Estes exemplos demonstram a união e amizade que sempre é representado pelos jovens em Malhação.

Outra personagem que ganha destaque pelo tema que aborda é Duda, irmã caçula de Catarina e meia irmã de Raquel. Enquanto Catarina tinha um jeito bem feminino, Duda possuía um jeito de "menina-moleque", não usava roupas femininas, não se maquiava, nunca tinha beijado um garoto e jogava futebol. Com o tempo, ela vira modelo. Porém, o cuidado excessivo com o corpo a faz ficar com anorexia e bulimia. Ela também é destaque quando o programa trata das relações homossexuais, já que todos desconfiavam que ela fosse lésbica.

Outro tema abordado é a questão da epilepsia, através do personagem Fred, irmão de Duda e Catarina. Fred também engravida Júlia, que morre durante um arrastão. Mas a filha deles, Julinha, é salva e depois de longas discussões a respeito da guarda da criança, que trouxe para o debate a questão racial (já que a família materna da menina era negra e a família paterna era branca), Julinha fica sob a guarda de Fred. Uma das cenas em que a questão racial é debatida entre os irmãos Fred, Catarina e Duda, juntamente com os avós maternos de Julinha, o Professor Antônio e Natália, está descrita abaixo, para mostrar como a questão racial foi abordada:

*Catarina, Fred, Duda, o professor Antônio (MV Bill) e Natália estão sentados em uma lanchonete. A cena acontece logo após uma discussão dentro de uma loja de roupas, em que o vendedor acusou Natália (que é negra) de roubar uma calça, mostrando-se nitidamente racista. Ao ver o que estava acontecendo, os irmãos entram na loja e questionam o vendedor pela sua atitude, mas este diz que não tem alternativa, a não ser prender Natália, já que está não está disposta a despir-se para mostrar que não roubou. Como forma de protesto, os irmãos tiram a roupa e acusam o vendedor de racismo. Neste momento aparece o professor Antônio (também negro e ex- marido de Natália) e diz que Natália somente vai se despir na delegacia e que o vendedor teria que responder por crime de racismo perante a justiça. O vendedor, todo atrapalhado, pede desculpas e diz que houve um engano. Mas Catarina diz que desculpas não bastam e que mesmo assim ele deve responder na justiça pelo crime que cometeu. Na lanchonete, os cinco comentam sobre o fato e, no meio da conversa, tocam no assunto da guarda de Julinha (filha de Fred com Julia). Enquanto Natália quer brigar pela guarda da neta, Fred e sua família também querem a guarda da menina.*

**Antônio:** Viu a cara do sujeito? Olha, vocês três foram demais!

**Natália:** Não! É verdade! Se não fosse por vocês, eu nem sei o que seria! Muito obrigada! Muito obrigada!

*Depois de um momento de silêncio:*

**Fred:** Eu gosto do meu pai, Natália! Eu gosto muito dele! Mas a gente não pensa do mesmo jeito!

**Duda:** Ele nem mora mais com a gente! Quem segura a onda lá em casa é minha mãe, e a Catarina né!

**Natália:** É... deu pra notar que a Catarina segura a onda muito bem. Ela provou isso hoje!

**Catarina:** Olha Natália, a Julinha vai se muito amada! Estará sempre muito protegida com a nossa família. Eu te prometo isso!

**Fred:** Essa experiência fez eu ver que por eu ter uma filha negra, eu vou ter que ter uma espécie de vigília com ela, tendo que até botar maldade no meu olhar, pra proteger a Julinha dos preconceitos.

**Natália:** e você continua achando a minha percepção sobre racismo exagerada, Catarina?

**Catarina:** Pra ser honesta, Natália, eu não acho que eu, meus irmãos e minha mãe, não somos as pessoas mais indicadas pra fortalecer a identidade étnica da Julinha, a identidade de cor. Nesse sentido, ela vai ter que contar com o Antônio, com você e com a família de vocês. Só não pode ser a cor a única identidade de uma pessoa, né? Nem sequer a mais importante, não acham?

**Fred:** Me dá um voto de confiança, Natália! Antônio, por favor!

*Antônio e Natália se olham e a cena acaba.*

Notamos que os personagens tratam da identidade étnica, afirmando que esta não pode ser a única a formar a identidade da pessoa, nem a mais importante. Isso mostra a preocupação do programa com a questão racial e com o preconceito entre as diferentes etnias. O programa sugere que outros elementos como o caráter dos sujeitos, o modo de se relacionar com os outros, os valores, o respeito e a cidadania também formam a identidade das pessoas. Entendemos que até mesmo o modo de vida do jovem, definido por seu poder econômico, sua cultura, sua posição social e seu consumo simbólico interfere na formação da identidade e da representação social do sujeito. Isso é percebido no modo como alguns personagens de classe alta, como Babi e sua madrasta, tratam os personagens de classe popular, Maicon e sua mãe Zica. As primeiras deixam claro que o jogador de futebol e sua mãe nunca terão o padrão de vida que Babi e sua madrasta possuem; e pelo fato de não possuírem dinheiro, não terão acesso aos bens culturais que elas têm e, por isso, permanecerão na ignorância, o que conforma sua identidade. Assim, o programa mostra que a classe também importa na definição identitária dos sujeitos, assim como outros elementos citados anteriormente.

Neste contexto, a posição social de Maicon (classe popular) tem bastante destaque na trama, pois é colocada em contraste com a posição social de Babi (classe alta). A relação deles é posta em discussão como sendo um romance impossível, tendo em vista as diferenças sociais entre eles. Maicon acredita na relação, mas Babi, apesar de gostar muito do garoto, diz que ele não é a pessoa certa para ela. Uma cena marcante, em que Babi diz o que pensa sobre a posição social de Maicon, é descrita abaixo como forma de elucidar a representação de classe abordada por Malhação:

*Maicon e Baby estão no quarto dele. Ela chega, larga sua bolsa sobre a cadeira e diz:*

**Babi:** Vai, anda Maicon. Porque você me trouxe aqui? O que é que você quer falar?

**Maicon:** É, é, é, Baby... é que eu queria namorar com você! Pra poder passa mais tempo do seu lado, pode te beijar, pode te abraçar, pode te amar, Baby. Então, você quer namorar comigo?

*Baby está com uma cara séria, mas logo começa a gargalhar. Maicon fica sem entender e pergunta:*

**Maicon** (ele com a cara fechada): o que foi? Você tá rindo de mim ou da minha proposta?

**Babi** (continua a gargalhar muito): Ai Maicon, do conjunto da obra!

**Maicon** (ele fica triste): Poxa Baby, eu heim! Você brinca com meus sentimentos, não faz isso comigo não heim!

**Babi** (ela continua dando risada): Ah, não faz isso comigo você Maicon! O que você pensou... que eu fala "ai, eu também te amo Maicon! Vamo... oh... vamo deixa de lado as diferenças e vamos viver felizes como a dama e o vagabundo!

**Maicon** (ele fica feliz): Ah, isso mesmo! Pra mim ta perfeito Baby!

**Babi** (ela fica séria): Nem em desenho animado isso ia da certo, Maicon!

**Maicon** (ele fica triste novamente e senta na cama): é porque eu sou pobre né?:

**Babi** (ela o segue e senta na cama ao seu lado): Não, não, não é nada disso!

**Maicon** (ele com olhar esperançoso): Olha só, é porque por enquanto não tá rolando campeonato, mas quando voltar, eu vou pode joga e vai chove um montão de proposta pra mim. Aí eu vou volta a trabalha, vou ganha dinheiro e vou te da tudo do bom e do melhor!

**Babi** (séria): Acorda, Maicon! O problema não é financeiro.

**Maicon** (triste): Não? E o que é então?

**Babi** (séria, com música triste de fundo): Não! Nunca foi isso! O problema é social... é... cultural. Maicon, a gente veio de mundos muito diferentes. As pessoas que andam comigo... elas... elas sabem o que tá acontecendo com o mundo, elas consomem cultura. Presta atenção, Maicon: as pessoas que andam comigo... elas sabem se comporta à mesa, alas sabem se vesti, elas sabem, pelo menos, fala!

**Maicon:** é, é, eu sei que a palavra não é muito meu forte, não! Por isso que você tava rindo da minha cara né? Eu fiz papel de idiota de novo. Mas tudo bem, na vida é assim: apanhando e aprendendo!

**Babi:** Eu sinto muito Maicon... é... eu só disse a verdade. Eu não queria que você ficasse....

**Maicon** (interrompe Baby, se levanta da cama, com a cara muito triste): Tá, tá, tá, chega Babi! Você já disse tudo que tinha pra dizer, já. Eu já ouvi o suficiente! Agora eu acho melhor você ir embora, ta!

*Aumenta o volume da música de fundo. Babi, com uma cara de pena, se levanta, pega a bolsa, olha para Maicon (que a olha, mas rapidamente abaixa a cabeça) e sai do quarto. Maicon joga a bola, que estava segurando, no chão, senta-se na cama, passa as mãos na cabeça, quando aparece sua mãe rindo e conta sobre o namoro de Josiane e Dodói. Maicon diz que não está muito no clima de comemoração. A mãe não entende, já que Dodói é o melhor amigo de Maicon. Mas ele diz que seu coração não está funcionando direito, que está como um relógio de camelô (que é colocado para consertar a toda hora, mas não adianta) e diz que está com vontade de arrancar o coração e dar para um mendigo, pra que o coração sofra na rua da amargura, junto com o mendigo! Dona Zica consola o filho e diz que para que este relógio que está batendo no peito dele bata de verdade, deve-se dar corda pra ele. Com isso, Dona Zica puxa Maicon, que se levanta da cama e os dois saem do quarto para cumprimentar Dodói e Josiane.*

Percebemos que a representação de classe não se refere somente à condição financeira de Maicon, mas também à sua falta de cultura e de conhecimento de mundo. Durante toda a temporada, o casal protagoniza a relação entre classes distintas, onde as diferenças sociais são visíveis. Mas, diferente da maioria das vezes, um dos personagens (Babi) possui a consciência da diferenciação existente entre o casal e luta contra o amor que sente por Maicon. Apesar disso, o amor sublime, que enfrenta todas as barreiras, faz com que os dois fiquem juntos; isso geralmente acontece nas relações deste tipo apresentadas pelo programa.

Outros jovens que se envolvem e que se diferenciam socialmente são Josiane e Eric. Ela pobre e ele rico. Entre eles, a consciência da posição de classe é apresentada por Josiane, que diz ser pobre, sem cultura e sem educação. Uma das cenas que caracteriza essa representação está descrita abaixo:

*Eric e Josiane estão em uma festa. Ela está vestida com uma roupa muito colorida e espalhafatosa. Após perceber que está sendo vista com desprezo por outros jovens, Josiane pergunta se a eles se nunca viram alguém vestida de forma brega. Para esquecer as críticas e os olhares, a jovem começa a dançar funk em cima de um “queijinho”. Após dançar algum tempo, começam os comentários:*

**Marcos** (debochado): Só falta a fantasia pra cafonice ficar completa, heim!

**Lúcio** (irônico): Que é isso Marquinhos, a Josiane é uma mulher batalhadora. Daqui a pouco mesmo ela vai ta distribuindo umas filipetas pela festa.

**Marcos:** É bom garantir o emprego mesmo!

**Lúcio:** Ah é, porque a propaganda que a Josiane disse que ia fazer, até agora, ninguém viu. Você viu?

**Marcos:** eu não vi!

**Eric:** O o o, vocês não cansam de perturbar a Josiane não, cara?

**Marcos:** Não. Ela não cansa de dar motivos pra gente, ó! Fala sério!

*Josiane continua dançando funk.*

**Lúcio:** Precisa dançar desse jeito?

**Eric:** Que jeito? Peraí, desse jeito aqui ó?

*Eric sobe no “queijinho” e dança junto com Josiane. Marcos e Lúcio saem decepcionados com o amigo.*

**Josiane:** Pronto Eric, eles já foram. Você pode parar de dança!

**Eric:** Peraí, mas logo agora que eu comecei a me divertir? Não mesmo! Vamo lá!

*Os dois continuam dançando. Depois, aparecem os dois saindo da boate e indo para um espaço do lado de fora da festa.*

**Eric:** A não Josiane, nessa a gente se superou! Cara, você viu a cara daquela garota vendo a gente dança?

**Josiane:** Não! O Eric, ela tava olhando pra mim.. você viu, ela até falou “ai, a Josiane transformou a festa num churrasco da lage”.

**Eric:** Olha, eu dei a minha contribuição pro seu churrasco!

**Josiane:** Garoto, tu podia canta as músicas do Reginaldo Rossi, na língua do P, com uma calcinha do Vando na cabeça, enquanto dança o crêu que ia continua chique do mesmo jeito! Fala sério!

**Eric:** Poxa, que facilô, me esforcei pra caramba!

**Josiane:** Acontece, Eric, que cafonice vem de berço, entendeu? Tá no sangue, meu filho! A pessoa pode até tentar sair do brega, entendeu, mas o brega não sai da pessoa!

*Ao falar isso, Josiane se entristece. Parece que ela se “toca” que nunca deixará de ser brega.*

**Eric:** O que foi, foi alguma coisa que eu falei?

**Josiane:** Não, não... eu é que sou toda errada mesmo. Podem me bota com a melhor roupa, da grife mais cara, que eu vou continua bagaceira de raiz. É, acho que aquela produtora lá tem razão!

**Eric:** Que história é essa, que produtora?

**Josiane:** Ah, nada... a produtora lá da agência de modelos... me dispenso porque falo que eu so feia, sem graça, cafona, tudo de ruim né. E eu to começando a achar que é verdade!

**Eric:** Essa mulher é maluca Josiane. Você, sem graça? Você feia, Josiane? Essa mulher ta maluca ou ela é cega! Só pode ser! Você é linda! Você é linda demais!

*Os dois se beijam e a cena termina.*

Além de se intitular brega, Josiane diz que a cafonice vem de berço e está no sangue. Segundo ela, “a pessoa pode até sair do brega, mas o brega não sai da pessoa. ... Podem me bota com a melhor roupa, da grife mais cara, que eu vou continua bagaceira de raiz”. Com isso, o programa demonstra a reprodução do gosto de classe como algo naturalizado. Nesse caso, mesmo que Josiane, e até mesmo Maicon, ascendessem socialmente, eles não mudariam seu modo de vida, seus gostos e costumes em função do poder econômico ter se elevado. Na relação entre Eric e Josiane, diferente da relação entre Maicon e Babi - em que ela luta para evitar o relacionamento -, Eric mostra que Josiane é bonita e que outras características são mais importantes na definição do seu caráter.

Além destes personagens, a própria presença do ator MV Bill, interpretando o professor Antônio, mostra a preocupação da temporada em abordar as diferenças sociais. Na trama, ele sofreu com o preconceito e com a pobreza, mas ascendeu socialmente graças ao estudo. Como professor, ele luta a favor das cotas para alunos carentes, pela igualdade de direitos entre os jovens e pela educação como direito de todos. Na vida real, MV Bill também é ativista social e cantor de Rap; em suas músicas, demonstra o desejo por um Brasil mais humano, igualitário e justo. Entendemos que o ator foi convidado a participar de Malhação para passar sua experiência adiante e promover a veracidade do tema que é foco da temporada.

### 3.2.2 Consumo, família/relações afetivas e escola

A partir das considerações de pesquisadores que já trabalharam com Malhação, analisamos a representação de juventude construída pelo programa ao longo de seus 16 anos. A partir das categorias consumo, família/relações afetivas e escola, que apareceram nos estudos e que se mostraram importantes nas relações instituídas entre os jovens, desenvolvemos uma contextualização histórica que nos ajuda a perceber como a representação juvenil veio sendo observada pelos pesquisadores e permite observar como a 18ª temporada trata da relação do jovem com cada uma destas categorias.

#### **- Consumo**

A contextualização da trama encenada em Malhação representa o cotidiano de jovens de classe média alta e classe alta. Isso é representado através dos ambientes frequentados, dos

hábitos de consumo e dos recursos materiais dos personagens. Para Coutinho (2009, p.63), o foco na classe alta se dá pelo seu maior poder de consumo. Além disso, a classe alta representa o grupo de aspiração da maioria e, por isso, serve de referência na construção da narrativa. Os personagens de menor poder aquisitivo são quase inexistentes. A cada temporada, apenas um personagem ou uma família tem condições econômicas desfavoráveis (MENEGAZ, 2006).

Na 18ª temporada, novamente o número de personagens de classe popular é inferior aos de classe média e alta, confirmando a tendência de representação das classes altas. Além disso, o ambiente frequentado e os hábitos de consumo também se referem aos costumes da classe média e alta; o próprio colégio é particular, sendo que os jovens de classe inferior somente estudam no mesmo graças a concessão de bolsas de estudos. Entendemos que as classes dominantes aparecerem com maior frequência em todas as temporadas, pois servem de referência para as classes populares, que são a audiência principal de *Malhação*.

Além disso, Santos (2007) mostra que a representação dos pobres em *Malhação* não corresponde à realidade: quando inseridos na trama, a superação de suas dificuldades sempre aparece de forma suavizada, sem grandes conflitos, de modo que estes personagens terminam por conviver harmonicamente com os demais e acessando os mesmos bens e serviços. Na temporada analisada, os personagens pobres também têm seus conflitos suavizados e convivem com os indivíduos de classe alta. Acreditamos que, apesar da falta de verossimilhança em muitas cenas, da representação de poucos personagens de condição social inferior e de repetir, por vezes, o que acontecia nas outras temporadas, a 18ª temporada de *Malhação* aproximou-se da real representação das relações entre pessoas de classes distintas.

Como diz Menegaz (2006), embora os conflitos sejam suavizados, as diferenças econômicas são apresentadas em *Malhação* a partir do preconceito por parte dos mais favorecidos, bem como através de personagens que têm dificuldades de aceitar (e negam) sua condição social e desejam consumir bens de classe alta. O mesmo é representado na temporada analisada: situações de discriminação para com os alunos bolsistas do colégio, cenas de Babi desrespeitando Maicon por sua pobreza, alunos desmoralizando Josiane por ela ser brega, etc.

O consumo é ainda representado na narrativa em geral como elemento constitutivo da cultura dos jovens. Através do consumo de bens materiais e simbólicos, os grupos de jovens expressam significados, valores, e distinguem seus modos de ser. A formação de “tribos” conforme suas práticas culturais e de consumo é evidente em cada temporada do programa, sendo que estas práticas ajudam a construir as identidades dos personagens (SOUSA, 2007).

Verificamos que a 18ª temporada foca no consumo de bens materiais como roupas e sapatos, sendo que cada personagem possui seu próprio estilo de se vestir e, através do consumo, cada um constitui sua própria representação social e sua identidade: Babi é moderna e despojada; Catarina está quase sempre de saia e blusa xadrez, transparecendo seu jeito meigo; Josiane possui um estilo brega, pois usa roupas curtas e extravagantes; Pedro usa calça, jaqueta jeans e tênis “allstar”; Maicon sempre veste roupas esportivas; Eric sempre usa camisa gola polo e calça jeans. São diferentes estilos que se diferenciam através do consumo de cada um desses jovens, servindo de referência para a juventude que assiste ao programa.

Scoss (2003, p. 155) mostra que a maioria dos jovens pesquisados por ela sofre influências do programa no que diz respeito ao consumo, sendo que estas influências se referem a “moda, vestuário, linguagem, mudanças de comportamento ou jeito de determinado personagem”. Verificamos que, desde seu início, *Malhação* já repercutiu valores de diversas tribos diferentes: patricinhas, roqueiros, nerds, internautas, clubbers, novos hippies, hip hop, emo, skatistas, lutadores. Todos estes estilos servem de referência para o público expectador. Além destes, são retratados em *Malhação* os jovens de comportamento maldoso, desonesto, que incorporam os papéis dos vilões.

Em geral, o estímulo ao consumo de bens materiais também é evidente em *Malhação* através do recurso do *merchandising* editorial, tendo o programa um dos maiores volumes de espaço comercial deste tipo na Rede Globo (RABAIOLLI, 2008). Na 18ª temporada, o *merchandising* também está presente; através de inserções das marcas Fanta (refrigerante) e KIA (carro), o programa divulga os produtos e incentiva os espectadores a consumirem os mesmos.

Embora incentive o consumo de forma direta, o programa revela sua pretensão pedagógica ao retratar em seus episódios um caso de *oneomania*, o desejo compulsivo, patológico, de comprar (NANAKA, 2007). Este e outros temas de caráter educativo (e polêmicos) são abordados constantemente em *Malhação*. São conflitos que envolvem gravidez na adolescência, drogas, corrupção, preconceito. Segundo alguns autores<sup>14</sup>, as temáticas socioeducativas e polêmicas são abordadas com frequência, mas não com a devida profundidade e de maneira reflexiva, e por isso não instigam debates. Diferente do que dizem estes autores, entendemos que, na temporada analisada, os temas foram apresentados dentro de um contexto de vida dos jovens, bem como de acordo com situações que ocorreram no momento da exibição das cenas. Por exemplo, quando a trama abordou os arrastões no Rio de Janeiro e a greve

---

<sup>14</sup> (SANTOS, 2007; MENEGAZ, 2006; COUTINHO, 2009; OLIVEIRA, 2003)

nos hospitais públicos. Por isso, acreditamos que os temas abordados promovem o debate entre aqueles que assistem ao programa.

**- *Família/relações afetivas***

A inserção de personagens adultos e da família em *Malhação* aconteceu especialmente após 1999, com a mudança do cenário principal da academia para o colégio *Múltipla Escolha*. Além da escola, foram incluídos os núcleos familiares e outros cenários externos. Com isso, os conflitos em família, a relação entre irmãos, pais e filhos passou a fazer parte do enredo do programa. Como já foi apresentado, na temporada analisada, o número de personagens adultos é bastante elevado, se comparado com temporadas anteriores. Além disso, a temporada apresenta diferentes configurações familiares (as famílias de Pedro, Catarina, Babi, Maicon, Milena e Andréa, a nova família de Théo e a república), demonstrando o destaque dado para a família nesta temporada.

No que diz respeito aos vínculos, a família é valorizada na trama através da participação efetiva dos pais na vida dos filhos. Os personagens adultos têm papel decisivo nas escolhas dos jovens, sendo consultados nos momentos de dúvida ou respeitados pelos filhos quando proíbem algo. Essa importância é destacada na 18ª temporada, já que os pais são, inclusive, chamados para reuniões na escola sobre o comportamento e as notas de cada um na escola. Além disso, o cuidado e o zelo com os filhos é destaque em todas as famílias da temporada. O único personagem adulto que destoa desse papel de pai é Fausto, pai de Catarina, Fred e Duda, que está sempre ausente e não se preocupa muito com a família.

As diferentes formações familiares, questão muito pertinente na atualidade, são retratadas na narrativa do programa: “famílias reconstruídas, pais que criam sozinhos os filhos, pai dono de casa e mãe profissional, famílias nucleares, entre outras, são abordadas pelo programa em suas temporadas” (MENEGAZ, 2006, p.154). Na 18ª temporada, diferentes formações familiares estão presentes: Zica cuida sozinha do filho Maicon; Cláudia cuida sozinha dos filhos Catarina, Fred e Duda; Babi é cuidada pelo pai e pela madrasta; Geraldo e Lurdes cuidam dos filhos Pedro e Théo; a mãe biológica de Théo adotou Kátia e cuida dela sozinha, entre outros. Acreditamos a essas distintas formações familiares representam com verossimilhança a realidade das famílias atuais.

No que diz respeito às relações afetivas dos jovens, verificamos que os conflitos amorosos em torno de um casal protagonista, cuja união encontra dificuldades a serem superadas ao longo da trama, tem sido o eixo temático central das temporadas de *Malhação*. A partir destas histórias de amor, estão atreladas questões conflituosas do universo jovem, fazendo emergir temas como virgindade, gravidez na adolescência, romantismo e sexualidade. Para Andrade (2006, p. 1), o que sustenta a popularidade de *Malhação* é “a inserção que proporciona do

adolescente no universo adulto, especificamente, a socialização de determinadas regras e o aprendizado de roteiros e cenários culturais que dizem respeito ao desenvolvimento de sua sexualidade”.

Não poderia ser diferente na 18ª temporada: o casal de protagonistas é formado por uma jovem de classe alta e um jovem de classe popular, os quais enfrentam muitas dificuldades para ficarem juntos. Através deles, a temporada abordou a questão da virgindade. Outros casais também trataram de questões importantes no que se refere aos relacionamentos afetivos: Duda beijou (Dodói) pela primeira vez, Júlia perde sua virgindade com Fred e engravida; Babi engravida de Maicon, entre outros.

A construção da narrativa, em geral, leva à observação da sexualidade como quesito que define o perfil dos personagens. Entre o casal principal, cujo relacionamento se pauta no ideal romântico, não predomina o ardor sexual e sim o amor sublime. A sexualidade entre eles, quando tematizada, centraliza a questão da virgindade. No desenvolvimento dos conflitos entre os protagonistas, há, normalmente, uma terceira pessoa que se empenha em separá-los. Este papel é comumente encenado por um personagem feminino, que, diferentemente da protagonista, desenvolve a sexualidade como forte apelo de sedução (ANDRADE, 2006). Na 18ª temporada, isso é observado quando Ângela usou toda sua sensualidade para conquistar Pedro. O mesmo acontece com as mulheres que se envolvem com Maicon: seu relacionamento com Babi é movido por um amor sublime, diferente das outras mulheres com as quais ele se envolve, que usam da sedução para conquistar o jovem. Outro exemplo é Lúcio, que se utiliza de estratégias maldosas e perigosas para ficar ao lado da pessoa que ama.

Na trama, a supervalorização dos relacionamentos amorosos leva à tematização da amizade. Os principais conflitos que envolvem confiança entre amigos giram em torno da formação de um triângulo amoroso. Em *Malhação*, corroborando a ideia de que o gênero feminino predomina entre os vilões da narrativa, a quebra de confiança na amizade, por sedução do parceiro, ocorre especialmente entre mulheres (MENEZES, 2006). Deste modo, a valorização da amizade entre os jovens se baseia na confiança como algo raro a ser encontrado. Na 18ª temporada, o triângulo amoroso mais típico é representado pelos personagens Duda, Eric e Josiane, através dos quais o programa retrata a quebra de confiança entre as mulheres. Além deles, Pedro, Catarina e Raquel também abordam o assunto através do envolvimento que ocorre entre eles.

Considerando o aspecto conflituoso do desenvolvimento da sexualidade na adolescência e a busca de informações pelos jovens através da mídia, fica evidente o quanto é relevante observar estas questões para a compreensão da representação juvenil:

Quando assistem à *Malhação*, os adolescentes apreendem não somente o discurso dominante acerca da sexualidade, mas, também a forma como devem se relacionar com ela. Eles vêem, na tela, jovens “como eles” interagindo sexualmente e interiorizam, muitas vezes, as estruturas destes relacionamentos para suas próprias vidas. Como a televisão, é para muitos desses jovens, a principal fonte de informação sobre sexo, *Malhação* se destaca como um *locus ímpar* de aprendizado de valores no que se refere às questões que dão conta da sexualidade contemporânea entre esses adolescentes (ANDRADE, 2006, p. 2).

Isso mostra a importância do programa no debate social de questões referentes à sexualidade e, assim, a importância do mesmo na formação de representações juvenis pelos receptores, já que estão em contato com a representação juvenil apresentada na tela. A temporada analisada, assim como as demais, procurou inserir-se em temáticas de interesse social e abordou questões que, de fato, são interessantes aos jovens.

#### **- Escola**

Embora o cenário principal de *Malhação* seja uma escola, esta não aparece como tema específico na trama, mas sim como cenário onde as ações e as tensões da vida dos jovens se dão. Isso significa que o ambiente escolar não configura, por si, conflitos internos: de um modo geral, os jovens estão satisfeitos com seus professores, não há questionamentos sobre currículos ou sobre a estrutura da escola (SOUSA, 2007). Isso permanece na 18ª temporada: a escola serve de ponto de encontro e de socialização entre os jovens; a maioria das cenas refere-se ao intervalo das aulas, quando os jovens aproveitam para conversar e debater questões do seu dia a dia. Os jovens quase não reclamam das aulas e dos professores, e são poucos os assuntos abordados referentes ao conteúdo didático.

Como descreve Santos (2007), também na 18ª temporada de *Malhação* os temas escolares, nas poucas vezes em que são abordados, aparecem como artifícios da narrativa para introdução de diálogos sobre questões pessoais ou cotidianas dos personagens. Nesta construção narrativa, em que o professor normalmente é representado por um sujeito que prioriza o bom relacionamento com os alunos e os métodos atrativos acima dos conteúdos, acaba por se construir um esvaziamento do papel docente. Esta noção é reforçada, ainda, pela recorrência de cenas que demonstram a sala de aula como ambiente propício para conversas paralelas com os colegas sobre questões pessoais, enquanto o professor ministra o conteúdo (OLIVEIRA, 2003). Assim, fica evidente o quanto a escola em *Malhação* se apresenta como cenário propício à socialização dos jovens e

desenvolvimento das demais abordagens temáticas pertinentes ao universo juvenil. A reflexão sobre a escola como um ambiente destinado ao ensino-aprendizagem e ao acesso do conhecimento aparece como plano secundário da trama. A escola serve de palco dos debates e mobilizações entre os jovens, onde eles desenvolvem sua visão crítica e o espírito de liderança.

O relacionamento entre professores e alunos é, em geral, abordado de forma harmoniosa; são poucos os conflitos representados (inclusive na 18ª temporada) e, quando apresentados, são rapidamente resolvidos através do diálogo. A amizade, o carinho e a união entre colegas e professores aparecem de forma prioritária. Nesse sentido, acreditamos que falta um pouco de verossimilhança com as escolas da realidade: normalmente o relacionamento entre alunos e professores é mais conflituoso e os jovens não possuem toda a maturidade para lidarem com os assuntos abordados na escola, assim como são representados no programa. Esse parece ser o aspecto em que o programa mais se diferencia da representação real do jovem e de seu modo de vida, no que se refere à sua relação com a família/relações afetivas, o consumo e a escola.

O que moveu o desenvolvimento dos seguintes capítulos foi a entrada no campo empírico da pesquisa e, conseqüentemente, a confirmação ou não dos levantamentos realizados até aqui. Ou seja, somente o contato com as jovens de classe popular que assistem à Malhação foi capaz de promover o avanço de nossas análises. O resultado desta etapa da pesquisa é descrito na sequência.

## CAPÍTULO 4 – SOCIALIDADE: JOVENS E A VIDA EM SOCIEDADE

Entendemos que a socialidade permite observar a construção da representação juvenil a partir da vida cotidiana. Buscamos apresentar o perfil dos jovens entrevistados, o seu dia a dia e suas percepções sobre a juventude e os meios de comunicação, a fim de analisar a representação que as entrevistadas fazem de juventude e de classe social, a partir de sua relação com a sociedade e com a vida cotidiana, bem como a partir da assistência que fazem à Malhação. Pretendemos verificar como o jovem se apropria do discurso vigente no programa de forma que isso transpareça em seu cotidiano e na construção de representações da juventude.

### 4.1 Perfis das jovens entrevistadas

A primeira entrevistada, chamada Deise, tem 16 anos e cursa o 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Santa Maria/RS. A jovem mora com os pais e a irmã mais nova. O pai só estudou até a 6ª série do Ensino Fundamental e trabalha como pedreiro. A mãe completou o Ensino Fundamental e sempre trabalhou na área de limpeza; atualmente ela é auxiliar de serviços gerais em uma farmácia. Deise sempre estudou em instituições públicas perto de sua casa.

Ela é telespectadora de Malhação desde 2003; assiste praticamente todos os dias e, quando perde um capítulo, assiste-o na internet. Ela possui TV e internet banda larga em casa. Ficou evidente que a pesquisa na internet, sobre Malhação e sobre outros assuntos, era feita com mais frequência quando ela ainda não trabalhava e tinha mais tempo livre. Na época, os interesses da estudante na *web* eram por assuntos que tratavam da vida dos famosos e por plataformas que possibilitavam o contato direto entre fãs e atores, especialmente o Twitter. Segundo ela, “ali tu pode falá com as pessoas, com os famosos, por exemplo. A gente pode perguntá do trabalho, dá opiniões, essas coisas”. Atualmente, a única atividade que continua desenvolvendo com frequência é a assistência aos capítulos de Malhação que não acompanha na televisão.

A segunda jovem entrevistada, chamada Leila, tem 15 anos e cursa a 8ª série em uma escola pública de Santa Maria/RS, sendo que sempre estudou em instituições públicas perto de sua casa. Ela mora com a mãe e a irmã. A mãe é dona de casa e o pai é falecido. Ele, que trabalhava em um posto de gasolina, suicidou-se quando a jovem tinha 10 anos. A mãe é natural de Soledade, sendo que a família veio morar em Santa Maria logo após o nascimento de Leila (primeira filha). A mãe

trabalhou durante anos em lanchonetes da Universidade Federal de Santa Maria. Após sair de uma delas, foi trabalhar em uma fábrica de cuias/bombas, onde cortou parte de um dos dedos e ficou de licença. Após isso, ela optou por ser dona de casa. Atualmente, a família vive da pensão pela morte do pai das meninas e da indenização que a mãe ganha devido ao acidente de trabalho.

A família possui um televisor e um computador de mesa, mas não possui acesso à internet. Para ter acesso, Leila frequenta um cyber perto de casa. A jovem também é telespectadora de Malhação desde 2003, assiste ao programa todos os dias e, quando perde um capítulo, assiste a ele na internet. Ela diz possuir as redes sociais Orkut e MSN, sendo que as acessa para conversar e se conectar com mais pessoas. Ela diz não utilizar a internet, nem jornais e revistas para pesquisar a respeito de Malhação ou a respeito de outras novelas e programas da TV. O uso da internet se restringe à busca pelos capítulos do programa que não assistiu. Conversando com a mãe da jovem, ela disse que a filha é “realmente apaixonada” por Malhação, sendo que está sempre em frente à TV quando o programa inicia. Disse, inclusive, que já foi ao colégio para incentivar os professores a trabalhar com o conteúdo abordado pelo programa, já que os jovens gostam tanto dele.

A terceira entrevistada é Sabrina. Ela tem 13 anos, mora com a mãe, o pai, um sobrinho, uma irmã e um irmão em uma casa em Santa Maria. O pai é frentista em um posto de gasolina e a mãe sempre trabalhou como auxiliar de limpeza, sendo que atualmente exerce o trabalho em um mercado da cidade. A jovem não soube dizer a escolaridade dos pais. Ela tem TV e internet em casa e lembra que assiste Malhação desde 2007, quando tinha 7 anos. Ela afirma que assiste ao programa praticamente todos os dias, além de pesquisar sobre ele, ler resumos de novelas na internet e perguntar aos amigos quando tem curiosidade sobre algo. Ainda pede para a mãe comprar revistas sobre novelas, mas ela não o faz com tanta frequência. A rede social que mais acessa é o Orkut. Ela diz que assiste Malhação porque gosta, porque o programa chama a atenção e trata da realidade do jovem.

A quarta entrevistada é Vanessa. Ela tem 13 anos, mora com a mãe, o pai, uma irmã e um irmão em uma casa em Santa Maria. O pai sempre trabalhou como pedreiro e a mãe já foi babá e atualmente é faxineira. Nem o pai, nem a mãe terminaram o Ensino Fundamental. Vanessa tem TV em casa, mas não tem internet. Quando quer acessar, vai à casa de um primo ou a cyber perto de casa. Diz que a rede social com a qual mais tem contato é o Orkut. Ela assiste Malhação desde pequena, quando tinha cerca de 4 anos, sendo que o faz praticamente todos os dias. Quando não vê, pergunta aos primos e amigos sobre o que aconteceu. Assim como Sabrina, Vanessa também diz que gosta de assistir Malhação, que o programa chama a atenção e trata da realidade do jovem. Ela diz pesquisar de vez em quando sobre o programa em revistas e na internet.

A quinta entrevistada é Alice, que tem 12 anos. Ela mora com a mãe, em uma casa em Santa Maria. A mãe é faxineira e dona de casa. Atualmente, exerce esse trabalho em uma casa de família. O pai morreu há dois anos. A mãe faz aulas através do EJA (Educação de Jovens e Adultos) para terminar o Ensino Médio. Alice tem TV em casa, mas não tem internet. Apesar disso, ela utiliza muito a internet para se comunicar com os amigos, sendo que as redes sociais preferidas são o Orkut, MSN e Twitter. Para acessar, ela frequenta um cyber. Ela assiste Malhação desde pequena, sendo que acompanha o programa praticamente todos os dias, menos terça-feira, quando tem aulas de informática. Quando não vê, pergunta aos amigos e raramente pesquisa na internet. Também não pesquisa sobre o programa ou novelas em outros meios de comunicação. Ela gosta de assistir Malhação e diz ser o único programa que mostra o jovem e a questões da juventude.

A sexta jovem é Yara. Ela tem 12 anos e mora com a mãe, a irmã e o avô em uma casa em Santa Maria. A mãe estudou até o 2º ano do Ensino Médio e trabalha como faxineira em um mercado. A jovem não conhece o pai. Yara tem TV em casa, mas não internet. Quando quer acessar, vai à casa da tia, sendo que as redes sociais que mais utiliza são o Orkut e o MSN. Ela diz que começou a assistir Malhação na temporada Malhação ID, exibida de 2009 a 2010, e acompanha o programa praticamente todos os dias. Quando não o vê, pergunta aos amigos, sendo que as conversas sobre o programa resumem-se a estes momentos. Ela diz não pesquisar sobre o programa e novelas em outros meios de comunicação.

Percebemos que são poucas as meninas que pesquisam sobre o programa em outros meios de comunicação e, quando o fazem, é de maneira esporádica. Todas assistem ao programa na TV e, quando perdem um capítulo, apenas Deise e Leila assistem a ele na Internet. Além delas, Sabrina diz pesquisar e ler resumos na internet, mas essa atividade é feita raramente, assim como a compra de revistas pela mãe. As demais jovens somente se informam sobre o programa com os amigos. Assim, mesmo que as três primeiras pesquisem sobre Malhação na internet, acreditamos que gostam do programa tanto quanto as demais jovens, pois realizam essa atividade esporadicamente. Além disso, duas delas possuem internet em casa, o que facilita a busca de informações sobre Malhação. Assim, observamos que a preferência pela assistência é através da TV, sendo este o momento que deve ser privilegiado na pesquisa de campo; é principalmente a partir dele que as jovens estão em contato com a representação de juventude e de classe apresentada pelo programa e é ele que interfere nas representações construídas pelas jovens.

## 4.2 O dia a dia das jovens entrevistadas: a vida em sociedade

A partir das entrevistas realizadas e da observação durante o momento da entrevista, pudemos verificar como é o dia a dia das jovens de classe popular e como são suas vidas em sociedade. A partir disso, foi possível entender aspectos importantes da formação de representações juvenis e de classe social por parte das entrevistadas.

Em geral, as jovens ficaram com receio de falar de suas qualidades; Deise se diz “muito amiga” e “muito sincera” (o que, segundo ela, “pode magoar, às vezes”). Leila se considera uma “pessoa legal”, gosta de brincar (pega-pega é seu jogo favorito) e disse ser “extrovertida”. Sabrina também se considera uma “pessoa legal” e se definiu como sendo “divertida”. Alice, assim como Deise, se considera “muito amiga”, gosta de ficar junto com as pessoas para conversar, se diz uma pessoa “tri aberta”, que está “sempre rindo” e nunca está “para baixo”. Yara se definiu como sendo “sincera e louquinha” e Vanessa se disse igual à Yara. Apenas estas duas jovens trataram de seus defeitos: se dizem “cheias”. Elas se consideram assim, pois seus desejos de consumo se assemelham aos desejos de jovens com melhor poder aquisitivo. Segundo elas, “as coisas mais caras a gente não pode comprá”. Yara, por exemplo, fala do desejo em ter um perfume que custa 150,00, mas que a mãe não lhe daria por causa do preço. Além disso, dizem querer comprar roupas e sapatos, que apesar de não serem de marca, são de alto valor e, por isso, não estão acessíveis a elas. Assim, apesar de serem de classe popular e terem consciência da posição de classe que assumem (pois sabem que a família não tem condição de dar tudo o que elas querem), possuem desejos de classe mais alta e, por vezes, se consideram como tal (pois se dizem “cheias”).

Ao falar da rotina, percebemos que somente a rotina de Deise é um pouco diferente, pois ela trabalha de dia e frequenta a escola à noite. As demais passam o dia na escola, onde estudam e participam de atividades extraclases, como aulas de recuperação, aulas de educação física, jogos, brincadeiras, etc, ou estão em casa, ajudando nas tarefas domésticas, assistindo à TV ou acessando a internet. A maioria delas aproveita o tempo livre para ter acesso aos meios de comunicação: entre outras coisas, Leila assiste à TV, Sabrina senta ao computador, Vanessa e Yara passam algumas tardes na escola, onde, às vezes, assistem TV, e Alice diz frequentar um curso de informática uma vez por semana. Todas dizem assistir TV à noite, quando acompanham Malhação e seguem vendo novelas e noticiários.

Nos finais de semana, a rotina é um pouco diferente. Deise frequenta o centro da cidade, vai ao shopping para encontrar as amigas e conversar e, às vezes, vai ao cinema.

Também frequenta festas de aniversário e formaturas. Leila joga futebol no campus da UFSM, acessa a internet liberada da UFSM através do notebook de um amigo, vai ao shopping e ao parque perto de casa. Sabrina vai à casa das amigas, passeia na rua, fica ao computador e, esporadicamente, frequenta shoppings. Vanessa escuta música, olha TV e dorme. Alice fica em casa, sai com os amigos, olha TV, dorme e, de vez em quando, passeia nos shoppings. Enquanto isso, Yara escuta música.

Percebemos, assim como observou Abramo (2005) ao analisar os dados sobre o perfil da juventude brasileira, que o lazer também ocupa grande parte do tempo livre das jovens entrevistadas. Como os jovens em geral, estas meninas também revelaram a importância que dão para a circulação e desenvolvimento da socialidade ligada à diversão. Além disso, as atividades ligadas aos meios de comunicação também aparecem como preferências de lazer dos jovens em geral e das entrevistadas.

Segundo Abramo (2005), as atividades de lazer realizadas pelos jovens brasileiros, de segunda a sexta-feira, por ordem de preferência, são as seguintes: assistir à TV, ouvir rádio, encontrar com os amigos, ajudar em tarefas da casa, falar ao telefone, namorar, ler revistas, ler um livro, estudar, ler jornal, jogar futebol, praticar outro esporte, jogar no computador ou usar a internet e tocar um instrumento ou cantar. Assim, como mostra a autora, assistir TV também é a principal atividade realizada durante a semana pelas jovens entrevistadas. Entre as atividades de lazer realizadas nos finais de semana, muda a ordem de preferência: encontrar com amigos, ouvir rádio, assistir à TV, namorar, ajudar em tarefas da casa, falar ao telefone, ler revistas, jogar futebol, ler um livro, ler jornal, praticar outro esporte, estudar, tocar um instrumento ou cantar e jogar no computador ou usar a internet (ABRAMO, 2005). Novamente, as entrevistadas se assemelham aos dados apresentados, pois o encontro com amigos é uma das preferências nas atividades de lazer do final de semana.

Porém, diferente da análise de Abramo (2005), que mostra que ir ao cinema e ao shopping são as atividades que os jovens gostariam de realizar, mas não podem por falta de dinheiro, de tempo ou porque os pais não permitem, muitas das jovens de nosso estudo afirmam realizar essas atividades. Mesmo que de forma esporádica e mais com o intuito de encontrar com os amigos do que de realizar compras no shopping, as jovens entrevistadas possuem acesso facilitado a esta prática. O que não é citado como desejo dos jovens em geral no livro de Abramo (2005), mas que se mostrou importante para entrevistadas, é a vontade que duas delas (Vanessa e Yara) têm de namorar, mas não o fazem porque a família não permite.

O que também se assemelha ao estudo de Abramo é a vontade que Leila, Vanessa, Alice e Yara possuem de ir a festas, e o desejo de Sabrina e Alice de passear sem hora para voltar. Elas não o fazem, pois a mãe não deixa e em função da falta de segurança. Além disso, Deise, Leila e Sabrina também demonstraram o desejo de viajar, assemelhando-se também a um dos desejos dos jovens em geral. Leila quer conhecer Porto Seguro, pois lá “é muito lindo”; diz que já viu fotos do lugar, bem como leu a respeito. Enquanto isso, Deise quer conhecer Buenos Aires; ela disse ter visto fotos em revistas, achou “tudo muito lindo” e se “encantou” pelo lugar. Já Sabrina quer ir para o Rio de Janeiro, morar com a avó; ela pretende terminar o Ensino Fundamental em Santa Maria e depois viajar. Enquanto o empecilho de Leila é a idade, Sabrina cita os estudos e a permissão da mãe e somente Deise diz que é a dificuldade econômica, sendo a única a assumir sua condição social. Isso confirma o que diz Abramo (2005) quando percebe que há uma homogeneidade nos desejos, porém há uma heterogeneidade nas condições dos jovens de fazer tudo que gostariam.

Entre as atividades de lazer que realiza com a família, Deise cita as saídas para jantar: diz que, às vezes, vão para o shopping ou para alguma lancheria da cidade. De vez em quando, viajam para visitar os parentes nas cidades de Restinga Seca e Porto Alegre. Leila também costuma viajar com a família para a casa dos tios que moram em Soledade. Sabrina diz não realizar muitas atividades de lazer em família; estas são realizadas geralmente com os amigos. Ela apenas viaja com a família nas férias (Nova Palma e Porto Alegre). Vanessa diz que é difícil sair com toda família, sendo que se reúnem nas festas de Natal e Ano Novo. Alice diz que, às vezes, a família se reúne em sua casa para um churrasco e que, antigamente, iam para balneários, mas agora ela fica mais com a mãe, em casa, olhando TV. Yara também diz que é difícil sair com toda a família; sai mais com a mãe, mas tanto a mãe quanto o pai preferem ficar em casa. Percebemos que o lazer das famílias se restringe, basicamente, às viagens para visitar parentes e aos momentos em que se reúnem em casa para jantar, conversar e assistir TV.

Em relação à infância, as jovens não lembram de muita coisa. Deise afirma que uma das coisas que mais a marcou e que aconteceu recentemente foi a amizade que fez com uma menina da qual não gostava, o que mostra a importância dos amigos em sua vida. Enquanto isso, Leila, Sabrina e Alice demonstram a importância da família; Leila afirma que o momento de sua trajetória que mais a marcou foi a perda do pai, que se matou quando a jovem tinha 10 anos; Sabrina lembra o momento em que o pai foi embora de casa, quando ela tinha 6 anos (recentemente ele voltou e está novamente com a família); e Alice lembra da morte do pai, quando ela tinha 9 anos. Nesse sentido, o papel da figura paterna é destacado pelas jovens, que demonstram que a ausência do pai é um fator importante no seu

crescimento. Nestas famílias, assim como em muitas famílias brasileiras de classe popular<sup>15</sup>, a mãe assume a situação de provedora e torna-se o membro da família com o qual as jovens têm mais proximidade. Mesmo as jovens que ainda convivem com o pai também citam a mãe como membro mais próximo. Isso pode ser consequência do fato das jovens serem mulheres e, por questões de afinidade, sentirem-se mais a vontade com a mãe. Mas, mesmo que a mãe seja mais próxima e também participe do sustento da família, o pai, quando presente, ainda assume sua posição de autoridade.

Já Vanessa, que também não conhece o pai, não cita esta situação como tendo sido marcante, já que não chegou a conviver com o mesmo. Ela, assim como Yara, fala do primeiro selinho como tendo marcado sua infância, mostrando a importância que estas duas jovens dão para os relacionamentos amorosos. Vanessa diz que foi com 7 ou 8 anos, na rua de sua casa, e Yara diz que foi com 8 ou 9 anos, em um campo de futebol.

O sonho das jovens está relacionado, para a maioria delas, à carreira profissional e, conseqüentemente, à ascensão social. Nesse sentido, todas valorizam os estudos e sabem de sua importância para o sucesso profissional, apesar de algumas citarem que não gostam de estudar. A família, em geral, incentiva as jovens para que permaneçam na escola e para que lutem por um futuro bom, o que significa ter um bom emprego, uma boa família, etc.

Quando questionadas sobre a carreira que pretendem seguir, duas delas (Vanessa e Alice) associam seu crescimento profissional ao desenvolvimento de uma faculdade. Vanessa diz que seu sonho é sair de casa e estudar Veterinária. Alice pretende passar de ano com média alta; ela pensa em estudar Enfermagem ou ir para a carreira militar. Enquanto isso, outras três (Deise, Leila e Sabrina), que apesar de também citarem a vontade de fazer um curso universitário, associam seu crescimento profissional, primeiramente, a carreiras ligadas aos meios de comunicação e à fama. Deise quer ser atriz; ela diz que “é uma coisa que eu acho que a maioria quer, mas tem que lutar bastante, né, tem que estudar”. A respeito dessa profissão, ela diz: “Eu me encanto com tudo na televisão, sabe... com as novelas... assim, eu imagino eu tando lá”. Enquanto isso, Leila diz que seu maior sonho é morar em São Paulo, pois é uma cidade grande e onde há mais oportunidades, inclusive para sua carreira de modelo. Sabrina também quer ser atriz, principalmente do programa *Malhação*. A carreira

---

<sup>15</sup> Como mostram Amazonas, Damasceno, Terto e Silva (2003), a partir da reflexão de Silveira, Falcke e Wagner (2000), o modelo que domina nas famílias de classe popular é o monoparental, em que as mesmas são chefiadas, em sua maioria, por mulheres, acentuando a relação mãe-filho entre os membros destas famílias, como mostra Bilac (1995). Segundo as autoras, as mulheres passam a desempenhar diferentes funções na família e seu papel econômico cresce no grupo familiar, sendo elas muitas vezes as provedoras do lar. Porém, mesmo assim, a noção do homem como autoridade não muda totalmente, mas sua autoridade é, em alguns casos, diminuída, já que muitos homens não assumem o papel de provedor pois bebem, usam drogas, etc.

universitária, como já afirmamos, também é considerada necessária, mas é citada por elas como segunda opção. Deise diz que faria o curso de Pedagogia, pois gosta muito de crianças, Leila diz que faria Medicina Veterinária, pois gosta de animais e Sabrina faria arquitetura ou estilismo, mas afirma que ser atriz é mais fácil, pois tem facilidade em decorar textos. Somente uma jovem (Yara) não sabia qual carreira seguir; disse apenas querer um futuro bom, o que para ela significa ter uma família boa.

Percebemos que, apesar de todas valorizarem o estudo, as jovens se dividem entre as que citam carreiras ligadas à fama e as que citam carreiras que necessitam de um curso universitário. O fato das primeiras sonharem com a fama, citando o desejo de ser atriz e modelo, pode estar relacionado ao acesso facilitado que estas possuem à internet e ao hábito que possuem de pesquisar sobre Malhação neste meio de comunicação com mais frequência que as outras jovens. Deise e Sabrina possuem internet em casa e Leila acessa uma *lan house* perto de casa frequentemente. Enquanto isso, Vanessa, Alice e Yara não possuem internet em casa, sendo que acessam esporadicamente através de *lan houses* ou da casa de amigos. Assim, as primeiras, ao assistirem Malhação na TV e pesquisarem sobre o programa na internet com mais frequência, acabam por sonhar mais com a realidade apresentada pelo programa e, muitas vezes, se veem ou querem se ver representadas nos personagens e temas abordados. Isso pode ter influência no sonho destas jovens, no que diz respeito à carreira profissional. Essa questão é considerada verdadeira quando verificamos que as duas entrevistadas que citam o desejo de serem atrizes, afirmam que querem atuar na própria Malhação. Nesse caso, o acesso à internet facilita a busca de informações sobre o programa e isso promove a influência de Malhação na vida das jovens e nas suas aspirações profissionais.

Além disso, verificamos que, assim como os resultados apresentados por Abramo (2005), a preocupação das jovens entrevistadas está relacionada, direta ou indiretamente, ao futuro delas. A preocupação de Deise é exatamente com seu futuro. Segundo ela: “Eu me preocupo bastante com o que vai ser daqui em diante”. Leila se preocupa com as drogas, pois diz ter medo de ser influenciada. Ou seja, indiretamente está preocupada também com seu futuro, o qual pretende que seja vivido longe das drogas. As demais jovens citam o estudo como sua maior preocupação, pois sabem que este pode dar um futuro melhor para si e para suas famílias. Na pesquisa sobre o perfil da juventude brasileira, os três problemas que mais preocupam são exatamente a questão da segurança, do emprego/vida profissional, das drogas e a da educação, o que se assemelha às preocupações das jovens de nosso estudo. Mesmo que a escola seja um campo assegurado como possibilidade, tanto os jovens em geral como as

entrevistadas demonstram sua preocupação com a educação no momento em que a tratam como possibilidade de ascensão social.

Além de serem assuntos que preocupam, a educação e o emprego/atividades profissionais são também os assuntos mais interessantes para as jovens entrevistadas, assim como para os jovens integrantes do estudo acerca do perfil da juventude brasileira. Depois disso, verificamos que aparece a cultura/lazer e os relacionamentos amorosos. Em proporção bem menor, poderíamos dizer que os esportes/atividades físicas, a família, a saúde e a segurança/violência também interessam. Isso mostra que, assim como os jovens em geral, as entrevistadas estão interessadas em discutir questões referentes à educação e ao trabalho, já que estes dizem respeito à sua condição atual e que pode interferir em seu futuro.

No que diz respeito à relação das jovens com sua família, percebemos que são núcleos familiares distintos. Deise ainda convive com a presença do pai e demonstra que o seu relacionamento com os pais e a irmã é de mais cumplicidade do que seu relacionamento com amigos. Ela diz “aqui em casa são todos amigos, o que a gente tem que falá, a gente conversa tudo”. Ela diz que a família costuma conversar em conjunto quando ocorre algum problema, a fim de solucioná-lo; a jovem acha isso ótimo, pois os pais também a incluem nessas discussões. Ela diz que seu ambiente familiar é muito bom, que seus pais a criaram bem e que, das pessoas com quem mora, a mais próxima é sua irmã.

Enquanto isso, Leila não possui mais o pai e sua relação com a mãe e a irmã é boa, mas não conversam tanto quanto a jovem conversa com suas amigas. Ela diz que a mãe foi criada de forma bem rigorosa, “abaixo de pau”, mas que o tratamento da mãe com ela e com sua irmã é bem diferente. Por isso, Leila diz gostar da forma como a mãe a trata e lhe ensina as coisas. Afirma que são amigas e que conversam bastante, mas percebemos que é com as amigas que ela troca confidências. Leila diz que conversa “de tudo e mais um pouco com sua mãe”, já que ela quer saber como a jovem está, como está indo no colégio, etc. Mas a mãe raramente pede sua opinião sobre algum assunto da família. Leila diz estar acostumada e não acha isso nem bom, nem ruim. Percebemos que existe uma distância maior na relação entre mãe e filha nesta família. Em relação à irmã, Leila diz que são bem amigas, mas os assuntos que mais conversam dizem respeito ao colégio, provavelmente pelo fato de a irmã ser 7 anos mais nova. Isso também faz com a mãe de Leila seja mais próxima da jovem.

Sabrina ainda convive com o pai e com a mãe. Ela diz que a mãe é “companheira, sincera e legal”, sendo que se dão bem e conversam sobre muita coisa, “mais sobre as novelas”. Com o pai também se dá bem, mas as conversas referem-se mais aos estudos. Ela possui uma irmã e um irmão; o irmão é “como se fosse um filho” para ela, pois tem 4 anos e, por isso, não

conversam muito. Já com a irmã, que é um pouco mais nova, diz conversar basicamente sobre a TV e os atores. Sua relação com os amigos parece ser mais intensa do que com seus irmãos, tanto que diz que ninguém da família é tão próximo quanto sua amiga Érica, com a qual conversa sobre tudo. Ela diz que sua família lhe ensinou sobre a educação com as pessoas e que eles pedem sua opinião, sendo que isso é bom. Além disso, ela acha que seus pais a criaram bem, sendo que não faltou nada em sua vida.

Alice também não tem mais pai, pois ele morreu quando ela tinha 9 anos. Diz que a mãe é “muito amiga”, que ela “sempre pensa nos outros, mais do que nela mesma”; “sempre quer ajudar, é parceira, mas às vezes também é meio estressada”. Com ela, conversa sobre namoro, sobre “como era antigamente e como é agora”, “sobre o que acontece no dia a dia”, sendo que conta tudo para a mãe, demonstrando que ela é a pessoa mais próxima da casa. A jovem tem três irmãos: um que mora em Santa Maria e com quem “vive brigando” e outros dois que moram longe e, por isso, se dão bem. Com eles, conversa sobre os estudos. Ela diz que a família ensina a ser “eu mesma”, que “eles estão sempre mostrando o caminho certo” e, pois isso, acredita que a família tenha lhe criado bem, sendo que a mãe lhe dá tudo que pode.

Já Yara vive com o pai, a mãe e dois irmãos. Diz que a mãe é um pouco de tudo: “chata, braba, insegura, legal”. Afirma que brigam bastante e que não conversam muito. Diz que a mãe não implica com os meninos que ela fica, mas seu pai é “chato” e não pode desconfiar que a jovem tenha “ficado com alguém”. Diz também que ele é “arrogante e tudo que é de ruim”. Apesar disso, diz não discutir com ele. Ela diz que o irmão é fofoqueiro e irmã é mais ou menos e, por isso, conversa mais com a irmã, principalmente sobre namorados. Ela diz que a família lhe ensina que “as aparências enganam” e afirma: “minha mãe me criou bem, mas eu que não quis aprender o que ela me ensinou”. A pessoa mais próxima, segundo ela, é a mãe.

Vanessa não conhece o pai e, por isso, pouco falou dele. Ela concorda com Yara ao definir as características de sua mãe e, assim como esta jovem, também diz que briga com a mãe e que não conversam muito. Ela cita a relação com o avô, que, assim como a mãe, é “chato”, pois eles não deixam a jovem “ficar com garotos que eles não conheçam”. Nesse sentido, o ensinamento da família refere-se a “cuidar os namorados, porque a aparência não é tudo”. Apesar de dizer que a mãe é chata, a jovem diz que ela é a pessoa mais próxima da família. Ela também gosta muito da irmã de 5 anos que, segundo a jovem, “fala como se tivesse 12 anos”. Diz que com ela conversa de tudo, principalmente sobre namorados.

Apesar da proximidade entre estas jovens e seus amigos ser, às vezes, maior que a proximidade delas com suas famílias, percebemos que a família ainda é a instituição em que as

jovens mais confiam, assim como mostram os dados de Abramo (2005). A família é considerada pelas jovens um fator fundamental para o amadurecimento juvenil, e a figura fundamental geralmente é a mãe. Como mostra Abramo (2005), os assuntos discutidos pelas jovens de nosso estudo com os pais também dizem respeito, de maneira geral, à conduta e ao futuro pessoal, como questões que se referem à educação, drogas, ética/moral, futuro profissional, violência e religião. Além disso, os dados abordados por Sposito (2005) mostram que, entre os jovens pobres, a família assume importância muito grande como espaço socializador, o que também foi comprovado entre as jovens entrevistadas.

A família, em geral, preocupa-se com o futuro das jovens: os pais de Deise querem que ela “seja alguém na vida” e que se “forme”. A mãe de Leila quer que ela escolha uma carreira que seja melhor para a jovem, sendo que apoia a carreira de modelo. Segundo ela, o maior aprendizado que sua família lhe passa é “aprender a lidar com o futuro, pois tem gente que com o tanto que tem, não faz nada”, referindo-se ao dinheiro que as pessoas têm, mas não sabem lidar com ele. A família de Vanessa quer que ela tenha um “trabalho bom” e que “arrume alguém bom para casar”. Alice diz que a família quer que ela “estude, seja alguém na vida, se forme, tenha uma família”. E Yara diz que a família espera que ela tenha um “futuro bom”.

Apesar da importância da família, o Projeto Sonho Brasileiro (2011), que aplicou entrevistas com jovens entre 18 e 24 anos, dos quais 64% pertenciam às classes populares (C e D/E), mostra que o modelo patriarcal não é mais a única referência na vida dos jovens. Nesse sentido, acreditamos, como Margulis (2004, p. 314), que existem outras instâncias socializadoras como, por exemplo, a escola, a televisão, os amigos, entre outros. Estas também interferem na vida do jovem de classe popular, além da família. Na análise aqui empreendida, compreendemos, como Sposito (2005), que logo após a educação familiar, a escola é um dos espaços formativos das jovens, onde elas asseguram sua reprodução cultural e social e interagem com o outro, ampliando sua experiência de vida.

Nesse sentido, as jovens entrevistadas frequentam a escola, sendo este o ambiente propício para a socialização delas com os amigos. Mesmo que algumas não gostem de estudar, elas sabem da importância do estudo e a maioria pretende seguir nos estudos, confirmando os dados de Sposito (2005), que mostram que o número de jovens que frequentam a escola aumentou com o passar dos anos. O grau de instrução é o que mais diferencia uma classe social de outra, sendo que a classe C<sup>16</sup> é a que concentra mais gente que não está estudando, a maioria é formada no Ensino Fundamental e parcialmente no Ensino

---

<sup>16</sup> Em nosso estudo, a classe C é considerada como sendo classe popular.

Médio (Ibope Mídia. Target Group Index, 2010). Isso é percebido ao analisar o nível de escolaridade dos pais das entrevistadas, o qual não supera o Ensino Médio. Diferente dos pais, muitas das jovens demonstram o desejo de prolongar os estudos.

Em relação às melhores e piores coisas de suas vidas, as jovens citam as amizades e a família, como as melhores coisas, e as inimizades, como as piores. Todas as jovens demonstram se preocupar com as pessoas mais pobres. Deise diz “a gente assiste na televisão, né, a situação das pessoas. Mas, infelizmente a gente não pode fazer nada”. Leila também demonstra a preocupação da família, mas também não pode fazer muita coisa para auxiliar. Vanessa diz que o mais preocupado é o avô, que procura ajudar todos que lhe pedem alguma coisa. Já Sabrina e Yara dizem que quem mais auxilia é a mãe e que aprenderam com ela que “ajudar é importante”. A única que não emite sua opinião é Alice. Apesar da preocupação, todas fazem pouco para ajudar ao próximo, já que não estão em uma situação favorável. Assim como a maioria dos jovens (SINGER, 2005), elas acreditam que o mundo deve mudar, mas não fazem nada para que isso aconteça, pois não têm recursos para isso. Apesar de não se definirem pobres ou pertencentes à classe popular, as jovens deixam isso subentendido nestas respostas. Esta questão é mais perceptível em outros momentos da pesquisa, os quais são descritos ao longo deste trabalho.

#### 4.2.1 Percepções sobre a juventude

Destacamos alguns aspectos importantes descritos pelas jovens que se referem às suas percepções sobre ser jovem e sobre a juventude. Em relação às semelhanças e diferenças entre os jovens atuais e os jovens de antigamente, as jovens veem distinções entre a forma como estão sendo educadas e a forma como seus pais o foram, sendo que todas preferem os dias atuais. Deise diz que “hoje em dia tudo muda entre os jovens”; segundo ela, “antigamente era tudo mais rígido, agora não, agora é mais liberado, o modo deles pensa é totalmente diferente do que antigamente. (...) Eu prefiro hoje, porque antigamente era muito diferente mesmo”. Da mesma maneira, Leila diz que antigamente “a criação dos jovens era mais rigorosa”: quem não estudava era castigado de forma mais severa e hoje os jovens são mais incentivados a estudar, pois “todo mundo dá mais valor pros estudos”. Sabrina também acha que “hoje em dia é melhor” e que “antigamente era muito diferente” (os pais estudavam de forma diferente e tinham que trabalhar). Vanessa afirma que “tudo que a gente tem agora, eles não tinham. E quando a gente ganha uma coisa que a gente não gosta, a gente já reclama e eles não podiam”. Yara também diz que “é tudo diferente do que é hoje em dia... a questão do namoro, do ficar,

de sair, essas coisas... do respeito”. Elas caracterizam a fase juvenil através do fato dos jovens “ficarem” ou namorarem, se divertirem e saírem com amigos.

Em relação às diferenças entre os jovens pobres e ricos, Deise diz que “os rico... eles podem gastá... os pobre, por exemplo, como eu que sô pobre, aí não tem dinheiro, tem que ver se tem dinheiro, se vai sobrá no final do mês... os rico não, se querem comprá, vão lá e compram. Pobre já não... tem que pensa, né”. Para ela, o dia a dia de um jovem pobre se resume a “trabalho, vai pro colégio... trabalho e colégio, trabalho e colégio”. Enquanto isso, o jovem rico “vai pra faculdade, alguns nem trabalham, né, só faculdade mesmo, saem bastante, vão em balada, essas coisas assim...”. Leila também percebe diferenças entre os jovens pobres e ricos; segundo ela, os pobres “às vezes são discriminados pelos lugares que eles vão e por ser pobre. Os rico já não, eles entram em tudo que é lugar porque eles são da alta sociedade”. Diz também que “o jovem pobre sai menos... ah, tipo, às vezes ele não sai com os amigos porque acha que vai ser discriminado...”, enquanto isso, o jovem rico “sai todos os dias, não tem discriminação nenhuma porque ele tem dinheiro”. Vanessa e Yara também citam diferenças entre o dia a dia de ricos e pobres. Yara diz: “eu sou pobre né... eu venho pro colégio, volto pra casa, volto pro colégio, volto pra casa, do uma saidinha, volto pro colégio de novo, depois volto pra casa.. é isso. Ah, rico é outra coisa... vai em festa, vai em shopping, sai, um monte de coisa”. Vanessa concorda. Já Sabrina e Alice não consideram a existência de muitas diferenças entre pobres e ricos. Sabrina diz que eles se misturam de vez em quando e que não há muita diferença entre eles. Mas, em seguida, diz que o pobre “vê TV” e o rico participa de “corridas de carro”, mostrando que certa distinção é percebida por ela. Alice, por fim, afirma que a vida do jovem pobre é como a de qualquer outro: “sai com os amigos, fica em casa”, não considerando a existência de muitas diferenças entre os jovens.

Assim, Deise, Leila, Vanessa e Yara verificam mais distinções entre pobres e ricos, mostrando que há uma separação efetiva, de classe, na sociedade, pois o poder econômico as separa de alguma maneira. Apesar disso, Vanessa e Yara também afirmam que, em geral, os jovens de classes sociais distintas se misturam, opinião que se assemelha a de Sabrina e Alice, que veem poucas distinções entre os jovens. Isso pode ser explicado a partir da análise do padrão de vida das jovens, sendo que três delas possuem um padrão de vida melhor que Deise e Leila. Sabrina tem 3 aparelhos de TV em casa, computador de mesa, notebook e internet. Vanessa e Yara, apesar de não terem computador e internet, tem 5 e 3 TVs, respectivamente. Enquanto isso, na casa de Deise e Leila somente existe um aparelho televisor e um computador de mesa, sendo que Deise tem acesso à internet em casa. Entendemos que existe maior probabilidade de que as primeiras convivam com jovens que chamam de ricos, mas

que, na verdade, por estudarem em colégio público, são de classe média. Por isso, elas dizem que se misturam com jovens de classes distintas. Alice, apesar de não ter um padrão de vida melhor, demonstra conviver com jovens de classe média e, por isso, não vê distinções entre pobres e ricos. Ela é a única que não assume sua posição social.

Já Vanessa, Yara e Sabrina, apesar de se contradizerem - como se mascarassem sua posição, deixando subentendido que elas, mesmo pobres, se misturam com os jovens ricos -, acabam por assumir, assim como Deise e Leila, sua posição social. Deise, quando diz “os pobre, por exemplo, como eu que sô pobre, aí não tem dinheiro (...)”, Yara quando afirma “eu sou pobre, né (...)” e Vanessa quando concorda com Yara. Leila e Sabrina assumem sua posição de forma indireta, quando comparam seu lazer ao lazer dos jovens pobres. Leila diz que os pobres jogam futebol em campinhos espalhados pelo bairro ou pela cidade, como ela, enquanto os ricos frequentam os clubes para praticarem esportes. Sabrina diz que o jovem pobre assiste à TV, como ela, e o rico participa de corridas de carro.

Em relação a ser jovem, todas as entrevistadas consideram a fase muito boa, e a maioria demonstra o desejo de permanecer com a idade que estão. Apenas Vanessa e Alice sonham com os 18 anos. Elas citam os cuidados excessivos da mãe, o desejo de morar em outro lugar e de sair mais como coisas que gostariam de fazer, mas não podem. Apesar disso, elas, assim como as demais jovens, afirmam que a fase da juventude é marcada pela diversão, festas, novas amizades, namoro ou relação de “ficar”, pela liberdade e pela falta de compromisso. Ou seja, a juventude é vista pelas jovens como tempo de aproveitar a vida. Assim como na pesquisa de Branco (2005), que mostrou que a condição de ser jovem é positiva para 74% dos jovens brasileiros, as entrevistadas também associam características positivas a esta fase. Elas também demonstram que, entre as vantagens de ser jovem, está, principalmente, o fato de poderem aproveitar a vida/viver com alegria e de poderem realizar atividades de lazer e entretenimento (citadas na análise do autor).

Mas, ao mesmo tempo em que as jovens caracterizam a juventude como uma fase sem preocupação com o futuro, elas também demonstram esta preocupação quando indagadas. Como mostramos anteriormente, entre os assuntos que mais preocupam, elas citaram questões ligadas, direta ou indiretamente, ao futuro delas, sendo que a maioria tratou do estudo. E, quando indagadas sobre o que pensam suas famílias sobre esta fase, estas também orientam as jovens a aproveitar o período de mais liberdade, mas que devem agir com responsabilidade e estudar, pois a fase interfere diretamente na vida adulta. Nesse sentido, Deise diz que seus pais querem que ela “curta” sua juventude e não querer “apressar seu relógio biológico”. Leila diz que a mãe quer que ela aproveite ao máximo sua juventude, pois ela não teve tempo para

isso. Para as famílias de Sabrina e de Alice, a juventude é uma época importante para estudar. E para as famílias de Vanessa e Yara, este momento exige que as jovens cuidem das influências, porque “as pessoas não estão nem aí” para o que vai acontecer com elas. Além disso, quando questionadas sobre suas prioridades, observamos que as preocupações das jovens giram novamente em torno do estudo e de futuros empregos.

Nessa perspectiva, elas citam as maiores dificuldades enfrentadas pelos jovens atualmente. Yara trata do problema que os jovens têm de se sustentar. Nessa direção, Sabrina diz que a maior dificuldade é decidir o que fazer da vida, já que o jovem precisa optar quando chega aos 18 anos. Além delas, Deise afirma que a principal dificuldade dos jovens diz respeito ao emprego. Ela é a única entrevistada que cita isso diretamente, pois somente ela trabalha e teve dificuldades de encontrar o primeiro emprego por ser menor de idade. Apesar da questão do emprego ser o assunto que mais interessa entre os jovens brasileiros e ser um problema considerável (BRANCO, 2005) que está presente também entre as preocupações de algumas jovens, ele não será aqui analisado, por não ser uma instituição tradicional na vida de todas as entrevistadas. Apesar disso, consideramos sua importância na vida dessas jovens de classe popular, o que provavelmente não ocorre com jovens de outras classes sociais, os quais não necessitam trabalhar. Mesmo que somente Deise trabalhe e as demais jovens não citem o trabalho como necessário em suas vidas, entendemos que o emprego, na classe popular, é uma preocupação do presente e não somente do futuro.

Entre outras dificuldades dos jovens brasileiros, Leila trata da influência do consumo de drogas, já que muitos jovens são incentivados por amigos ou conhecidos a experimentar. Vanessa e Yara concordam, afirmando que os maiores problemas são a violência, os roubos e as drogas. Apesar da propaganda direcionada ao público jovem, da venda sem restrições e da sensibilidade dos jovens com as mensagens que associam o uso de bebidas e cigarro a uma identidade jovem, como afirma Carlini-Marlatt (2005), as entrevistadas não ingerem bebidas alcoólicas e não fumam cigarros. A maioria delas, inclusive, mostra-se preocupada com esta questão e com a violência gerada pelo consumo destes produtos. Além disso, demonstram não se envolver com o tráfico de drogas, que abarca grande número de jovens (CARLINI-MARLATT, 2005). Assim como mostra a autora, as drogas ilícitas são de fácil acesso às entrevistadas, pois afirmam possuir amigos que já se envolveram com drogas, mas elas não usam essa proximidade para consegui-las para uso próprio.

Por fim, Alice acredita que os maiores problemas enfrentados pelos jovens atualmente dizem respeito ao preconceito de cor, de estilo, de classe social e de gênero. A partir de suas respostas, percebemos que a jovem possui um senso crítico mais apurado e reflete sobre as

questões indagadas, o que pode explicar o fato dela tratar destes preconceitos, mesmo sem citar uma situação específica pela qual ela ou algum conhecido tenha passado.

Sobre a virgindade, Deise, que ainda é virgem, afirma que

vai da cabeça da pessoa... tem pessoas que vão por prazer, tem pessoas que vão porque gostam da pessoa, então, têm esses dois tipos de pensa... tem pessoas que... dizem assim 'ah, eu vô com ele porque eu tô com vontade'. Eu tô pensando em fazer porque eu acho ele bem legal, bem bacana... (Deise).

Sobre este assunto, Leila, que não diz se é ou não virgem, afirma: “eu acho que é só tu te cuidá (...). Todo mundo acha legal perdê, só que tipo eu acho sempre... se prevenir assim”. Ela acredita que a escola auxilia a explicar sobre questão da sexualidade e sobre o uso da camisinha. Sabrina, Vanessa, Alice e Iara, assim como Deise, assumem a virgindade. Sabrina diz que não conversa com ninguém sobre isso. Vanessa diz que o assunto, às vezes, é tratado em sala de aula, mas que conversa sobre isso com a mãe e com os amigos, com os quais tem mais liberdade de conversar. Já Alice diz: “acho que tem o momento certo pra deixar de ser e tal e não é com qualquer um e toda a hora e tal. Sei lá, acho que tem que ter limite”. Ela, assim como Yara, diz que conversa sobre isso com a mãe.

Percebemos que as entrevistadas, assim como as jovens em geral (ABRAMO, 2005; CALAZANS, 2005), demonstram saber da importância do uso de métodos contraceptivos. Além disso, tratar da questão da sexualidade ativa é mais fácil atualmente, pois ela é vista com maior liberdade do que em tempos anteriores. Observamos também que os temas da sexualidade e da gravidez ocupam seu lugar entre os assuntos discutidos pelas jovens entrevistadas, assim como entre os jovens em geral. Porém, existe grande interesse na categoria “relacionamentos amorosos”, já que uma das jovens está quase namorando (Deise) e outras três dizem que gostariam de namorar (Leila, Vanessa e Yara). Deise, que acredita perder a virgindade até o final do ano, fará parte das estatísticas que mostram que a maioria dos jovens (37%) iniciou sua vida sexual entre os 14 e 16 anos (CALAZANS, 2005).

#### 4.2.2 As jovens e os meios de comunicação

Descrevemos um pouco do cotidiano das jovens e de suas relações com os meios de comunicação. Deise diz que, entre os meios, prefere o telefone celular, citado também como sendo o que ela mais usa. Já Leila afirma que mais utiliza o computador, mesmo que não tenha acesso à internet. Ela também mostrou seu gosto pelo celular. Sabrina e Vanessa preferem a

internet, mesmo que a segunda também não tenha acesso à rede. Alice também cita a internet e a TV, enquanto Yara cita a TV e o telefone celular como os meios preferidos. Apesar de nem sempre ser citada como preferência, a TV mostrou-se importante na vida das jovens pelos debates que gera e pela socialização que promove entre a família. Sua importância foi percebida através de outras falas e pela observação do espaço que o aparelho ocupa na casa das jovens. Percebemos que, assim como mostra o estudo Target Group Index (2010), a TV preenche os espaços ociosos da classe C mais do que qualquer outra atividade. O estudo mostra ainda que a TV por assinatura, o cinema e a mídia impressa são mais impactantes entre os mais ricos. O mesmo é observado neste estudo, já que as entrevistadas, de classe popular, não possuem TV por assinatura, não citam a leitura de jornais e outras mídias impressas e frequentam o cinema esporadicamente.

O que percebemos é a consolidação da internet, tanto entre as entrevistadas, assim como entre os jovens em geral. Ela é acessada em casa ou fora de casa, de forma gratuita ou paga (Dossiê Universo Jovem MTV, 2008). Nesse caso, como mostra o estudo Target Group Index (2010), a internet acaba apresentando, também para as entrevistadas, menos a função de mídia e mais a função de ponto de encontro, pois o acesso à *lan houses* é bastante expressivo entre as participantes de nossa pesquisa. Tanto que, apesar de elas citarem a importância da internet, a maioria delas diz que viveria sem ela. Quem destoa nesta questão é Leila e Alice; a primeira se justifica dizendo que a internet serve “pra poder se comunicar com outras pessoas, é um modo de relacionamento diferente”.

A TV aberta, diferente disso, continua sendo o meio com maior penetração entre os jovens brasileiros (Dossiê Universo Jovem MTV, 2008) e também entre as jovens de nosso estudo. Todas as entrevistadas têm acesso à TV e consideram sua importância para a busca de informações. Deise diz que “sem TV a gente fica meio desligado, não tem... a pessoa não vê notícia, a pessoa não assiste a novela que quer, eu acho que TV muda bastante, porque antigamente, imagina, a pessoa não tinha nem televisão!”. Leila diz que com a TV a pessoa “fica sabendo o que acontece no mundo, ela traz informação”. Sabrina diz que a TV “ensina coisas”. Vanessa diz: “até de madrugadas, às vezes, eu assisto televisão”. Yara afirma que a TV tem o poder de levar informação e Alice diz que o aparelho é importante, pois através dele assiste Malhação, novelas, filmes e jornal.

A importância deste meio de comunicação na vida das jovens foi confirmada quando todas afirmaram que não viveriam mais sem televisão. Sabrina, por exemplo, diz que sem TV “ia ser um tédio total”, já que o meio está presente em sua vida, segundo a jovem, “desde a hora que eu chego em casa até a hora de dormir”. Este meio faz com que as jovens reflitam sobre situações do dia a dia e acontecimentos pelo mundo. Geralmente é o noticiário que

promove este tipo de reflexão, mas *Malhação* também foi citada, já que aborda assuntos recorrentes no cotidiano das jovens. Assim, a TV possui sua importância na vida das jovens, pois ocupa o seu tempo livre, leva informação, promove o debate e gera momentos de socialização entre as jovens e suas famílias.

Segundo o Dossiê Universo Jovem MTV (2008), os jovens costumam assistir, na TV, a filmes (79%), programas jornalísticos (64%), novelas (59%), clipes e programas musicais (46%), programas humorísticos (45%), esportes e seriados (41%). O estudo Target Group Index (2010) mostra que a preferência dos jovens são as novelas, os programas humorísticos e os de auditório. Assim, além dos programas humorísticos, a assistência a telenovelas é citada nos dois estudos como preferência dos jovens. O mesmo foi observado a partir da pesquisa de campo. Todas as entrevistadas citaram o gosto pelo programa *Malhação* e por diferentes novelas: Deise e Yara citam *Cordel Encantado*<sup>17</sup>, Leila cita *Morde e Assopra*<sup>18</sup> e Sabrina, Vanessa e Alice citam *Insensato Coração*<sup>19</sup>. Sabrina diz ainda que, às vezes, assiste a novela *O Clone*<sup>20</sup>. Verificamos também a repercussão da Rede Globo na vida destas jovens, já que, além de *Malhação*, todas as novelas citadas são exibidas pela emissora. Isso pode ser consequência da falta de acesso a outros canais, já que nenhuma das jovens tem acesso a TV por assinatura, o que limita sua assistência.

Percebemos que as jovens assistem às novelas desde pequenas, pois se acostumaram com os pais, sendo esta uma atividade de lazer que acompanha a família há anos. Elas dizem assistir, pois associam muitas das histórias representadas com a vida real e, quando não são parecidas, servem de desejo para as jovens. Sabrina diz que, nas novelas, “no final, todo mundo se dá bem. É o que a gente queria também”. A fala das jovens e a observação de seu dia a dia mostram que o aparelho e as novelas estão presentes e interferem na representação que fazem de juventude e de classe. Percebemos, assim como mostrou Fachel Leal (1986, p. 84), que “a novela é parte de todo um universo de significações, de gostos e de valores, e é parte, sobretudo, do cotidiano das pessoas”.

---

<sup>17</sup> *Cordel Encantado* é uma produção da Rede Globo de Televisão, exibida entre 11 de abril e 23 de setembro de 2011, no horário das 18h, logo após a *soap opera* *Malhação*. É uma novela de Thelma Guedes e Duca Rachid, escrita por Duca Rachid, Thelma Guedes e Thereza Falcão, com a colaboração de Manuela Dias e Daisy Chaves.

<sup>18</sup> *Morde e Assopra* é uma produção da Rede Globo de Televisão, que foi exibida entre 21 de março e 14 de outubro de 2011, no horário das 19 horas. É uma novela de Walcyr Carrasco, escrita por Walcyr Carrasco e Cláudia Souto, com a colaboração de Andre Ryoki e Daniel Berlinsky.

<sup>19</sup> *Insensato Coração* é uma produção da Rede Globo de Televisão, que foi exibida entre 17 de janeiro de 2011 e 19 de agosto de 2011, no horário das 21 horas. É uma novela escrita por Gilberto Braga e Ricardo Linhares.

<sup>20</sup> *O clone* é uma produção da Rede Globo de Televisão, que foi exibida entre 01 de outubro de 2001 e 15 de junho de 2002, no horário das 21 horas, e reexibida entre 10 de janeiro de 2011 e 09 de setembro de 2011, no horário das 15h30min, no “Vale a pena ver de novo”. É uma novela escrita por Glória Perez.

A maioria das jovens busca, portanto, semelhanças entre suas vidas e os programas televisivos, para que estes sejam representativos e marcantes. Nesse sentido, Deise cita *Malhação* como programa marcante, pela identificação que tem com ele e pela realidade juvenil que aborda. Leila cita *Páginas da Vida*<sup>21</sup>, pelo julgamento que fizeram com a personagem Clara, interpretado pela jovem Joana Mocarzel, que tinha Síndrome de Down. Segundo Leila, “isso realmente acontece no mundo... todo mundo julga por a pessoa ser diferente”. Sabrina e Vanessa citam a novela *Viver a vida*<sup>22</sup>, por causa da questão da deficiência representada pela personagem Luciana (atriz Aline Moraes) e em função das entrevistas que apareciam ao final, que mostravam pessoas da vida real falando de seus problemas. Alice cita a novela *Beijo do Vampiro*<sup>23</sup>, pois lembra que a assistia quando era pequena. Mesmo que busquem a verossimilhança com os temas abordados, a questão da classe social não serve de referência neste caso. Nenhum dos temas citados aborda questões relacionadas às diferenças de classe, assim como nenhum dos personagens foi citado em função de sua posição social, mas em função do seu modo de vida e dos ensinamentos que passaram.

O mesmo foi percebido em relação aos ídolos da TV. Deise diz que, até 2010, seu ídolo era o ator Fiuk (Bernardo, em *Malhação ID*) e em 2011, passou a ser o personagem Maicon (Marcello Melo Jr.), da 18ª temporada de *Malhação*, pois gosta de suas brincadeiras. Já Leila cita Bruno Gissoni (Pedro na 18ª temporada de *Malhação*) como seu ator preferido. Sabrina diz que seu ídolo da TV é o Fiuk e os personagens Pedro e Guilherme (Ivan Mendes), da 18ª temporada de *Malhação*. Vanessa também cita Pedro e Guilherme. Já Yara cita a personagem Catarina (Daniela Carvalho), também da 18ª temporada de *Malhação*, pois ela se importa com os outros. Além deles, Deise e Alice citam o personagem “Cabeção” (Sérgio Hondjakoff), da 9ª temporada de *Malhação*, como tendo sido marcante, pois era “divertido”.

Percebemos que, em geral, os ídolos da TV são momentâneos, pois se modificam a cada temporada. Quem destoia disso é Alice, que cita o ator Caio Castro (ator que protagonizou o Bruno, em temporadas anteriores de *Malhação*, e atualmente faz sucesso em outras novelas). Ela também cita Camila Pitanga e Reinaldo Gianechini como sendo seus atores preferidos. Camila Pitanga estava no ar na novela *Insensato Coração*, mas Reinaldo não, o que demonstra que seu gosto por eles não é reflexo do sucesso momentâneo em um

<sup>21</sup> *Páginas da Vida* é uma produção da Rede Globo de Televisão, que foi exibida entre 10 de julho de 2006 e 2 de março de 2007, no horário das 21 horas. É uma novela de Manoel Carlos, escrita por ele e por Fausto Galvão.

<sup>22</sup> *Viver a vida* é uma produção da Rede Globo de Televisão, que foi exibida entre 14 de setembro de 2009 e 14 de maio de 2010, no horário das 21 horas. É uma novela de Manoel Carlos, com colaboração de Ângela Chaves, Cláudia Lage, Daisy Chaves, Juliana Peres e Maria Carolina.

<sup>23</sup> *Beijo do Vampiro* é uma produção da Rede Globo de Televisão, que foi exibida entre 26 de agosto de 2002 e 03 de maio de 2003, no horário das 19 horas. É uma novela de Walcyr Carrasco, escrita por Antônio Calmon com colaboração de Álvaro Ramos, Eliane Garcia, Lilian Garcia, Maria Helena Nascimento e Mauro Wilson.

papel específico. Além disso, verificamos que a classe social do personagem não interfere no gosto das entrevistadas. Assim, mesmo que os personagens Maicon e Pedro representem a classe à qual elas pertencem (a popular), as jovens não os citam como seus ídolos por isso. Assim como citam os personagens “Cabeção” e Guilherme (de classe média) e os personagens Clara, Juliana, Catarina e Bernardo (Fiuk) (de classe alta), as jovens também citam Maicon e Pedro pela simpatia dos mesmos, pelo seu modo de vida ou pelo tema que abordaram. A questão da classe também foi evidenciada como algo que não importa para as entrevistadas no momento em que três delas (Leila, Sabrina e Vanessa) citaram o gosto pela temporada *Malhação ID*, pois abordou a relação de amor entre os protagonistas Cristiana (Cristiana Peres) e Bernardo, ela pobre e ele rico. Ao demonstrarem que isso é comum na vida real, demonstram que a classe não importa, já que as relações interclassistas são possíveis na vida cotidiana.

Ainda em relação à importância da TV, observamos que este meio ajuda as jovens a pensarem e sonharem sobre diferentes assuntos. Leila diz que a assistência a fez sonhar com a carreira de modelo. Sabrina e Vanessa dizem já ter refletido com a campanha Criança Esperança. Sabrina diz que já sonhou em ter as roupas de certas personagens (por exemplo, Jade, da novela “*Caminho das Índias*”<sup>24</sup>). Ela e Vanessa também afirmam o desejo de ter um namorado igual ao que aparece na TV. Vanessa também diz que, com o meio, aprende sobre a fase da adolescência, enquanto Alice diz que a TV ajuda a pensar sobre as drogas, os assaltos e a violência. Ela também afirma já sonhou com a compra de um tablet. Yara também diz que é possível aprender coisas boas e coisas ruins com a assistência, assim como teve o desejo de consumir produtos de uma revista, pois viu alguém comprando na TV.

Além disso, verificamos que a assistência às novelas e aos programas de TV em geral ajuda a entender o que é ser jovem nos dias atuais. *Malhação* foi citado como o principal programa que ajuda nesse processo, já que é o espaço por excelência da representação deste público. Assim, os meios de comunicação, em especial a TV, o computador e o celular interferem na vida juvenil, já que são os preferidos, os mais usados e os mais citados entre as entrevistadas. A forma como cada jovem lida com esses meios e acompanha seus programas preferidos será destacada no próximo capítulo.

---

<sup>24</sup> *Caminho das Índias* é uma produção da Rede Globo de Televisão, que foi exibida entre 19 de janeiro e 11 de setembro de 2009, no horário das 21 horas. É uma novela escrita por Glória Perez.

## **CAPÍTULO 5 – RITUALIDADE: A RECEPÇÃO DE MALHAÇÃO**

Tratamos a ritualidade como sendo os modos de leitura do meio de comunicação, nesse caso, o modo como o sujeito assiste à TV e se relaciona com ela. Esta mediação é observada através da técnica etnográfica. Apresentamos a descrição dos espaços e dos modos de ver o programa no cotidiano dos jovens, bem como as leituras do programa feitas pelas entrevistadas, no que diz respeito à recepção das representações juvenis e de classe. Além disso, buscamos entender como se dá a interação do jovem com as diferentes categorias analisadas (família/relações afetivas, escola e consumo) a partir da assistência à Malhação. Importa descrever o modo como as jovens assistem ao programa na TV, no que se refere aos costumes, bem como ao local em que assistem, a companhia que escolhem para dividir o momento da assistência, as conversas geradas durante a recepção do programa, bem como a forma como lidam com cada uma das categorias citadas.

### **5.1 Espaços e modos de ver: o programa no cotidiano e a recepção através da TV**

A partir das conversas com as jovens, percebemos que a assistência ao programa Malhação é, acima de tudo, uma atividade prazerosa; o fazem porque gostam de assistir e se identificam com a representação de juventude apresentada pelo programa, mesmo que esta apresente a relação entre as diferentes classes sociais dando prioridade para a realidade de jovens de classe média e classe alta. O momento da assistência promove, muitas vezes, a união entre a família, já que algumas jovens não assistem a Malhação sozinhas, mas, sim, na companhia de alguém com quem discutem a respeito dos temas e assuntos abordados pelo programa. Deise assiste a Malhação na companhia da mãe e da irmã, sendo que costumam fazer comentários sobre o programa. Em relação à assistência a outros programas, a jovem diz: “quando a gente tá olhando uma notícia, e a notícia chama atenção, daí a gente vai lá e já conversa. Daí dá mais conversa do que a gente assiste TV”. Em família, diz que costuma assistir “de tudo um pouco”, especialmente novelas e noticiários. Já Sabrina diz que sempre assistia a Malhação sozinha, mas ultimamente assiste com a mãe e, quando juntas, conversam sobre os atores e temas abordados pelo programa. Já Yara costuma assistir a Malhação com a irmã, que tem 5 anos, sendo que a conversa restringe-se aos acontecimentos futuros da trama. Percebemos, como Fachel Leal (1986, p. 48), que

a hora da novela é um momento de reunião das pessoas que se repete ritualisticamente todos os dias. Cada novela ou cada horário de novela, a das seis, a das sete e a das oito, tem modalidades de audiência específicas, mas todas elas, no seu conjunto, compõem um ritual de assistir às novelas. A noção de ritual é aqui a que melhor define a prática regular da reunião de pessoas, onde cada uma ocupa um lugar determinado, observando uma convenção previamente estabelecida e onde há uma mobilização de afetos, emoções e atitudes que correspondem a expectativas criadas pela repetição contínua do próprio evento.

As demais jovens, mesmo que não assistam a *Malhação* junto de alguém, costumam conversar sobre o mesmo com amigos ou assistem a outros programas na companhia da família, mostrando que a TV promove o momento de socialização. Leila assiste a *Malhação* sozinha, mas diz que, em seu grupo de amigos, costumam conversar sobre o programa. Ela diz que se reúne com a irmã e a mãe para assistir a outros programas, em especial a novela *Morde e Assopra*, mas com elas não costuma comentar sobre o que assistem. Vanessa costuma assistir a *Malhação* sozinha, mas, de vez em quando, está acompanhada da irmã e das primas, quando conversam sobre os atores. Alice também assiste a *Malhação* sozinha. Somente assiste à TV junto com a mãe depois das 23 horas, quando esta retorna do serviço, ou quando as duas estão em casa (no intervalo do trabalho da mãe e da aula de Alice). Assim, elas conversam pouco sobre os programas. As conversas com os amigos sobre *Malhação* ocorrem quando alguém não acompanhou algum capítulo ou por acaso, quando algum assunto chama a atenção.

Em geral, percebemos a importância que *Malhação* assume no debate social (já que as jovens conversam sobre o programa seja com a família ou com os amigos), cumprindo com o objetivo que a produção de *Malhação* assume quando começa a escrever cada temporada. Segundo Ricardo Waddington, diretor de núcleo de *Malhação* ID, “fora divertir e entreter, que é nossa função primeira, *Malhação* tem uma capacidade de informar, de levantar questões pertinentes ao universo jovem e de discutir estes temas de uma forma que eu não vejo em nenhum outro lugar” ([www.teledramaturgia.com.br](http://www.teledramaturgia.com.br)). Entre os assuntos abordados e que repercutiram na vida das jovens entrevistadas, pudemos perceber que a questão da gravidez na adolescência foi bastante recorrente na 18ª temporada, através da representação de duas personagens jovens que engravidaram – Júlia e Babi. Como as entrevistadas são meninas e dizem que esta realidade está muito próxima de suas vidas, acabam por se envolver mais com esta situação até por medo de que isso aconteça com elas.

Percebemos também que, em um caso, a assistência ao programa é uma atividade concentrada, já que uma das jovens não desenvolve outra atividade enquanto assiste (Leila). As demais assistem ao programa e realizam atividades como comer e estudar; apesar disso, a preferência é dada para a assistência, já que as atividades são realizadas em frente ao aparelho.

Enquanto assiste a *Malhação*, Deise toma café, Sabrina e Vanessa jantam, fazem os temas e comem pipoca, Alice diz, às vezes, comer e estudar, e Yara diz, às vezes, estudar junto da assistente. Assim, como diz Fachel Leal (1986, p. 85), o momento da audição da novela “se reveste de características ritualísticas, mobilizando o espaço doméstico por inteiro. Aqui a intensidade com que é vivenciada a novela lhe repõe uma dimensão de realidade”.

Em relação ao consumo do conteúdo de *Malhação* circulante na internet, percebemos que, assim como mostrou o estudo piloto realizado no início desta pesquisa (no qual uma parcela representativa de jovens afirmou que a importância da interação virtual com *Malhação* é acompanhar capítulos perdidos e saber o que vai acontecer nos capítulos futuros, sendo que a maior parte das jovens mantém uma interação passiva<sup>25</sup> com o conteúdo de *Malhação* circulante na internet), a motivação principal das entrevistadas é também uma complementação à recepção da TV (mostrando ser este o momento mais importante de contato entre as jovens e *Malhação*) e elas também interagem de forma passiva com o programa na internet. Elas somente acessam para ver o capítulo que perderam; não comentam ou respondem às enquetes (interatividade ativa), nem produzem conteúdo a respeito de *Malhação* (interatividade criativa). A realidade de classe popular vivida pelas entrevistadas faz com que quatro delas nem tenham acesso à internet em casa, exigindo que se desloquem até uma *lan house* ou à casa de amigos e parentes. Em relação ao consumo de TV, percebemos que elas só têm acesso aos canais não pagos, já que a família não possui condições de ter acesso à outra programação.

Na casa da maioria das jovens, a TV ocupa um lugar de destaque. Ao entrar na casa de Leila, a primeira coisa que vemos é a televisão, colocada sobre uma estante que ocupa o espaço de um dos lados da sala. Esta é grande, mas somente é preenchida com a estante e com três sofás direcionados para a TV. Sobre a estante estava a TV, um aparelho de som e um aparelho de DVD. A estante possui um espaço reservado para guardar CDs e DVDs, porém não havia nenhum neste espaço. O espaço onde a jovem e os familiares se sentam para tomar mate e conversar é aquele, no qual a TV ocupa lugar central. O mesmo acontece na casa de Deise; ainda do lado de fora da casa, em uma área aberta, podemos visualizar o aparelho de TV. Este está posicionado de lado para quem entra, mas de frente para os dois sofás que ocupam a sala. Esta é pequena e também é ocupada pela estante e pelos sofás. Sobre a estante também se encontra o aparelho de som e de DVD. Na casa de

---

<sup>25</sup> Segundo Lopes et. al. (2009), as três formas de interatividade são: 1) interatividade passiva: quando o usuário consome o conteúdo sem apresentar um feedback. Ele clica nos links, navega pelas páginas de forma silenciosa, sem fazer notar sua presença; 2) interatividade ativa: o usuário dá uma resposta a um estímulo, dado apenas dentro das próprias condições oferecidas pelo emissor. Exemplo: participação em enquetes; 3) interatividade criativa: o receptor, no caso, o usuário/internauta, passa a emitir conteúdo, criando algo novo a partir daquilo que lhe foi dado. Estimulado pelo produtor de conteúdo a emitir uma resposta, o internauta produz, transpondo a condição de receptor e alcançando a de emissor (LOPES et. al., 2009, p. 415).

Sabrina, que possui três televisores (no quarto, na sala e no quarto da irmã), a assistência frequentemente ocorre na sala. Mais uma vez, a estante com o aparelho pode ser visualizada da parte de fora da casa e ocupa lugar central, sendo que na sua frente está o sofá. A casa de Alice é pequena; tem dois quartos, a cozinha e a sala, onde fica o único aparelho de TV posicionado sobre uma estante e de frente para o único sofá. Neste local, a jovem senta com a mãe para conversar e comer, sempre acompanhadas da programação televisiva.

Quem destoa um pouco dessa realidade é Vanessa e Yara. Vanessa possui cinco aparelhos de TV (um em cada um dos três quartos, um na sala e um na cozinha). A TV da sala também está posicionada em uma estante que ocupa posição central, sendo que na frente dela fica o sofá. Apesar disso, a assistência por parte da jovem ocorre frequentemente no quarto do avô. Já Yara possui uma casa com três quartos, sendo que cada quarto possui uma TV. Sua casa é a única que não possui um aparelho na sala e, por isso, a jovem assiste aos programas no quarto da mãe e do irmão. Apesar da residência de Vanessa e Yara ser maior e de terem mais aparelhos de TV, a casa de todas entrevistadas é simples, com móveis também modestos. Em geral, os aparelhos de TV, assim como outras tecnologias (DVD, computador, celulares), destoam um pouco dos outros móveis, como o sofá e a casa em si, por parecerem mais novos. A importância para a TV é dada até mesmo no momento da compra de uma estante nova, que ocupa posição central na sala, onde a maioria das famílias se reúne. Percebemos, como mostrou Fachel Leal (1986, p. 84), que “(...) o lugar que a televisão ocupa na casa de cada um tem a ver com o lugar que a televisão ocupa na vida de cada um”. O aparelho televisor, assim como outros produtos eletrônicos, “são elementos de uma mesma ordem no universo popular; são símbolos de prestígio social, são falas de autoridade e elementos de uma forma organizada de visão de mundo” (LEAL, 1986, p. 85).

## **5.2 Leituras do programa Malhação**

Nesse espaço, descrevemos como as jovens entrevistadas leem o programa Malhação, ou seja, a forma como se veem representadas nas representações de juventude e de classe do programa. Além disso, buscamos descrever a forma como as entrevistadas recebem a representação que é feita do jovem e de sua interação com as categorias de análise família/relações afetivas, escola e consumo.

### 5.2.1 A recepção das representações juvenis e de classe social

Observamos que todas as jovens se veem, de alguma forma, representadas em *Malhação*, citando situações como a gravidez na adolescência (vivenciada pelas suas amigas), o lazer, o namoro entre jovens de classes distintas e a questão das amizades. Deise diz que o programa “fala várias coisas que tem a ver comigo (...) E não só comigo, mas com todo mundo”, sendo que os conflitos dos jovens são bem representados. Ela cita a questão da gravidez na adolescência e os hábitos de lazer. Sabrina e Vanessa comparam a questão da gravidez na adolescência e o fato de muitos pais não deixarem que os filhos namorem com alguém mais pobre ou mais rico. Elas reconhecem casais da vida real que se parecem com os casais do programa e dizem se identificar com os personagens, pois também passam estudando e também querer sair, mas os pais não deixam. Alice diz que os jovens da *Malhação*, assim como os da vida real, conversam, brincam e se dão bem. Somente vê discrepâncias entre estilos diferentes, o que também é comum na vida real. Ela se identifica em relação às amizades, pois tem muitos amigos.

Todas concordam que a representação de juventude apresentada pelo programa é condizente com a representação de juventude da realidade. Suas opiniões assemelham-se, principalmente, no que diz respeito ao relacionamento entre jovens pobres e ricos. Deise cita o namoro entre Catarina e Pedro como sendo um tema realista e comum na vida real; ela afirma que já se envolveu com outro garoto que ganhava bem, mas não era considerado rico e, diferente do que aconteceu com Catarina e Pedro, o relacionamento de Deise não sofreu discriminação. Vanessa também cita o realismo do programa ao tratar do relacionamento entre pobres e ricos. Para ela, os relacionamentos da vida real também sofrem com o preconceito dos pais, mas a relação é possível, como também mostra Deise. Esta jovem se identificou ainda com o tema da anorexia, abordado através da personagem Raquel. Comenta que estava com planos de emagrecer muito rápido e suspeitou que estivesse com a doença, mas descartou a hipótese com o passar do tempo. Já Leila afirma que o programa é real ao abordar questões referentes ao consumo e ao comportamento dos jovens. Sabrina, que também acha que o jovem é retratado de forma realista, somente não se identifica com a questão dos vilões apresentados em *Malhação*, pois diz que, na vida real, essas pessoas não existem em seu grupo de amigos. Por fim, Yara identifica a relação entre os jovens e as

drogas como sendo real. Apesar de não ter amigos que usam, outros jovens o fazem e, por isso, o programa representa a realidade.

Mesmo que as situações citadas pelas jovens não tenham ocorrido em suas vidas, as jovens lembram de amigos ou conhecidos que enfrentaram problemas parecidos: amigas que engravidaram, casais formados por um jovem rico e outro pobre, jovens que usam drogas, etc. Entendemos que, através da verossimilhança entre a ficção e a realidade, a representação juvenil apresentada em *Malhação* serve de exemplo para as entrevistadas e, assim, interfere na construção de representações de juventudes e de classe social por parte delas.

A respeito do que trata o programa, elas concordam que ele aborda questões específicas do público jovem e temas direcionados a este grupo. Leila diz que ele “trata sobre os jovens, como eles... tipo... interagem hoje em dia”. Sabrina e Vanessa citam a questão das drogas como sendo um tema abordado. Alice afirma que o programa trata “sobre a juventude, hoje em dia e tudo ... namoro...”, sendo o único programa que mostra o jovem e questões da juventude, assim como diz Yara. E, quando questionadas sobre a forma como *Malhação* mostra o que é ser jovem, as jovens afirmam que o programa é realista. Leila diz que “eles mostram bem a realidade, que nem uns são mais pobres, outros são mais ricos, tipo, a convivência deles assim, e como eles aproveitam a vida”. Alice afirma que o programa mostra o estudo, a relação de amizade entre jovens, o namoro, ou seja, coisas do dia a dia dos jovens da vida real, tanto boas quanto ruins. Vanessa e Yara lembram da cena em que Babi teve que entregar seu filho para a madrasta, como se isso acontecesse também na realidade.

Em relação ao que mais gostam no programa, as jovens citam personagens específicos, por serem bonitos ou pelo modo de agirem, e citam a relação que alguns personagens mantêm entre si. Leila gosta das brigas entre os personagens Maicon e Babi, pois acha as cenas “legais”. Ela concorda que as brigas ocorrem em função da situação financeira dos jovens e diz que, na vida real, isso também acontece, apesar de não citar uma situação específica. Sabrina e Vanessa dizem gostar do ator Bruno Gissoni; percebemos que o gosto pelo ator se refere mais à sua beleza do que à sua atuação na temporada. Já Yara cita a personagem Catarina, pois ela sempre ajuda os outros. Neste caso, o gosto não está relacionado à beleza da personagem, mas aos temas que ela aborda no programa.

Questionados sobre os motivos que levam diversos jovens a não assistirem ou dizerem que não assistem a *Malhação*, Deise acredita que eles não olham, pois não têm tempo ou porque não gostam, não cogitando a hipótese de resistência ao programa em função da idade. Ela, assim como Sabrina, comenta que muitos não assistem por uma questão de machismo. Já Leila e Vanessa acreditam que muitos meninos têm vergonha de assumir a assistência, quando, na

verdade, a maioria acompanha o programa. Apesar de citarem motivos diferentes, em nenhum momento as jovens tratam da falta de identificação dos jovens com a representação de juventude e de classe apresentada em *Malhação*. Pelo contrário, elas reiteram a identificação com o jovem representado no programa, levando-nos a crer que os colegas também deveriam se identificar.

Em relação à identificação com o jovem representado na atual temporada, duas delas (Deise e Leila) se veem representadas na personagem Catarina (classe alta). Deise afirma que se identifica com ela “não porque ela tem dinheiro, porque dinheiro eu não tenho, mas, assim, porque ela tem uma personalidade muito forte”. E Leila diz se identificar com Catarina, “por causa do jeito que ela é... porque ela é bem pontual no que ela quer”. Da mesma maneira, Alice se identifica com a personagem Duda (classe alta), por causa do seu estilo e “porque eu gosto dela, ela é legal”.

Percebemos que a identificação delas se dá de forma subjetiva, por questões que não dizem respeito aos conflitos de classe ou às condições econômicas. Estas questões acabam aparecendo no programa de forma secundária, já que o próprio foco da trama são as relações afetivas e pessoais. Assim, as jovens identificam-se com personagens de classe alta pelo modo como eles agem e não pela condição econômica. Deise tanto não se identifica por questões referentes à situação econômica que, em entrevista anterior, quando era exibida *Malhação ID*, ela se identificava com a personagem Cristiana (mocinha pobre que se apaixona por Bernardo, que é rico). Assim como ela, a entrevistada também é virgem e diz se preocupar com os outros, diz gostar de ajudar ao próximo e afirma ser sonhadora. Ou seja, identifica-se com Cristiana pelos mesmos motivos simbólicos que se identificou com Catarina, na 18ª temporada.

Já Sabrina e Vanessa, diferentemente das três jovens citadas, identificam-se com personagens de classe popular da 18ª temporada de *Malhação*. Estes são citados em função da classe social assemelhar-se à condição social das entrevistadas, mostrando que as jovens assumem sua posição social, mas também são citados por questões subjetivas, que não se relacionam com a cultura popular. Sabrina diz identificar-se com Josiane, pois “ela é meio louquinha, pobre e muito romântica”. Vanessa se identifica com Pedro, pelo “jeito dele agir, pela sua vida e por ser pobre”. Yara, apesar de dizer que não se identifica com nenhum personagem, cita Pedro e Catarina como personagens preferidos, também por questões subjetivas, já que cita a relação de namoro mantida entre os dois.

Apesar da situação econômica também interferir na identificação de Sabrina e Vanessa, percebemos uma predominância das questões que dizem respeito ao modo de agir e de se relacionar do personagem citado, questões com as quais as jovens se identificam mais

do que com a situação econômica. Assim, dizemos que a identificação das jovens se dá preferencialmente de forma subjetiva. Esse aspecto também é percebido quando as jovens citam personagens como Maicon e Pedro como sendo seus personagens favoritos. Deise gosta de Maicon, pois ele é “carismático e brincalhão”. As demais afirmam gostar do ator Bruno Gissoni (personagem Pedro), pelas suas atitudes e pelas coisas que faz. Assim, apesar destes personagens serem representantes da mesma classe social que as jovens, elas gostam deles devido ao modo de eles agirem na trama.

Além disso, apesar de Sabrina e Vanessa citarem a condição social como um determinante da identificação com os personagens e, mais uma vez, assumirem sua posição social (como quando questionadas sobre as diferenças entre pobres e ricos), acreditamos que, quando as outras jovens (Deise, Leila e Alice) se veem representadas nas personagens Catarina e Duda (de classe alta), elas estão, neste caso, negando a sua posição de classe. Como já mostramos, duas destas jovens que aqui negam sua posição, assumem-na, direta ou indiretamente, quando questionadas sobre a diferença entre jovens pobres e ricos (Deise e Leila). Somente Alice não assume sua posição em nenhum momento e, através de sua identificação com a personagem Duda, entendemos que ela continua negando sua pobreza. Essa negação é parte do processo identitário. “Nega-se a identificação explícita porque é penosa, e é negando que se reforça o efetivo e inconsciente mecanismo de identificação” (LEAL, 1986, p. 74).

No que se refere ao personagem de Malhação que representa o típico jovem brasileiro, as jovens afirmam ser Maicon e Pedro. Deise cita Maicon, pois “ele é bonito, carismático (risos), ah... ama futebol, que a maioria dos brasileiros amam futebol... ele sonha em ser grande jogador de futebol... é mais isso mesmo”. Leila concorda, pois ele “é bem atrapalhado e hoje em dia os jovens... tá bem assim... todo mundo meio atrapalhado”. Alice também cita Maicon por ele ser “atrapalhado e legal”. Ela também cita Pedro, pois ele “trabalha e é do bem”. Vanessa também cita Pedro, pelo envolvimento dele com a jovem rica e pela conseqüente proibição dos pais (situação comum na realidade, segundo Vanessa). Sabrina e Yara não souberam responder. Os dois personagens, de fato, representam a realidade da maioria dos jovens brasileiros: são de classe popular, trabalham para ajudar no sustento da família e sonham com o crescimento profissional. Eles assumem sua posição social: são pobres. Porém, não são citados pelas entrevistadas por suas condições sociais, mas pelo modo como agem, colocando a questão de classe em segundo plano e evidenciando as características subjetivas dos personagens.

Em relação ao típico jovem rico representado em Malhação, cinco das jovens citam Babi. Deise cita esta personagem, pois “ela se acha, sabe, ela é muito orgulhosa... ela não quer

namorar o Maicon... essas coisas assim, sabe. E a maioria das vezes que eu vi, quem tem dinheiro que nem ela, assim, é a mesma situação dela”. Leila concorda, “porque ela é toda metidinha, patricinha”. Sabrina e Vanessa também citam Babi pelo jeito de “patricinha” que exibiu desde o início. Alice também diz que a personagem é “cheia”. Babi é a representação mais clara da classe alta da 18ª temporada do programa, pois veste roupas da moda, sapatos modernos e usa joias muito caras. Além disso, fala de suas viagens pelo mundo e da cultura que tem. Yara foi a única que citou a Madrasta da Babi, pois “ela critica Maicon por ser pobre” – o que também acontece na vida real. A madrasta de Babi também é uma representação clara da classe alta do programa, pois esnoba a classe popular e se considera sempre superior. Assim, percebemos que as jovens associam de maneira correta a riqueza representada em *Malhação* com a riqueza na vida real. Apesar disso, não se identificam com ela, quando questionadas. A maioria se identifica com Catarina, também de classe alta, mas por questões subjetivas, que não se relacionam com a cultura popular.

Entre os jovens retratados no programa, o típico jovem pobre, segundo Deise, Sabrina e Vanessa, é Pedro; Deise relaciona isso com a representação que é feita da família deste personagem e com o fato de ele trabalhar para ajudar na compra da casa dos pais. Sabrina e Vanessa afirmam que “ele é pobre, mas tá sempre pensando no futuro, estuda, essas coisas”. Leila também concorda ao citar os personagens Pedro e o Maicon, mas diz que, entre os dois, Maicon é o que mais se identifica com o jovem pobre brasileiro, “porque ele, tipo, mora, tipo, numa pecinha de favor... então, tipo, hoje em dia é bem assim”. Alice também cita o personagem Maicon, pois ele estuda e trabalha para ajudar a mãe. Segundo ela, “ele não tem vergonha de ser pobre”. De fato, tanto Pedro quanto Maicon são os que melhor retratam a pobreza na temporada. Os dois são bolsistas no colégio e trabalham para ajudar nas despesas da casa: Maicon joga futebol e Pedro é DJ. A única que destoia nesta opinião é Yara, que diz que o típico jovem pobre é Lúcio. Porém, ela não relaciona isso com o poder econômico, dizendo que ele “não é rico nem pobre”, mas associa isso ao seu jeito de ser, pois “ele tenta ferir as pessoas”. Apesar da contradição apresentada por Yara, as demais entrevistadas associam a representação da pobreza apresentada em *Malhação* com a situação dos jovens pobres em geral. Porém, nem todas se identificam com essa pobreza, já que somente Sabrina e Vanessa se identificam com personagens pobres representados (Sabrina com Josiane e Vanessa com Pedro).

Dessa maneira, as jovens, em geral, reconhecem as diferenças de classe representadas pelo programa, já que associam a ficção à realidade. Porém, a questão da identificação com a representação de juventude não está diretamente ligada à posição social ocupada pelas entrevistadas ou pelos personagens que elas citam como marcantes na trama, mas pelos temas

abordados no programa e pela proximidade de alguns deles com sua vida cotidiana. Quem protagoniza algum assunto polêmico não importa; o que importa é que questões como o relacionamento amoroso, o consumo, a gravidez na adolescência e as drogas são abordadas no programa e estão presentes, direta ou indiretamente, na vida das entrevistadas.

Observamos que a mediação da classe social se revela, mais especificamente, quando as jovens se interessam pelos conflitos e resoluções oriundos do par romântico formado pela moça pobre/rapaz rico ou pela moça rica/rapaz pobre (Pedro/Catarina e Maicon/Babi – eles pobres e elas ricas, sendo que a família delas não aceita o namoro com os jovens pobres). Segundo as entrevistadas, este foi o tema que mais promoveu o debate a respeito das diferenças de classe. Elas dizem que, também na vida real, por mais que o casal se goste, uma diferença de poder econômico influencia na relação e o preconceito com os pobres é também recorrente. Apesar disso, elas observam que as relações interclassistas são possíveis na vida real, assim como se mostram possíveis no programa e, nesse sentido, revelam um mecanismo de projeção no qual manifestam o desejo de também conseguirem enfrentar as dificuldades oriundas de sua posição de classe e encontrem um amor verdadeiro.

### 5.2.2 Consumo, família/relações afetivas e escola

Analisamos, aqui, como se dá a interação das jovens com as diferentes categorias analisadas, a partir da assistência que fazem de Malhação. Descrevemos como as jovens se identificam com a representação de cada uma dessas categorias apresentada pelo programa, de forma que isso influencia na formação de sua própria representação juvenil e de classe social.

#### **- Consumo**

As jovens confirmam nossa análise de que a 18ª temporada está focada no consumo de produtos como roupas, sapatos, produtos de beleza (chapinha, shampoo, condicionador, maquiagens), celulares, computador e outras tecnologias, sendo que cada personagem possui seu estilo de se vestir e, através do consumo, cada um constitui sua representação de si. Produtos como suco e pipoca também foram citados pelas jovens. Todas comparam o consumo dos jovens representados no programa com o consumo dos jovens no cotidiano, dizendo que na vida real também são consumidos os produtos citados, principalmente, os produtos eletrônicos (computador e celular) e as roupas. Isso, de certa forma, demonstra o

desejo de consumo das próprias jovens, já que estes produtos foram citados pela maioria das meninas como seus produtos desejados.

Todas as jovens consideram ser influenciadas a consumir a partir do que passa na TV e pelo que é apresentado em *Malhação*, e a importância que dão para a internet revela o quanto os computadores na novela estimulam o desejo delas por usar a web. As jovens de classe popular têm na representação de juventude apresentada no programa um exemplo para construir suas representações de juventude e de classe. Assim, *Malhação* serve de referência para o consumo das jovens entrevistadas.

Os produtos que geram a influência, segundo as jovens, são as roupas, os calçados, as tecnologias (celular, tablet, notebook, etc) e produtos de beleza (shampoo, condicionador, maquiagens, acessórios, etc). Todas afirmam possuir amigas consumistas e a maioria também se considera como tal (Leila, Sabrina, Vanessa e Yara). Apesar disso, não citam a situação financeira como impedimento para o consumo. As outras duas entrevistadas (Deise e Alice) também não tratam diretamente de sua condição social, mas, ao não se considerarem consumistas, parece que deixam esta questão subentendida.

Comprovamos que o consumo é representado na narrativa e assumido pelas jovens como elemento constitutivo da sua cultura, já que, através do consumo de bens materiais e simbólicos, os grupos de jovens expressam significados, valores, e distinguem seus modos de ser. Nesse sentido, Deise e Leila dizem escolher as roupas que vestem não para que elas sejam diferentes do que todos estão usando no momento, mas que elas sigam a tendência da moda e não se sintam fora do seu grupo de amigos. Já Vanessa e Yara dizem escolher as roupas a fim de que sejam diferentes do que todos estão usando. Mas Yara completa dizendo que “Moda pra mim... eu mesmo faço minha moda, né. Eu mesmo invento meu estilo. Não me preocupo muito com a opinião dos outros”. Assim como ela, Sabrina e Alice também dizem não ter tanta preocupação com o que vestem; mesmo que digam isso, seu gosto por roupas, maquiagens e sapatos demonstra que o consumo faz parte de seu cotidiano e também constitui a sua cultura.

Apesar da 18ª temporada ter investido no *merchandising*, através de inserções das marcas Fanta (refrigerante) e KIA (carro), as jovens não citam preferencialmente estes produtos como sendo os consumidos na trama, nem os que elas são influenciadas a consumir. Quando citam o consumo de produtos eletrônicos em *Malhação* e o seu desejo por consumir tais produtos, seus desejos se associam aos desejos da maioria dos jovens atualmente. Como mostra o estudo Target Group Index (2010), entre os equipamentos desejados pela classe C, estão no topo as tecnologias e as renovações tecnológicas: computador, celular, micro-ondas,

televisor, geladeira e máquina de lavar. Além disso, quando demonstram o gosto por maquiagens, acessórios, roupas e calçados, elas confirmam que o cuidado com a beleza é típico das mulheres, as quais sustentam o cenário do consumo em relação à aparência. Nesse sentido, o uso e a compra da maquiagem é cada vez maior entre todas as classes, sendo que o crescimento é maior entre as mulheres de classe C (Ibope Mídia. Target Group Index, 2010).

Em relação às marcas, a maioria das jovens diz não se importar com isso. Somente Deise e Alice demonstram o gosto por marcas específicas. Deise diz que “sempre têm algumas marcas que atraem as pessoas”; diz que possui alguns sapatos, bolsas e calças de marca. Alice também se importa com a marca de calçados. Assim, elas confirmam a tendência de que a fidelidade entre a marca e o consumidor pode ser estabelecida, sendo que algumas marcas servem de referências para a compra (Ibope Mídia. Target Group Index, 2010).

Comprovamos a tendência apresentada pelo estudo Target Group Index (2010) de que o cartão de crédito e o cartão de loja possibilitam e facilitam o consumo dos brasileiros. Nesse sentido, Deise afirma que “são poucos os produtos que o pobre não pode comprar”, pois “tu faz em prestação, não tem o que uma prestação não ajude (risos)”. Sabrina diz que “todo mundo usa as mesmas coisas, sendo que todos podem comprar notebook, computador”, já que o consumo é facilitado pelas prestações. Já Alice acredita que as pessoas mais pobres podem ter acesso a tudo que desejarem através do esforço. E Vanessa, Yara e Leila não tratam do consumo parcelado, nem do esforço como forma de conseguir o que não possuem, sendo que citam os produtos eletrônicos (como notebook e tablete) como produtos desejados por elas, mas consumidos somente pelas pessoas mais ricas. Assim, enquanto três das jovens entendem que o consumo da classe alta é facilitado, as outras o tratam como possível na classe popular, que consegue o que quer através das prestações e do esforço individual.

#### **- Família/Relações afetivas**

Todas as jovens acreditam que a forma como Malhação representa a relação do jovem com sua família condiz com a realidade. Elas concordam, principalmente, com a representação da união entre as famílias e com a representação coerente das distinções entre pobres e ricos, especificamente, as diferenças entre os personagens Pedro e Catarina e os conflitos pelos quais passam com suas famílias ao lutarem pelo seu amor.

Em relação à identificação com as famílias representadas no programa, quatro jovens (Leila, Deise, Sabrina e Vanessa) identificam-se com a família do personagem Pedro. Leila diz que “eles são bem unidos”, sendo que sua família também é. Deise diz que “além deles serem pobres... são felizes, sabe, eles tão contente com o que têm. E se um tiver que ajudá o

outro, ajuda!”. Sabrina e Vanessa afirmam que, em suas famílias, “todos são unidos”, como na família de Pedro. Já Alice diz se identificar com a família de Maicon, pois ela, assim como ele, não quer preocupar a mãe. Yara cita a família de Catarina, porque a família dela apoia ela, assim como sua família. Mais uma vez, a identificação se dá no nível dos valores, através de questões como união, proteção, apoio, educação, respeito. Somente Deise se identifica com Pedro por sua condição social ser semelhante à do personagem e, nesse caso, novamente assume sua posição social. Enquanto isso, mesmo que Leila, Sabrina, Vanessa e Alice sejam de classe popular como os personagens que citam (Pedro e Maicon), elas não mencionam esse detalhe como referente de identificação. Assim como Yara, que não se identifica com Catarina por sua condição social, as quatro se identificam por questões subjetivas não relacionadas à cultura popular.

No que diz respeito à forma como *Malhação* mostra a relação do jovem com seus amigos, todas as jovens consideram a verossimilhança com a realidade, citando que tanto elas quanto os jovens representados no programa saem, se reúnem, fazem festas e se dão bem. Sabrina e Vanessa chegam a comparara a amizade que têm uma com a outra como a amizade entre Catarina e a Babi na 18ª temporada do programa. Leila cita ainda que o programa é realista ao retratar também as inimizades, já que na vida real isso também é natural: amigos que se dizem inseparáveis se separam por motivos de brigas, ciúmes, etc. Observamos, também, que elas identificam semelhanças da representação juvenil apresentada por *Malhação* no que se refere à ajuda entre os amigos, os trabalhos em grupo, as brigas entre os jovens, etc. Mas também identificam situações com as quais não se veem representadas ou das quais buscam afastamento, como a questão das drogas.

Percebemos que as jovens possuem muitos amigos, com os quais conversam, saem e se divertem. Apesar disso, somente contam seus segredos para os amigos mais confiáveis, aqueles que possuem caráter e personalidade, e com os quais mais se identificam, sendo que valorizam a relação de confiança mantida com estes. Os assuntos que tratam geralmente se referem aos relacionamentos amorosos das jovens. Assim como mostra Abramo (2005), tanto os jovens em geral como as entrevistadas nesta pesquisa, discutem com os amigos assuntos da vivência juvenil, as experiências, descobertas, riscos, a sexualidade, os esportes, os relacionamentos amorosos, a violência e o futuro profissional.

No que diz respeito aos relacionamentos amorosos, percebemos que apenas Deise está quase namorando. Alice e Yara apenas ficam com um menino há algum tempo. As três jovens demonstram que este não é o homem de suas vidas, nem aquele com o qual pretendem casar. Das jovens, as únicas que pensam em casar, mas se consideram muito novas para isso, são

Deise e Sabrina. Segundo elas, o casamento e os filhos podem atrapalhar os planos que têm para o futuro. Já Alice, Yara e Vanessa não pretendem casar. Yara diz: “me ajuntá eu me ajunto, casá eu não caso”. Elas não especificam motivos para isso, mas acreditamos que a realidade atual, onde o casamento não é mais o sonho dos jovens e a preocupação com o futuro profissional está presente em todas as classes, interfere também em seus planos futuros. Mesmo as que pretendem casar (Deise e Sabrina) demonstram que outros valores são considerados pelas jovens atuais, como a liberdade, a profissão, a juventude, etc.

As jovens buscam em seus futuros namorados qualidades como a sinceridade, a confiança, o caráter, além de buscarem uma pessoa trabalhadora, que estude, que seja um bom pai, legal, extrovertido, querido e que as entenda. A questão social não é um empecilho para constituírem um namoro ou uma amizade, tanto que a maioria das jovens diz possuir amigos de classes distintas e que se relacionam bem com eles. Apesar disso, percebemos que a relação de amizade com os amigos da mesma classe social das jovens é melhor do que a relação com jovens de classes distintas. Sabrina e Vanessa, por exemplo, dizem se dar melhor com os amigos pobres do que com os amigos ricos, pois “os ricos tem mais frescurinhas”. A única jovem que diz não ter amigos de outras classes sociais é Yara. Além disso, ela afirma que seria difícil de conviver com eles, pois “se acham, querem aparecer e mostrar que tem mais que os outros”. Assim, apesar da maioria afirmar possuir amigos mais pobres, o relacionamento entre a mesma classe é mais comum entre as jovens entrevistadas, mostrando que a questão de classe interfere em seus vínculos de amizade.

Percebemos que a TV, em especial *Malhação*, possui sua influência na vida amorosa das jovens, já que trata de relacionamentos, da perda da virgindade e da gravidez na adolescência. Confirmamos o que mostra Andrade (2006, p. 2): “*Malhação* se destaca como um locus ímpar de aprendizado de valores no que se refere às questões que dão conta da sexualidade contemporânea entre esses adolescentes”. Através da abordagem destes temas, o programa parece que diz ao jovem telespectador que ele já está pronto para assistir e debater estes assuntos.

Em relação à representação do namoro, casamento e das relações afetivas no programa, a maioria das jovens acredita que existe verossimilhança com a realidade: todas citam, mais uma vez, a questão da gravidez na adolescência como sendo o tema com o qual conseguem identificar situações reais, vivenciadas por amigas, primas e colegas de escola. Além disso, identificam a relação conhecida como “ficar”, representada em *Malhação*, como sendo típico de sua idade. As jovens reconhecem ainda que a 18ª temporada está abordando estas questões com foco no debate sobre a classe social e as diferenças entre as classes, já que aborda o cotidiano de pessoas pobres e ricas, bem como o relacionamento entre elas. Apesar

da maioria delas acreditar que a relação entre Pedro e Catarina, por exemplo, representa a realidade, duas delas discordam. Sabrina acha linda a relação de namoro que é representada em *Malhação*, mas afirma: “que bom se fosse na realidade assim também, né”. Diz isso se referindo à boa relação entre o casal, que nunca briga e sempre se dá bem. Assim como ela, Yara também não acha realista o namoro de Pedro e Catarina e cita os mesmos motivos. Apesar de discordarem da representação do namoro em *Malhação*, percebemos que esta discordância não está relacionada à questão de classe, já que não citam a relação amorosa entre jovens de classes distintas como impossível na vida real.

Algumas jovens entrevistadas também se veem representadas no que diz respeito às atividades de lazer do jovem da *Malhação*. Deise e Leila citam o bar Botecão/Boladão como ponto de encontro entre os jovens do programa, onde conversam, jogam, lancham, etc. Um lugar da vida real que elas comparam ao bar é o Shopping Royal, pois lá se encontram com seus amigos e fazem algumas compras. Sabrina e Alice também dizem frequentar o shopping, mas esporadicamente. Ainda que a realização de compras seja esporádica, o local serve de ponto de encontro entre os amigos e espaço de socialização. As demais jovens citam o clube frequentado pelos jovens do programa como sendo o local de lazer dos mesmos e, por não terem acesso a um lugar como esse, não consideram a representação do lazer parecida com sua realidade. Nesse momento, percebemos que a discordância com a representação do lazer em *Malhação* se relaciona à questão da classe. As atividades de lazer das entrevistadas referem-se a andar de bicicleta, ir à pracinha com as amigas, olhar TV, pular corda, ir à casa das amigas ou primas e sair com elas. Entendemos que a falta de identificação com o programa no que diz respeito às atividades de lazer é consequência da predominância dada por *Malhação* à representação do lazer de jovens de classe média e alta, o qual é diferente do lazer das jovens de classe popular entrevistadas.

Em relação ao gosto musical dos jovens brasileiros e, especificamente, dos jovens de classe popular no Brasil, verificamos que os dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, bem como os dados do estudo Target Group Index (2010), indicam a predominância da música sertaneja. Depois deste gênero, o gosto recai sobre o rock, o pagode, a MPB, o axé, o pop, o samba e o rap, segundo os dados do perfil da juventude brasileira, e sobre o samba/pagode, o forró, o gospel, o axé e o funk, segundo o estudo do Ibope Mídia (Target Group Index, 2010). As jovens entrevistadas também demonstram gostar de sertanejo universitário, gênero adotado na 18ª temporada. Isso decorreu do sucesso que a música sertaneja obteve nos últimos anos, com músicos como Luan Santana, Jorge e Mateus, Gustavo Lima, Adair Cardoso, citados pelas jovens, assim como outros; estes passaram a

compor o repertório da temporada e, em função disso, passaram a fazer parte do gosto musical das jovens. Além do sertanejo, elas demonstram gostar da música funk, do rock, da música eletrônica e do rap, assemelhando-se ao gosto da maioria dos jovens.

Percebemos que *Malhação* faz parte do dia a dia das jovens, pautando muitas das conversas entre as jovens e seus amigos. Os temas, de interesse dos jovens, passam a ser discutidos depois de seu desenvolvimento da trama. Os jovens atores servem de inspiração para as jovens e o dia a dia dos mesmos é motivo de pesquisas nos jornais e na internet. Assim, apesar da distância geográfica entre o local de produção do programa e o local de assistência do mesmo pelas jovens, estas distâncias se tornam cada vez menores graças às novas tecnologias, as quais facilitam a identificação dos jovens com os temas, assuntos e personagens de *Malhação*. Isso prova a importância que o programa tem no debate social e na vida das jovens.

#### **- Escola**

No que diz respeito à forma como *Malhação* representa a relação do jovem com a escola e com os seus professores, percebemos que todas as jovens consideram que existem muitas diferenças entre a escola da ficção e a escola da realidade. Mas esta discordância não está relacionada, em geral, com a questão da classe social. Leila diz que, em sua escola, ocorrem brigas entre os alunos e o desrespeito destes com os professores, o que poucas vezes é retratado no programa. Deise cita cenas do programa em que os jovens estão mais unidos, dizendo que na vida real os alunos não são assim e que “não existe professor assim como tem na *Malhação*”. Sabrina também diz que o programa não representa a realidade, pois em *Malhação* os alunos têm oficinas, atividades extras, aulas de teatro, os alunos conversam com a diretora, entre outras coisas que não acontecem em sua escola. Vanessa também diz que na realidade há muitas brigas e que os professores são mais rigorosos com o uso do celular e com as conversas em grupos. Sabrina e Vanessa dizem ainda que a única semelhança possível é o fato de que nas duas escolas são dadas aulas. Além disso, as duas comentam que o jeito como são dadas as aulas em *Malhação* é muito melhor e, “se fosse assim na vida real, seria mais fácil e legal estudar”. Alice também não identifica relação alguma. Cita que, em sua escola, há muita briga, diferença, preconceito e nem todo mundo se dá, diferente do que ocorre no programa. Também não considera os professores parecidos, diz que os da sua escola são mais rígidos. Por fim, Yara também vê algumas diferenças, principalmente o fato de que na *Malhação* os jovens se dão bem, diferente de sua escola, onde ocorrem algumas brigas.

Assim, todas as jovens dizem a mesma coisa: que em seu colégio os alunos não são tão unidos como representam ser em *Malhação*, as brigas são frequentes entre os jovens na

vida real, assim como algumas intrigas destacadas no programa, e os professores são mais rigorosos na vida real. Como observamos na descrição do programa *Malhação*, o relacionamento entre professores e alunos é, em geral, abordado de forma harmoniosa. São poucos os conflitos representados e, quando apresentados, são rapidamente resolvidos. Entendemos que, de fato, falta verossimilhança com as escolas da realidade: normalmente o relacionamento entre alunos e professores é mais conflituoso e os jovens não possuem toda a maturidade para lidarem com os assuntos abordados na escola, assim como são representados. Isso foi comprovado através da pesquisa de campo, já que as jovens entrevistadas não se veem representados em *Malhação* no que se refere à união entre professores e alunos, mas se identificam com as brigas e discussões que aparecem no programa.

Em relação às diferenças de classe social representada em *Malhação*, Deise e Leila também observam isso na sua escola, assim como em todas as outras. Contudo, elas deixam claro que, por estudarem em um colégio público e morarem em uma cidade menor, essas diferenças não são tão explícitas como em escolas particulares, por exemplo. Já as outras quatro meninas dizem que, em sua escola, não há diferenças entre pobres e ricos, já que a maioria dos alunos possui a mesma condição social. Apesar disso, Sabrina diz que “tem umas patricinhas que se acham demais” e Alice diz que até existe preconceito, mas não por ser pobre e rico, mas de quem tem um pouco mais. Isso demonstra que, mesmo estudando em uma escola em que todos os jovens possuem a mesma situação econômica, o que não justificaria o preconceito de classe, alguns jovens tentam se diferenciar. Apesar disso, como já afirmamos, nenhuma das jovens citou ter sido discriminada socialmente (apenas Vanessa e Yara dizem ter sofrido discriminação. Vanessa por ser gordinha e Yara por ser gordinha e baixinha).

Em relação ao que gostam e não gostam na escola onde estudam, Deise diz não gostar do desrespeito de alguns colegas e Leila não gosta de algumas garotas que “são bem metidas”. Sabrina e Vanessa somente gostam de ir para a escola para conversar com os amigos; as duas não gostam de estudar, mas sabem da importância do estudo em suas vidas. Alice diz gostar das amigas que tem na escola, mas não gosta de alguns professores e das brigas entre colegas. E Yara diz que, às vezes, gosta das aulas e de estudar, mas gosta pouco dos professores. Percebemos que elas não reclamam do colégio em si e das disciplinas. Somente dos professores e, principalmente, das atitudes de colegas e das brigas que ocorrem na escola. Isso comprova que, embora o cenário principal de *Malhação* seja uma escola, ela não aparece como tema específico na trama, mas sim como cenário onde as ações e as tensões da vida juvenil se dão. Percebemos, através da pesquisa de campo, o mesmo que afirmou Sousa (2007) quando disse que o ambiente escolar não configura, por si, conflitos internos: de um modo geral, os jovens estão

satisfeitos com as aulas e com os professores, não há questionamentos sobre currículos ou sobre a estrutura da escola. As jovens entrevistadas, assim como os jovens em geral, assumem a importância da escola, mas não contestam sua legitimidade e não criticam o sistema escolar no que diz respeito ao conteúdo ministrado, somente sabem que a educação é importante para seu futuro. (SPOSITO, 2005).

Comprovamos também que os temas escolares aparecem, geralmente, como artifícios da narrativa para introdução de diálogos sobre questões pessoais ou cotidianas dos personagens (SANTOS, 2007). Os únicos momentos em que isso não é confirmado em nossa pesquisa foi quando Leila afirmou gostar de assistir *Malhação* porque identifica os conteúdos passados na escola da ficção com os que são abordados em sua escola, e quando Sabrina e Vanessa dizem identificar as disciplinas e matérias abordadas no programa, mas dizem que o conteúdo refere-se ao que ainda aprenderão na escola. Assim, a escola da trama também acaba sendo vista por estas jovens como espaço que proporciona aprendizado. Mas, normalmente, a reflexão sobre a escola como um ambiente destinado ao ensino-aprendizagem e ao acesso do conhecimento aparece como plano secundário da trama e na vida das jovens. Primeiramente, a escola é retratada como palco dos debates e mobilizações. Para as entrevistadas, a escola também se apresenta como espaço de socialização, já que a maioria delas prefere ir à escola para encontrar com os amigos, conversar sobre temas abordados em *Malhação* e fazer bagunça, do que para estudar.

Apesar disso, elas, em diversos momentos da pesquisa, demonstram a importância do estudo em suas vidas. Como primeira ou segunda opção, cinco das jovens citam a necessidade de fazer um curso universitário: apesar de sonharem com a carreira de atriz e modelo, Deise, Leila e Sabrina dizem que, como segunda opção, fariam respectivamente Pedagogia, Medicina Veterinária e Arquitetura ou Estilismo. Já Vanessa e Alice têm a faculdade como primeira opção e sonham estudar Veterinária (Vanessa) e Enfermagem ou ir para a carreira militar (Alice). Assim, apesar de não gostarem de estudar, todas consideram o estudo importante. Deise diz que sem ele “a gente não consegue nada”; Sabrina considera sua importância para se conseguir um emprego; Yara concorda e acrescenta que, com o estudo, é possível “ter dinheiro e não depender dos outros”. Segundo ela, “dinheiro a gente precisa pra tudo”. Vanessa concorda com Yara e diz que o estudo é importante “para sustentar uma família no futuro”. De maneira geral, isso comprova o que diz Sposito (2005) quando mostra que a atual geração de jovens está inserida em uma sociedade escolarizada, sendo que a instituição escolar está no centro de seus referentes de identificação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após desenvolver uma análise da representação de juventude e de classe social no programa *Malhação* e buscar compreender como as jovens de classe popular se veem representadas no programa, de forma que isso interfira na formação de sua representação juvenil, podemos fazer algumas considerações.

Apesar de nem sempre ser citada como preferência, a TV mostrou-se importante na vida das jovens, pois ocupa o seu tempo livre, leva informação, promove o debate e gera momentos de socialização entre as jovens e suas famílias. Ocorre também a consolidação da internet entre as entrevistadas. Algumas jovens acessam em casa, mas a maioria frequenta *lan houses*. Apesar de elas citarem a importância da internet, a maioria diz que viveria sem ela. A TV aberta, diferente disso, continua sendo o meio com maior penetração entre as entrevistadas. Todas têm acesso à TV e afirmam que não viveriam mais sem este meio, o qual ajuda as jovens a pensarem e sonharem sobre diferentes assuntos, bem como ajuda a entender o que é ser jovem nos dias atuais.

Entre os programas preferidos, todas as entrevistadas citaram o gosto por *Malhação* e por diferentes novelas, mostrando que elas estão presentes e interferem no cotidiano das jovens e na representação que fazem de juventude e de classe. Nesse sentido, percebemos a importância que *Malhação* assume no debate social, já que o programa pauta muitas das conversas das jovens e serve de referência na identificação delas. Os temas abordados no programa são discutidos depois de seu desenvolvimento na trama e os atores servem de inspiração para as jovens, sendo que o dia a dia dos mesmos é motivo de pesquisas nos jornais e na internet.

Além de o elenco jovem ser maioria, a trama aborda questões da juventude e de seu cotidiano. Isso facilita a identificação por parte dos jovens com a temática e com os personagens do programa. A fim de aproximar também os familiares dos jovens para o momento de assistência, a produção da 18ª temporada de *Malhação* inseriu um grande número de personagens adultos à trama e, assim, desenvolveu temas que promoveram o debate entre os jovens e suas famílias, o que garantiu o debate também entre os espectadores do programa.

A 18ª temporada de *Malhação*, em especial, focou na relação entre diferentes classes sociais. Apresenta temas como o namoro entre jovens ricos e pobres, o conflito entre as famílias e a concessão de bolsas de estudo para alunos carentes. Apesar de ter promovido o debate sobre as diferenças de classe e ter contado com personagens de todas as camadas

sociais, a maioria deles foi representada como sendo de classe média e classe alta. Acreditamos que esta representação majoritária das classes altas é uma estratégia para fidelizar a audiência de classe C. Esta parcela assiste à TV, geralmente, para esquecer os problemas de seu dia a dia e sonhar com outras possibilidades, as quais muitas vezes permanecem no nível da representação apresentada pela televisão. Por isso, *Malhação* representa principalmente o modo de vida, os sonhos e aspirações da classe alta. Apesar disso, a identificação do jovem de classe popular com a realidade apresentada pelo programa também aconteceu, como mostraremos adiante.

Apesar de tratar das relações entre classes distintas, o programa não utiliza o termo classe social ou situação econômica para se referir à posição social dos personagens. Dessa forma, não os identifica como sendo de classe alta, média ou popular, mas utiliza expressões que nos remetem à sua condição social. Assim, através de termos como “estudiosos”, “frequentadores de aulas de ginástica e de festas”, “mimados”, “convencidos”, “ricos”, “espertos”, “fútil”, “ligada ao mundo fashion”, “patricinha” e “descolada” o programa representa a classe alta. E através de expressões como “nascida no subúrbio”, “brega”, “vindo da periferia”, “briguenta e barraqueira” o programa representa as classes populares. Também é possível inferir que estas descrições sejam levadas a cabo nas representações e nas atuações dos personagens. De fato, personagens como Catarina, Babi, Eric, entre outros, representam de forma coerente a realidade da classe alta, enquanto personagens como Pedro, Maicon, Dona Zica, Josiane, entre outros, representam a realidade de classe popular.

Mas, apesar de representar com verossimilhança as diferenças sociais, o programa continua amenizando os reais conflitos de classe, mostrando que as diferenças não importam, já que, em geral, todos os jovens estudam na mesma instituição, frequentam os mesmos ambientes e convivem em harmonia. Acreditamos que o programa não faz exatamente uma crítica à desigualdade; ele legitima a condição social como se fosse algo natural e sem importância, já que a ascensão é possível, através do esforço e da dedicação aos estudos ou através do casamento. Nesse sentido, o programa sempre apresenta a relação de amor entre jovens de classe distintas que não é aceita por suas famílias e amigos. Com a separação, cada jovem acaba se envolvendo com outras pessoas, mas a tendência é que os protagonistas fiquem juntos no final da temporada. Assim, *Malhação* mostra que, apesar dos desentendimentos e conflitos que ocorrem entre os casais, devido à sua diferente posição social, o amor vence qualquer obstáculo. Isso promove a ascensão social do jovem de classe popular e demonstra que a questão de classe não importa, já que o amor sublime é representado com prioridade.

No entanto, o programa também demonstrou, em algumas passagens, a importância da classe na definição identitária dos sujeitos. Nesse sentido, a 18ª temporada mostrou que o modo de vida do jovem, definido por seu poder econômico, sua cultura, sua posição social e seu consumo simbólico interfere na formação da identidade e da representação social das pessoas. Isso foi representado através da relação entre as famílias dos personagens Babi e Maicon, em que o primeiro grupo familiar deixa claro que o jogador de futebol e sua mãe nunca terão o padrão de vida que Babi e sua madrasta possuem. Pelo fato de não possuírem dinheiro, não terão acesso aos bens culturais que elas têm e, por isso, permanecerão na ignorância, o que conforma sua identidade. Através do personagem Maicon, assim como da personagem Josiane, o programa também demonstra a reprodução do gosto de classe como algo naturalizado, já que mesmo que os jovens ascendessem socialmente, eles não mudariam seu modo de vida, seus gostos e costumes em função do poder econômico ter se elevado.

Entendemos que, apesar das passagens em que aborda a questão da classe, a temporada poderia ter sido mais crítica quando apresenta as diferenças sociais entre os indivíduos. O programa, em geral, trata da condição social como sendo algo sem importância, já que, por exemplo, os namoros interclassistas são possíveis (mesmo que Babi rejeite Maicon por seu poder econômico e falta de cultura, eles ficam juntos ao final da temporada) e as atividades de lazer e o consumo dos jovens de classe popular são muito parecidos com os hábitos dos jovens de classe alta. Apesar de faltar com verossimilhança nesta questão, as jovens aceitam a visão apresentada no programa, pois se veem representadas nele: apesar de serem de classe popular, também demonstram que as desigualdades se diluem, por exemplo, através do consumo e da relação entre jovens ricos e pobres (o que é normal, segundo elas). Nesse sentido, as entrevistadas acreditam que o jovem e os conflitos da juventude são bem representados na trama e se veem, de alguma forma, representadas em *Malhação*, citando situações como a gravidez na adolescência, hábitos de lazer, questões referentes ao consumo e ao comportamento dos jovens. Suas opiniões assemelham-se, principalmente, no que diz respeito ao relacionamento entre jovens pobres e ricos. Mesmo que não cite situações ocorridas em suas vidas, as jovens lembram de pessoas próximas que enfrentaram problemas parecidos. Entendemos que, através da verossimilhança entre a ficção e a realidade, a representação juvenil apresentada em *Malhação* serve de exemplo para as entrevistadas e, assim, interfere na construção de representações de juventudes e de classe social por parte delas.

No que diz respeito ao consumo, confirmamos que a 18ª temporada está focada no consumo de roupas, sapatos, produtos de beleza e tecnologias em geral. Todas as entrevistadas comparam o consumo representado no programa com o consumo dos jovens no

cotidiano, dizendo que na vida real também são consumidos os produtos citados, principalmente, os produtos eletrônicos (computador e celular) e as roupas. Isso demonstra o desejo de consumo das próprias jovens, já que estes foram citados pela maioria das meninas como seus produtos desejados. Assim, apesar da contextualização da trama de *Malhação* representar com predominância o cotidiano de jovens de classe média alta e classe alta, as entrevistadas, de classe popular, se veem representadas no programa. Através do consumo, que pode ser realizado em prestações, a desigualdade existente no plano da produção se dilui, como se fosse possível a igualdade e a ausência de distinção entre as classes.

Todas as jovens consideram ser influenciadas a consumir a partir do que passa na TV e pelo que é apresentado em *Malhação*. Além disso, todas afirmam possuir amigas consumistas e a maioria também se considera como tal. Porém, não citam a situação financeira como impedimento para o consumo. Este consumo é representado na narrativa e assumido pelas jovens como elemento constitutivo da sua cultura, já que, através dele, as jovens expressam significados, valores, e distinguem seus modos de ser.

Apesar da 18ª temporada ter investido no *merchandising*, através de inserções das marcas Fanta (refrigerante) e KIA (carro), as jovens não citam preferencialmente estes produtos como sendo os consumidos na trama, nem os que elas são influenciadas a consumir. Quando citam o consumo de produtos eletrônicos em *Malhação* e o seu desejo por consumir tais produtos, seus desejos se associam aos desejos da maioria dos jovens atualmente. Além disso, quando demonstram o gosto por maquiagens, acessórios, roupas e calçados, elas confirmam que o cuidado com a beleza é típico das mulheres. Em relação às marcas, confirmamos a tendência de que a fidelidade entre a marca e o consumidor pode ser estabelecida. Assim, *Malhação* serve de referência para o consumo das jovens entrevistadas.

No que diz respeito à forma como *Malhação* mostra a relação do jovem com seus amigos, todas as jovens consideram o programa realista. Elas identificam semelhanças da representação juvenil apresentada por *Malhação* no que se refere à ajuda entre os amigos, os trabalhos em grupo, as brigas entre os jovens, etc. Mas também identificam situações com as quais não se veem representadas ou das quais buscam afastamento, como a questão das drogas.

No que diz respeito às relações afetivas dos jovens, verificamos que os conflitos amorosos em torno de um casal protagonista, cuja união encontra dificuldades a serem superadas ao longo da trama, foi novamente o eixo temático central da 18ª temporada de *Malhação*. A relação entre Pedro e Catarina, ele pobre e ela rica, foi o foco da trama e, a partir dela, outras questões conflituosas do universo jovem foram abordadas, como a virgindade, a

gravidez na adolescência, o romantismo e a sexualidade. Estas situações serviram de referência para as jovens entrevistadas. A maioria delas acredita que existe verossimilhança da ficção com a realidade no que se refere à representação do namoro, casamento e das relações afetivas. Elas citam a questão da gravidez na adolescência como sendo o tema com o qual conseguem identificar situações reais, vivenciadas por amigas, primas e colegas de escola. Além disso, identificam a relação conhecida como “ficar”, representada em Malhação, como sendo típico de sua idade. Porém, duas das jovens não acham a representação do namoro no programa parecida com suas realidades, mas não citam esta discordância em função de questões relacionadas à classe social, já que acreditam nas relações interclassistas.

Em geral, as jovens demonstram que a questão social não é um empecilho para que elas constituam um namoro ou uma amizade. Apesar disso, percebemos que a relação de amizade com os amigos da mesma classe social das jovens é melhor do que a relação com jovens de classes distintas. Assim, apesar da maioria afirmar possuir amigos mais pobres, o relacionamento entre a mesma classe é mais comum entre as jovens entrevistadas, mostrando que a questão de classe interfere em seus vínculos de amizade.

Outra forma de identificação com o programa são as atividades de lazer. Este ocupa grande parte do tempo livre das jovens, que revelaram a importância que dão para a circulação e o desenvolvimento da socialidade ligada à diversão. Enquanto algumas entrevistadas se veem representadas no programa, citando o Shopping Royal como sendo parecido com o Bar Boladão, representado no programa, outras não se identificam com o lazer representado na trama. Nesse momento, a discordância apresentada por duas das jovens pode ser relacionada à questão de classe, já que elas citam o clube frequentado pelos jovens de Malhação como sendo o local de lazer dos mesmos e, por não terem acesso a um lugar como esse, não consideram a representação parecida com sua realidade (ao assumirem à falta de acesso, estas jovens assumem indiretamente sua posição social). Uma destas jovens assume diretamente sua posição de classe ao afirmar que possui o desejo de viajar, mas não possui condições financeiras para isso. Outras duas jovens, que demonstram o mesmo desejo, apresentam outros motivos para não o fazerem: o empecilho de uma é a idade e da outra são os estudos e a permissão da mãe.

Ainda em relação ao lazer das entrevistadas, percebemos que as atividades ligadas aos meios de comunicação também aparecem como preferências de lazer das entrevistadas. Nesse sentido, assistir TV mostrou-se como a principal atividade realizada durante a semana, enquanto o encontro com amigos é uma das preferências nas atividades de lazer do final de

semana. Em relação ao lazer entre família, verificamos que este se restringe às viagens para visitar parentes e aos momentos em que se reúnem em casa para jantar, conversar e assistir TV.

Em relação à representação da escola, observamos que falta verossimilhança entre a escola da ficção e as escolas da realidade, já que as jovens entrevistadas não se veem representados em *Malhação* no que se refere à união entre professores e alunos, mas se identificam com as brigas e discussões que aparecem no programa. Todas as jovens dizem a mesma coisa: que em seu colégio os alunos não são tão unidos como representam ser em *Malhação*, as brigas são frequentes entre os jovens na vida real, assim como algumas intrigas destacadas no programa, e os professores são mais rigorosos na vida real. Mais uma vez, a discordância com a representação em *Malhação* não se refere a questões de classe social.

Em relação ao que gostam e não gostam na escola onde estudam, percebemos que elas não reclamam do colégio em si e das disciplinas. Só reclamam dos professores e, principalmente, das atitudes de colegas e das brigas que ocorrem na escola. Isso comprova que, embora o cenário principal de *Malhação* seja uma escola, ela não aparece como tema específico na trama, mas como cenário onde as ações e as tensões da vida juvenil se dão. Para as entrevistadas, a escola se apresenta como espaço de socialização, já que a maioria delas prefere ir à escola para encontrar com os amigos, conversar sobre temas abordados em *Malhação* e fazer bagunça, do que para estudar. Apesar disso, em diversos momentos da pesquisa, todas as jovens demonstram a importância do estudo em suas vidas. Até mesmo as entrevistadas que pretendem seguir profissões sem necessidade do curso superior, citam o desenvolvimento da faculdade como sendo necessária, mesmo que seja tratada como segunda opção. Nesse sentido, cinco das seis jovens citam a necessidade de fazer um curso universitário e, apesar de não gostarem de estudar, todas consideram o estudo importante, comprovando que a atual geração de jovens está inserida em uma sociedade escolarizada, sendo que a instituição escolar está no centro de seus referentes de identificação (SPOSITO, 2005).

No que se refere à representação da família, verificamos que a 18ª temporada apresentou diferentes configurações familiares (coerentes com a realidade das famílias atuais), sendo que todas as jovens acreditam que a forma como *Malhação* representou a relação do jovem com sua família condiz com a realidade. Elas concordam, principalmente, com a representação da união entre as famílias e com a representação coerente das distinções entre pobres e ricos, especificamente, as diferenças entre os personagens Pedro e Catarina e os conflitos pelos quais passam com suas famílias ao lutarem pelo seu amor.

Em relação à identificação com as famílias representadas no programa, quatro jovens identificam-se com a família do personagem Pedro, outra se identifica com a família de

Maicon e outra com a família de Catarina. A identificação se dá no nível dos valores, através de questões como união, proteção, apoio, educação, respeito. Somente uma jovem se identifica com Pedro por sua condição social ser semelhante à do personagem e, nesse caso, assume sua posição social. Enquanto isso, mesmo que as outras quatro jovens sejam de classe popular como os personagens que citam (Pedro e Maicon), elas não mencionam esse detalhe como referente de identificação. Assim como Yara, que se identifica com Catarina pelo jeito como ela age, as quatro jovens também se identificam por questões subjetivas, as quais não são relacionadas pelas jovens com a cultura popular.

Isso também é verificado no momento em que as jovens se identificam com personagens específicos da 18ª temporada de *Malhação*. Duas entrevistadas identificam-se com Catarina e outra se identifica com Duda (ambas de classe alta). Percebemos que a identificação, mais uma vez, se dá de forma subjetiva, por questões que não dizem respeito aos conflitos de classe ou às condições econômicas. Já outras duas jovens identificam-se com personagens de classe popular. Estes são citados tanto em função da classe social assemelhar-se à condição social das entrevistadas, mostrando que as jovens assumem sua posição social, quanto por questões subjetivas. Apesar da situação econômica também interferir na identificação destas duas jovens, percebemos uma predominância das questões que dizem respeito ao modo de agir e de se relacionar do personagem citado, questões com as quais as jovens se identificam mais do que com a situação econômica. Assim, dizemos que a identificação das jovens se dá preferencialmente de forma subjetiva. Esse aspecto também é percebido quando as jovens citam personagens como Maicon e Pedro como sendo seus personagens favoritos. Apesar destes personagens serem representantes da mesma classe social que as jovens, elas gostam deles devido ao modo de eles agirem na trama.

O mesmo foi verificado quando as jovens citaram as novelas, personagens e temas que marcaram suas vidas, sendo que a questão da classe social não serviu de referência. Nenhum dos temas citados aborda questões relacionadas às diferenças de classe, assim como nenhum dos personagens foi citado em função de sua posição social, mas em função do seu modo de vida e dos ensinamentos que passou. O mesmo ocorre em relação aos ídolos da TV: verificamos que a classe social do personagem não interfere no gosto das entrevistadas, sendo que elas citam personagens em função da simpatia dos mesmos, pelo seu modo de vida ou pelo tema que abordaram, independente da posição social que assumiram na trama. Além disso, quando três das jovens citaram o gosto pela temporada *Malhação ID* pelo fato dela ter abordado a relação de amor entre os protagonistas de classes distintas, a questão da classe se

evidencia novamente como algo que não importa, pois as jovens observam que as relações interclassistas são possíveis na vida cotidiana.

As jovens, em geral, reconhecem as diferenças de classe representadas pelo programa, já que associam a ficção à realidade no momento em que citam o típico jovem pobre e o típico jovem rico apresentado em *Malhação*. Porém, a questão da identificação com a representação de juventude não está diretamente ligada à posição social ocupada pelas entrevistadas ou pelos personagens que elas citam como marcantes na trama, mas pelos temas abordados no programa e pela proximidade de alguns deles com sua vida cotidiana. Observamos que a mediação da classe social se revela, mais especificamente, quando as jovens se interessam pelos conflitos e resoluções oriundos do par romântico formado pela moça pobre/rapaz rico ou pela moça rica/rapaz pobre. Segundo as entrevistadas, este foi o tema que mais promoveu o debate a respeito das diferenças de classe. Elas dizem que, também na vida real, por mais que o casal se goste, uma diferença de poder econômico influencia na relação e o preconceito com os pobres é também recorrente. Apesar disso, elas observam que as relações interclassistas são possíveis na vida real, assim como se mostram possíveis no programa e, nesse sentido, revelam um mecanismo de projeção no qual manifestam o desejo de também conseguirem enfrentar as dificuldades oriundas de sua posição de classe e encontrem um amor verdadeiro.

Entendemos que o presente trabalho não esgota as possibilidades de análise que poderíamos desenvolver sobre o programa *Malhação* e sua relação com a representação de jovens de classe popular. Mas, a partir da reflexão aqui empreendida, buscamos contribuir, mesmo que minimamente, para a pesquisa em Comunicação. Novos desafios surgiram ao longo do desenvolvimento deste estudo, os quais servem de base e motivação para a continuidade da pesquisa, através do aprofundamento do que vem sendo estudado e da observação de novas perspectivas.

## REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Larissa Guimarães Martins. **O Feminino e o Masculino em “Malhação”**: identidade e identificação de adolescentes frente à telenovela. Dissertação de Mestrado. 2003.
- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2005.
- ALVES, Maria Inez Masaro. **O adolescente e a TV**: o caso da telenovela Malhação. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP. 2000.
- AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; DAMASCENO, Prisciany Ramos; TERTO, Luisa de Marilak de Souza; SILVA, Renata Raimundo da. **Arranjos familiares de crianças das camadas populares**. Revista Psicologia em Estudo. Volume 8. Maringá/PR, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722003000300003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722003000300003&script=sci_arttext). Acessado em 25 de janeiro de 2012.
- ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. **A sexualidade, o adolescente e o mundo teleficcional: Malhação em destaque**. UNIrevista, São Leopoldo/RS - Vol. 1, nº 3: p. 1-11 (julho 2006)
- ANG, Ien. **Watching Dallas: soap opera and melodramatic imagination**. London/New York: Routledge, 1985.
- ASSIS, Silvia Regina de. **Entre o pátio e a sala de aula: Malhação na tela e na escola**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Nove de Julho – UNINOVE. São Paulo, 2008. 195p.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2005.
- BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CASTRO, Elisa Guaraná de. CARNEIRO, Maria José. (orgs). **Juventude rural em perspectiva**. Mauad Editora Ltda. 2007.

CALAZANS, Gabriela. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2005.

CARLINI-MARLATT, Beatriz. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2005.

COUTINHO, Lídia Miranda. **Uma representação midiática de jovem e de escola: a telenovela Malhação e seus modos de endereçamento**. Dissertação defendida no Mestrado em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Santa Catarina. 2009.

COUTINHO, Lídia Miranda; QUARTIERO, Elisa Maria. **Uma representação midiática de jovem e escola: A telenovela Malhação e seus modos de endereçamento**. Anais da 32ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação): Sociedade, cultura e educação: novas regulações? GT Educação e Comunicação. Caxambu/MG, 2009.

DIAS, Mario Aparecido. **Indústria Cultural: Uma Análise Semiótica de Discursos Manifestados na Telenovela Malhação**. Dissertação defendida no Mestrado em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação da Universidade Braz Cubas. Mogi das Cruzes/SP. 2007.

DIAS, Valton Neto Chaves. **O consumo de música regional como mediador da identidade**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2009.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Ed. on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERNANDES, Cristina Santos. **TV e direitos humanos: as representações sociais de adolescentes sobre os direitos humanos**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba. Paraíba. 2007.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In.; PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2004.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Globalização Imaginada**. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GOMES, Eunice Simões Lins. **Informação, Estética e Sociedade: Um estudo da ficção seriada Malhação**. Dissertação defendida no Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Paraíba. 2000.

GUIMARÃES, Antônio S. A. **Classes, raça e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. “Quem precisa de identidade?”. In: SILVA, Tomás Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HERBEST, Dacia Fingerhut. **Produção televisiva e imagem corporal: estudo do seriado Malhação**. Dissertação defendida no Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista. São Paulo. 2003.

Ibope Mídia. Target Group Index, 2010. Disponível em: [http://www.ibope.com.br/maximidia2010/download/Classe\\_C.pdf](http://www.ibope.com.br/maximidia2010/download/Classe_C.pdf), acessada em 20 de janeiro de 2012.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JACKS, Nilda (coord); MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Trad.: Susana Alexandria. São Paulo: Editora ALEPH, 2008.

JESUS, Paulo de; PATRIOTA, Nara Silvana Albuquerque. **Telenovela Malhação e cotidiano de prováveis extensionistas rurais em formação**: um estudo de recepção junto a estudantes em São Lourenço da Mata – Pernambuco. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.30, n.1, p. 195-214, jan./jun. 2007

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

JUNQUEIRA, **A noção de representação social na sociologia contemporânea**. Estudos de Sociologia, Araraquara, p. 145-161, 2005.

KIM, Sujeong. **Rereading David Morley's the Natiowide Audience**. Cultural Studies Vol. 18, No. 1 January 2004, pp 84-108.

KOHLSDORF, Nara. **Televisão: a socialização na sociedade de consumo**. Dissertação de Mestrado. 2002

LA PASTINA, Antonio C. Etnografia de audiência: uma estratégia de envolvimento. In.: JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa R.; VILELA, Rosario Sánchez. **O que sabemos sobre audiências?: estudos latino-americanos**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.

LEAL, Ondina Fachel Leal. **A leitura social da novela das oito**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo et al. Transmediação, plataformas múltiplas, colaboratividade e criatividade na ficção televisiva brasileira. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo (org). **Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas**. São Paulo: Globo, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

MALHAÇÃO ID. **Temporada 2009 - 2010**. Disponível em <http://malhacao.globo.com/Novela/Malhacao/0,,4028,00.html>, acessado em 20 de abril de 2010.

MALHAÇÃO 2010. Disponível em <http://especial.malhacao.globo.com/personagens/> Acessado em 25 de setembro de 2010.

MALHAÇÃO 2010/2011. Disponível em <http://malhacao.globo.com> . Acessado em 10 de julho de 2011.

MALHAÇÃO BR. Disponível em: <http://malhacao-br.blogspot.com/search/label/Cr%C3%ADticas?&max-results=3>, acessado em 26 de setembro de 2010.

MARGULIS, Mario. **Sociología de la cultura. Conceptos y problemas**. Buenos Aires: Biblos, 2009.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Oficio de cartógrafo**. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002a.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002b. p. 11-18.

\_\_\_\_\_. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. SOUSA, Mauro Wilton de (org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002c. p. 39-68.

\_\_\_\_\_. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dennis de (org). **Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003a. p. 57-85.

\_\_\_\_\_. Pistas para entre-ver meios e mediações. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003b. Prefácio à 5ª edição castelhana incluída na reimpressão. p. 11-21.

\_\_\_\_\_. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dennis de (org). **Sociedade Mediatizada**. Tradução de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

\_\_\_\_\_. **Uma aventura epistemológica**. Entrevista a Maria Immacolata Vassalo de Lopes. **Matrizes**, ano 2, n. 2, 2009a.

\_\_\_\_\_. **As formas mestiças da mídia**. Pesquisador fez da América Latina laboratório de uma original teoria da comunicação no mundo globalizado. Entrevista a Mariluce Moura. Pesquisa Fapesp, 2009b.

MEDRONHA, Jacira S. **Programa Malhação: em busca de um formato**. In: X Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional - X REGIOCOM, 2005, Chapecó. p. 01-11.

MENEGAZ, Camila Vital. **Dez anos de Malhação: e como fica a adolescência?** Dissertação, (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2006. 181p.

MILIBAND, Ralph. Analisis de Clases. In: GIDDNES, Anthony et al. (Org.). **La teoría social, hoy**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

MORLEY, David. **The Nationwide Audience: Structure and Decoding**. London: British Film Institute, 1980.

MONZILLO, Marina. **Jacobina faz sua primeira novela**. Disponível em [http://www.terra.com.br/istoegente/134/divearte/tv\\_jacobina\\_novela.htm](http://www.terra.com.br/istoegente/134/divearte/tv_jacobina_novela.htm). Acessado em 19 de maio de 2011.

MTV Brasil. **Dossiê Universo Jovem MTV/2008**. Disponível em: <http://www.aartedamarca.com.br>. Acessado em: 20 jan. 2010.

MURDOCK, Graham. **Comunicação contemporânea e questões de classe**. Revista Matrizes, ano 2, número 2, 2009.

NANAKA, Humberto Massahiro. **O jovem brasileiro de classe média e a série *Malhação: juventude, cultura e modernidade***. Dissertação, (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Cuiabá, 2007. 125p.

Notícia: **Bastidores de Malhação**. Disponível em: <http://malhacao-br.blogspot.com/search/label/Bastidores?&max-results=3>, acessado em 26 de setembro de 2010.

Notícia: **Emanuel Jacobina diz que "Malhação" virou espécie de "jabulani" e tenta levantar os índices do programa**. Disponível em [http://natelinha.uol.com.br/2010/07/31/not\\_32998.php](http://natelinha.uol.com.br/2010/07/31/not_32998.php), postado em 31 de julho de 2010 e acessado em 14 de dezembro de 2010.

O planeta TV. **Emanuel Jacobina comenta sobre a nova fase de "Malhação"**. Disponível em <http://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticia/emanuel-jacobina-comenta-sobre-a-nova-fase-de-malhacao-14588.html>, postado em 30 de Julho de 2010 e acessado em 19 de maio de 2011.

OLIVEIRA, Eva Aparecida de. **O cotidiano da tela da TV e na esfera educacional**. Dissertação, (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003. 109p.

OLIVEIRA, Vanessa de. **Quilombo contemporâneo: o fluxo televisivo mediado pela identidade étnica e movimento social**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2008.

PATRIOTA, Nara Silvana Albuquerque. **Telenovela Malhação e cotidiano de prováveis extensionistas rurais em formação: um estudo de recepção junto a estudantes do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas - CODAI, em São Lourenço da Mata – PE**. Dissertação defendida no Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pernambuco. 2006.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

**Projeto Sonho Brasileiro**. Disponível em <http://www.osonhobrasileiro.com.br/indexi2.php?id=1101>, acessado em 30 de junho de 2011.

QUADROS, Waldir José de; ANTUNES, Davi José Nardy. **Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa**. Cadernos do CESIT, Campinas, nº 30, out. 2001.

RABAIOLLI, Janderele. **Merchandising editorial: realidade e ficção na sobreposição do discurso**. Dissertação, (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste Paranaense - UNIOESTE, Cascavel/PR, 2008. 157p.

ROCHA, Simone Maria. **Estudos culturais e estudos de mídia: modos de apresentação dos sujeitos em programas televisivos**. *Libero*. Ano XI, nº 21, junho de 2008.

RONSINI, Veneza Veloso Mayora. **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção)**. In: XIX Encontro da Compós. Rio de Janeiro/RJ: PUC-RJ, 2010.

ROSSATTO, Alexania. **A recepção de rádio e televisão por jovens do movimento dos atingidos por barragens: as representações da classe popular**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2008.

SANCHES, Ana Cláudia Neif. **Educação do olhar: a imagem e a mídia na formação do repertório cultural do adolescente**. Dissertação defendida no Mestrado em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda. São Paulo. 2009.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. **Estrutura de Posições de Classe no Brasil: Mapeamento, mudanças e efeitos na renda**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2002.

SANTOS, Vanderlei Siqueira dos. **A mediação docente na educação para a mídia**. Dissertação, (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007. 179p.

SCOSS, Daniela Moraes. **Navegar é preciso: pesquisa de recepção virtual através do estudo de caso do Portal *Malhação***. Dissertação de Mestrado. ECA, 2003.

SERRA, Giane Moliari Amaral. **Comer com os olhos: discursos televisivos e produção de sentidos na promoção da saúde nutricional de adolescentes.** Tese defendida no Doutorado em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. 2008.

SIFUENTES, Lírian. **Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular.** Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2010.

SILVA, Renata Córdova da. **Feminino velado: a recepção da telenovela por mães e filhas das classes populares.** Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2011.

SILVA, Charles Da. **O amor em cena - um estudo sobre o consumo da telenovela Malhação por jovens educandos das redes de ensino pública e privada.** Dissertação defendida no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2005.

SOUSA, Cirlene Cristina de. **Juventude e escola: a interseção entre Malhação e o cotidiano dos jovens.** Dissertação, (Mestrado Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2007. 174p.

SOUZA, Ana Carmita Bezerra De. **O currículo cultural da série Malhação: desvelando aspectos pedagógicos endereçados à juventude.** Dissertação defendida no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará. Ceará. 2007

SOUZA, Noemia Maria De. **Cultura e mídia televisiva: jovens leitores de Arenópolis – MT.** Dissertação defendida no Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Mato Grosso. Mato Grosso. 2008.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In.: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). **Textos em Representações Sociais.** Petrópolis: Vozes, 1995.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2005.

SUGUITA, Stefania Domingues Pires B. **Cultura Midiática: "Malhação" e Erotismo. O diálogo entre o jovem e a linguagem erótica da tv**. Dissertação defendida no Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista. São Paulo. 2007.

TELEDRAMATURGIA. **Temporadas de 1995 a 2010 de Malhação**. Disponível em [www.teledramaturgia.com.br](http://www.teledramaturgia.com.br), acessado em 20 de abril de 2010.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

VALÉRIO, Sônia Maria da Silva. **A construção da mídia televisiva e impressa no processo de letramento dos alunos com necessidades educacionais especiais**. Dissertação defendida no Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté. São Paulo. 2004.

VIEIRA, Adriana Duarte Cordeiro. **Mídia-Educação e a relações de poder-saber: uma análise discursiva da telenovela Malhação**. Dissertação defendida no Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté, São Paulo. 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOTTRICH, Laura Hastenpflug. **Envelhecer com Passione: a telenovela na vida de idosas das classes populares**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2011.

WOTRICH, Laura, SILVA, Renata C. da; RONSINI, Veneza M. **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no estudo de recepção da telenovela**. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. Anais eletrônicos XXXII Intercom. Curitiba: Universidade Positivo, 2009.

**APÊNDICE A – Entrevista aplicada I****DADOS PESSOAIS:**

1. Nome:
2. Idade:
3. Telefone:
4. Escola:
5. Endereço:
6. Ocupação do Pai:
7. Ocupação da Mãe:
8. Com que mora?
9. Quantos moram na sua casa e quem são?
10. Trajetória do pai:
11. Trajetória da mãe:
12. Tem TV em casa?
13. Tem internet em casa? (banda larga, discada...)

**EM RELAÇÃO À TV E TELENVELA.**

14. Quais são os seus meios de comunicação preferidos?
15. Qual a importância da televisão na sua vida?
16. Você conseguiria viver sem televisão? E sem internet?
17. Você lembra da televisão ter lhe ajudado a:
  - Refletir sobre alguma coisa?
  - Sonhar com algo?
  - Comprar alguma coisa?
18. Quais os seus programas de TV preferidos?
19. Você tem algum ídolo da televisão? Quem?
20. Quais são seus atores preferidos?
21. Quais são seus atores jovens preferidos?
22. Qual é o principal local da casa onde você assiste televisão?
23. Com quem você assiste?
24. Quais os programas que mais assistem?
25. Costumam comentar sobre o que assistem?
26. Você faz alguma outra atividade enquanto assiste TV?
27. Você acha que aprende com a TV? O quê?
28. Você gosta de telenovela? Por quê?
29. Desde quando assiste à telenovelas?
30. Qual a telenovela que mais lhe marcou?
31. Quais telenovelas você assiste atualmente?
32. Lembra de alguma cena que mais lhe chamou a atenção nas telenovelas?
33. Lembra de algum personagem que lhe chamou a atenção nas telenovelas?

34. Você lê alguma revista ou acessa sites sobre telenovela?
35. Você considera que a novela ajuda a entender o que é ser jovem ou ajuda a pensar que jovem você é?

### **EM RELAÇÃO AO PROGRAMA MALHAÇÃO:**

36. Do que trata o Programa Malhação?
37. O que você mais gosta no Programa?
38. Lembra de alguma cena que mais lhe chamou a atenção em Malhação? E algum ator?
39. Qual é seu ator preferido da Malhação? Por quê?
40. Como o jovem é retratado em Malhação?
41. Qual personagem do programa você considera o típico jovem brasileiro? Por quê?
42. Você acha o programa realista?
43. Em Malhação, quais os personagens pobres mais realistas e quais os menos realistas?
44. E quais são os personagens ricos mais realistas e quais os menos realistas da novela?
45. Desde quando você assiste Malhação (quantos anos você tinha/que temporada era)?
46. Desde que você assiste, qual foi a temporada que você mais gostou de ver? Por quê?
47. Quantas vezes por semana você assiste Malhação?
48. Por que você assiste Malhação?
49. Você acompanha o programa veiculado na TV?
50. Alguém assiste Malhação com você? Quem?
51. Se alguém assiste ao programa com você, vocês conversam a respeito dele, dos temas, dos personagens ou somente assistem sem discutir a respeito?
52. Se conversam sobre o programa, qual é o assunto, da atual temporada de Malhação, que geralmente chama a atenção e vira assunto na conversa?
53. Quando você assiste ao programa na TV, você faz outra atividade no mesmo momento? Se sim, o que?
54. Se você perde um capítulo do programa, você procura vê-lo depois? Se sim, onde?
55. Você costuma pesquisar sobre Malhação em algum jornal ou revista? Se sim, qual o jornal ou revista? Que tipo de informação você busca?
56. Você costuma acessar a internet para pesquisar sobre Malhação?
57. O que você acessa na internet, relacionado ao programa? (site, comunidades do orkut, segue alguém no twitter, blogs do programa, acessa o youtube para assistir e baixar vídeos, outro espaço do programa na internet)
58. O que você busca quando acessa estes espaços na internet? (informações, novidades, baixar músicas, assistir a vídeos no youtube, baixar fotos, conhecer a vida dos personagens)
59. Você interage de alguma outra forma com o programa, por exemplo, manda vídeos, participa de enquetes, deixa comentários, etc? Se sim, como você interage?
60. Você procura informações sobre o programa em algum outro meio de comunicação? Qual? Que tipo de informação você busca neste meio?
61. Em geral, você se identifica com o jovem que é mostrado em Malhação ID? Em que aspectos?
62. Com qual personagem da atual temporada você mais se identifica? Por quê?
63. E entre os personagens masculinos, qual deles você mais gosta? Por quê?

64. Podemos perceber que muitos dos teus colegas não gostam de Malhação, porque você acha que eles não gostam?

#### **ESCOLA E MALHAÇÃO:**

65. Como a Malhação mostra a relação do jovem com a escola?  
66. O que você gosta e o que você não gosta na sua escola?  
67. O que tem na sua escola de semelhante e de diferente em relação a escola de Malhação?  
68. Muitas vezes, existe falta de interação entre jovens pobres e jovens ricos, em Malhação. Na sua escola, você observa isso? (bolsistas e não bolsistas, na escola particular)

#### **FAMÍLIA E MALHAÇÃO:**

69. Como a Malhação mostra a relação do jovem com a família?  
70. Com qual família de Malhação a sua família mais se parece? Por quê?  
71. Qual é a diferença entre as famílias pobres e as famílias ricas em Malhação?

#### **AMIGOS E MALHAÇÃO:**

72. Como a Malhação mostra a relação do jovem com seus amigos?  
73. Como você se relaciona com seus amigos? (atividades conjuntas, confiança, parceria, confidências)  
74. Você tem amigos de classes diferentes?  
75. Você tem dificuldades de se relacionar com algum amigo de classe diferente? Por quê?  
76. No seu grupo de amigos, vocês costumam conversar sobre Malhação? Se sim, qual é assunto que mais aparece nas conversas?

#### **RELAÇÕES AFETIVAS E MALHAÇÃO:**

77. Como a Malhação mostra o namoro, o casamento e a gravidez na adolescência?  
78. Os casais de sua escola, ou amigos, já passaram por situações semelhantes?

#### **CONSUMO E MALHAÇÃO:**

79. Quais são os produtos que os jovens de Malhação gostam? (roupa, carro, computador, celular, mp3, instrumentos musicais, vestuários, acessórios, o que consomem)  
80. Comparando os jovens de Malhação com os jovens que você conhece, quais as semelhanças e as diferenças que você pode observar?  
81. Quais as atividades de lazer dos jovens de Malhação?  
82. Comparando os jovens de Malhação com os jovens que você conhece, quais as semelhanças e as diferenças que você pode observar?

## APÊNDICE B - Entrevista aplicada II

**Data:** \_\_\_\_\_ **Local:** \_\_\_\_\_  
**Duração:** \_\_\_\_\_ **Nome:** \_\_\_\_\_

### **Trajetória de vida:**

1. Você poderia se definir, falar das suas qualidades e defeitos?
2. Como é sua rotina?
3. Fale de sua trajetória, desde pequena até a adolescência.
4. Fale um pouco da sua infância, detalhes que marcaram sua vida.
5. O que você costuma fazer nas horas de lazer?
6. O que você gostaria de fazer nas horas de lazer, mas não consegue (explicar o motivo)
7. Quais são as suas principais preocupações? (dinheiro, escola, família).
8. Se você não tivesse preocupações, o que você gostaria de fazer no seu tempo livre?
9. O que lhe impede de fazer isso hoje?
10. Como você se define?
11. Qual é seu maior sonho?
12. Qual a melhor coisa da sua vida? Qual a pior?

### **Família:**

13. Fale um pouco da trajetória da sua família.
14. Como você descreveria sua mãe?
15. Como é a sua relação com a sua mãe?
16. Que tipos de assuntos você conversa com a sua mãe?
17. Como você descreveria seu pai?
18. Como é a sua relação com seu pai?
19. Que tipos de assuntos você conversa com seu pai?
20. Como você descreveria seus irmãos?
21. Como é a sua relação com seus irmãos?
22. Que tipos de assuntos você conversa com seus irmãos?
23. Qual é o maior aprendizado que a sua família lhe passa?
24. Com que frequência seus familiares pedem sua opinião e lhe contam as coisas? Você acha isso bom ou ruim?
25. Como é o seu ambiente familiar? Você acha que seus pais lhe criaram bem ou faltou algo na sua infância que lhe prejudica hoje? (presença de violência, educação)
26. Das pessoas que moram com você, qual delas é mais próxima, com quem você mais conversa e troca confidências?
27. Os seus pais e irmãos se preocupam com as pessoas que vivem com dificuldades econômicas?
28. Que atividades de lazer você realiza com a sua família?
29. Você costuma viajar com sua família? Para onde?
30. Qual a diversão preferida do seu pai? E da sua mãe?
31. O que seus pais querem para seu futuro?
32. Qual é a profissão que você quer seguir no futuro? Por quê?
33. Se você não conseguir, qual outra profissão ou atividade você tentaria?

**Consumo**

34. Você se considera consumista? Por quê?
35. Que tipos de produtos você costuma comprar?
36. O que você gostaria de comprar, mas não pode?
37. Você costuma ir ao shopping? Com que frequência? Por que vai?
38. Você é influenciada pelas propagandas que passam nos meios de comunicação? (TV, rádio, computador, jornal, etc)
39. Você já comprou algo que viu na TV? O que?
40. Você compra produtos de marca? Por quê?
41. O importante para que você se sinta bem com uma roupa é que:
  - ( ) seja diferente do que todos estão usando no momento
  - ( ) siga a tendência da moda para não se sentir fora do seu tempo ou do grupo
42. Você considera seus amigos consumistas?
43. Tem algum produto que você considera que a maioria dos jovens compra atualmente? Qual?
44. Tem algum produto que você considera que seja consumido apenas por jovens de classe alta?
45. Tem algum produto que seja consumido apenas pelos jovens de classe baixa?

**Relações afetivas:**

46. Você tem muitos amigos?
47. Você tem mais amigos ou amigas?
48. Você costuma contar seus segredos para seus amigos?
49. Quais os principais assuntos que você conversa com suas amigas?
50. Você tem namorado?
51. Estão juntos a quanto tempo?
52. Você acha que ele é o homem da sua vida? Por quê?
53. Se não, você gostaria de estar namorando?
54. Como você imagina seu namorado?
55. Você pensa em casar, ter filhos, constituir uma família?
56. Com quantos anos pretende casar e ter filhos? Por quê?

**Escola:**

57. Conte um pouco da sua história na escola:
58. Qual foi o acontecimento mais marcante que você viveu na escola?
59. Você acha que a tendência é o jovem, na escola/universidade, procurar conviver com pessoas do mesmo grupo social que o dele ou de um grupo diferente?
60. Os professores discutem a pobreza no Brasil? Como?
61. Por que os jovens estudam tão pouco?
62. O que o estudo representa para o seu futuro?

**Percepções sobre a juventude:**

63. O que você pensa sobre os jovens atuais? Você acha que antigamente o comportamento deles era diferente de agora? Você acha que mudou para melhor ou para pior?
64. O que você caracteriza como sendo típico da fase juvenil?
65. Quais são as diferenças que você percebe entre jovens ricos e pobres (lazer, mídia, estudo,).
66. O que significa ser “jovem”?
67. Você gosta de ser jovem?
68. Como é o jovem brasileiro?
69. O que a sua família lhe ensinou sobre ser jovem?
70. O que Malhação mostra sobre o que é ser jovem?
71. Quais são as principais dificuldades que um jovem enfrenta?
72. E quais são as melhores coisas de ser jovem?
73. Fale-me sobre um jovem que você admira.
74. Você já se sentiu discriminada? Por que motivo?
75. Qual a sua opinião sobre a virgindade?
76. O que você acha do jovem que trabalha e estuda? E daquele que só estuda?
77. Qual deve ser a prioridade de um jovem?

**Classe social**

78. Descreva o dia a dia de um jovem pobre:
79. Descreva o dia a dia de um jovem rico:
80. Que locais os jovens pobres e os jovens ricos costumam frequentar em Santa Maria?
81. Por que alguns jovens não conseguem emprego?
82. É possível saber a origem social de uma pessoa sem conhecê-la?
83. Se você decidisse participar de algum tipo de organização ou movimento social, qual seria ou, pelo menos, qual objetivo ele teria?
84. Qual é a causa da pobreza no Brasil?
85. Como você se relaciona com pessoas de outras classes sociais?